



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**MARLON CAVALCANTE SANTOS**

**A DINÂMICA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA NA INDÚSTRIA DE  
CONFECÇÃO EM FORTALEZA-CEARÁ**

**FORTALEZA**

**2014**



MARLON CAVALCANTE SANTOS

**A DINÂMICA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA NA INDÚSTRIA DE  
CONFECÇÃO EM FORTALEZA-CEARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Geografia.

Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva.  
**ORIENTADOR**

Fortaleza

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências e Tecnologia

---

S236d Santos, Marlon Cavalcante.  
A dinâmica dos circuitos da economia urbana na indústria de confecção em Fortaleza - Ceará /  
Marlon Cavalcante Santos. – 2014.  
149 f.: il. color. enc.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Departamento de  
Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2014.  
Área de Concentração: Natureza, Campo e Cidade no Semiárido.  
Orientação: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva.

1. Comércio varejista. 2. Indústria de confecção. 3. Economia urbana. 4. Fortaleza (CE). I.  
Título.

---

CDD 910

Universidade Federal do Ceará – UFC  
Programa de Pós-Graduação em Geografia

**PARECER**

“A DINÂMICA DO CIRCUITO DA ECONOMIA URBANA NA PRODUÇÃO DE CONFEÇÕES EM FORTALEZA- CEARÁ”.

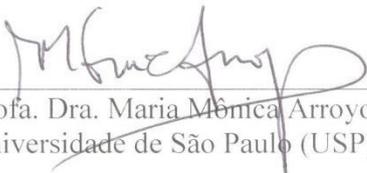
**Marlon Cavalcante Santos**

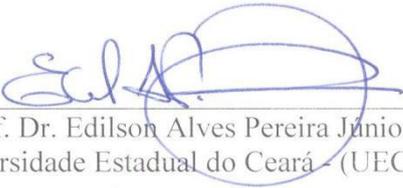
Defesa em 22 de abril de 2014.

Conceito obtido: APROVADO

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará - (UFC)  
Departamento de Geografia

  
Prof. Dra. Maria Mônica Arroyo  
Universidade de São Paulo (USP)

  
Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Junior  
Universidade Estadual do Ceará - (UECE)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, acima de tudo, por sua imensa bondade ao me proporcionar esta conquista em minha vida. A Ele, que é o autor de minha trajetória. Agradeço, também, a São Francisco, santo de minha devoção, por estar sempre comigo.

Aos meus avós, Edmundo Soares Cavalcante e Raimunda Hermenegilda Cavalcante. Estas linhas não conseguem expressar a gratidão que tenho por vocês, que têm cuidado de mim até hoje. O “vô” e a “vó” são minhas riqueza e amor.

Agradeço à minha mãe, Tânia Cavalcante, que também tem cuidado de mim, bem como ao meu pai, Antônio Lima, a quem também sou grato. Aos meus irmãos, Michael Santos, João Matheus de Oliveira, Mirela Cavalcante e Ítalo Cavalcante.

Aos meus tios, Arnold Lopes, Otacília Lopes e Maria de Lourdes Melo, que me acolheram em sua casa quando vim do interior à Fortaleza, muito obrigado pela generosidade.

Quanto ao meu Orientador, prof. José Borzacchiello da Silva, não tenho palavras para agradecer-lo por fazer toda a diferença em minha vida. Não sei expressar a gratidão por tudo que o senhor me proporcionou, de forma justa e ética. Minha gratidão não só se remete ao trabalho acadêmico, mas se estende por muitos aspectos de minha vida. Muito Obrigado ao senhor, professor, por tudo.

À profa. Emília Velloso, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, por seu incentivo e ajuda nas discussões da pesquisa.

Minha gratidão, também, à profa. Clélia Lustosa, por todos esses anos de convívio e incentivo, proporcionando sempre alegria. A essa pessoa cheia de energia positiva que faz a nossa Geografia diferente. Ao prof. Eustógio Dantas, por suas orientações e pela oportunidade de seu convívio. Ao prof. Alexandre Queiroz, muito obrigado pela confiança no primeiro semestre da licenciatura em Geografia. Aos demais professores: Eliza Zanela, Alexandra Muniz, Amaro Alencar, Adriany Goraieby, Alexandra Maria, Edivani Barbosa, Cristian Denis.

Às minhas professoras do primário, em especial à tia Adelaide (*in memoriam*), por ter me ensinado, mesmo fora do período letivo, em sua residência. Além disso, agradeço à tia Helena, por ter sido importante no meu Ensino Fundamental.

Aos meus amigos, pessoas fundamentais em minha vida. À Raisa da Silveira, muito obrigado por ter me ajudado a trilhar caminhos que me levaram até aqui. Você sabe o quanto é especial para mim. A Narcélio de Sá, pela grande amizade, através da qual tem sido um

novo irmão para mim. Muito obrigado pelas discussões, conversas e pelo compartilhamento de angústias. À Eciane Soares, esta grande companheira de (e não só de) pesquisa e irmã que ganhei, muito obrigado pelos ensinamentos. A Jefferson Nunes, Marcelo Ferreira, Antônio Lopes (Júnior), Felipe Barbosa, George Macedo, Felipe da Rocha, Daniele Rocha, Juliana Farias, José Avelino, Raul Carneiro. Obrigado por terem contribuído nesta pesquisa e por proporcionarem sua amizade.

Aos meus amigos de colóquio e de laboratório: Enos Feitosa, Rachel Araújo, Nairisson Prado, Cleiton Marinho, Bruno Rodrigues, Emília Maciel, Claudiana Godoy, Júlia Holanda, Cícero Nelton, Tadeu Júnior, Marcos Xavier, Ana Lima, Gabriela Bento, Regina Balbino, Beatriz Barbosa, Eider Olivino, Thiago Estevam, Edson Oliveira, Rodolfo Damasceno.

À professora Maria Mónica Arroyo por ter aceitado participar da banca. Também, ao prof. Edilson Pereira Júnior, por também ter aceitado participar da banca, bem como pelas valiosas contribuições para esta pesquisa.

Às costureiras de Fortaleza e ao Sindicato das Costureiras de Moda Íntima de Fortaleza, que foram fundamentais para a realização deste estudo. Esses trabalhadores, que, apesar das adversidades como acordar cedo e muito trabalhar, estiveram sempre dispostos a contribuir de forma rica, participando da pesquisa e fazendo o possível para a realização deste trabalho. Admiro muito vocês.

Ao Observatório das Metrôpoles, por proporcionar ambientes para discussão e pesquisas ligadas à Geografia Urbana.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), pelo apoio financeiro para a realização deste estudo.

A todos os lembrados, saibam que agradeço por tudo e que me desculpo por não poder expressar de forma mais justa minha gratidão nestas linhas.

## RESUMO

A Indústria de Confeção está presente em várias cidades de países de capitalismo tardio e é responsável pelo provimento de uma quantidade significativa de empregos para a população urbana, estruturando-se um modo de produção interesalar que alia o processo local ao global. Nesse contexto, são consideradas as modificações feitas nos modos de produzir, gerir e comercializar, proporcionadas pela reestruturação produtiva na década de 1970. Procura-se, então, entender, através da teoria dos circuitos da economia urbana, a Indústria de Confeção na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Destarte, esta pesquisa objetiva dissertar sobre as relações dos circuitos superior e inferior na produção de confecções e, assim sendo, sobre suas repercussões em Fortaleza, onde são evidenciadas as indústrias de confecção (de facção e de confecção). Para tanto, foram feitas leituras pertinentes à temática deste trabalho, bem como a realização de pesquisas de campo em algumas indústrias de confecção em Fortaleza, como a Federação das Indústrias do Ceará (FIEC), o Sistema Nacional de Emprego-Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (SINE-IDT), o Sindicato das Costureiras de Fortaleza, a Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF), entre outras instituições. Entende-se, portanto, a importância deste trabalho por Fortaleza ter uma significativa concentração de indústrias de confecções, estando essas no circuito inferior da economia urbana, possibilitando relações espaciais produtivas, trabalhistas e comerciais ligadas em grande parte a essa dinâmica da economia urbana. Diante do exposto, o trabalho colabora para o entendimento das relações produtivas espaciais da Indústria de Confeção em diversas escalas, tendo Fortaleza como o *locus* de análise empírica analítica. O entendimento do fenômeno aqui estudado configura-se, portanto, como o aporte magno desta pesquisa.

**Palavras-Chave:** Espaço. Circuitos. Confeções. Facções.

## ABSTRACT

The Clothing Industry is present in various cities of late capital and it is responsible for the provision of a significant quantity of jobs for the urban population, establishing a means of interscale production, which links the local process to the global one. In this context, there are considered the modifications made in the way of producing, managing and commercializing, provided for the productive restructuring in the decade of 1970. It is looked for, then, to understand, through the theory of the circuits of the urban economy, the Clothing Industry in the city of Fortaleza, capital of Ceará. Therefore, this research aims at discussing about the relations of the superior and inferior circuits in the production of clothing and, in this way, about its repercussions in Fortaleza, where the industries of clothing (of faction and of clothing) are evidenced. For the purpose of this study, there were done some reading on its theme, as well as the execution of field researches in some industries of clothing in Fortaleza, such as Federação das Indústrias do Ceará (FIEC), Sistema Nacional de Emprego-Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (SINE-IDT), Sindicato das Costureiras de Fortaleza, Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF), amongst others. It is understood, then, the importance of this work for Fortaleza. Such significance is characteristic of the inferior circuit of the urban economy, being the productive, working and commercial space relations liked in great extent to such dynamics of the urban economy. Taken into consideration what have been discussed, this research collaborates to the understanding of the space productive relations of the Clothing Industry in diverse scales, being Fortaleza its locus for empirical analysis. The understanding of the phenomenon here studied is therefore the major contribution of this research.

**Keywords:** Space. Circuits. Clothing. Factions.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – A esquerda Etiqueta de vestuário com a produção em Bangladesh. E a direita etiqueta de vestuário com produção na Índia. ....	41
<b>Figura 2</b> -Facção em um bairro da periferia de Fortaleza. ....	43
<b>Figura 3</b> -A direita aviamentos para a montagem da peça de confecção e a peças de vestuário confeccionadas ocupando cômodos da casa. ....	43
<b>Figura 4</b> -A direita peças de fardamento das escolas da Prefeitura de Fortaleza e a esquerda Peças de modinha montadas. ....	43
<b>Figura 5</b> - Frente de uma confecção com uma placa informando sobre a necessidade de facções. ....	43
<b>Figura 6</b> -Mesa de corte em uma facção.....	43
<b>Figura 7</b> -A esquerda camisas com especificações de fabricação e – Montagem de vestuário em 5 dias. ....	81
<b>Figura 8</b> -Máquina Overloque. ....	88
<b>Figura 9</b> -Máquina Reta.....	88
<b>Figura 10</b> -Máquina de passante.....	88
<b>Figura 11</b> -Máquina Interloque.....	88
<b>Figura 12</b> -Máquina de Goleira. ....	88
<b>Figura 13</b> -Máquina de Suador. ....	88
<b>Figura 14</b> -A esquerda produção de camisas em malha em uma facção e direita produção e montagem de modinha em uma facção. ....	98
<b>Figura 15</b> -Condição dos trabalhadores da confecção e da facção.....	99
<b>Figura 16</b> -A direita e a esquerda frente de fações em Fortaleza. ....	100
<b>Figura 17</b> -A esquerda Antigo Beco da Poeira e a direita Atual Beco da Poeira. ....	118
<b>Figura 18</b> - Feira da Sé – concentração na rua José Avelino.....	121
<b>Figura 19</b> -Setor hoteleiro do shopping Maraponga Mart Moda.....	124
<b>Figura 20</b> -A esquerda fachada do Ceará Moda Shopping e a direita fachada do Shopping Fortaleza Sul. ....	126
<b>Figura 21</b> -A esquerda boutiques e bancos na Monsenhor Tabosa e a direita Shoppings de vestuários na Monsenhor Tabosa. ....	127
<b>Figura 22</b> — Fábrica de costura na Avenida Monsenhor Tabosa. ....	128
<b>Figura 23</b> -Placa de execução de obras do projeto Nova Monsenhor Tabosa, dentro do projeto Corredores do Turismo. ....	127
<b>Figura 24</b> -A esquerda cartaz Festival Ceará Summer e a direita Cartaz Festival da Moda de Fortaleza. ....	135
<b>Figura 25</b> -A esquerda Festival Maraponga 40o e a direita Dragão Feshion Brasil.....	135

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

<b>Tabela 1</b> -Relação da indústria de transformação e da indústria de confecção em número de admissões em Fortaleza- Ce. ....	20
--	----

<b>Tabela 2-</b> Produção Mundial de Vestuários em 2010.....	42
<b>Tabela 3-</b> Número de indústrias de confecções formais e informais no Ceará. ....	56
<b>Tabela 4-</b> Percentagem de Confecções em Natal e RMN.....	57
<b>Tabela 5-</b> Quantidade de indústrias de confecções no Agreste pernambucano.....	58
<b>Tabela 6-</b> Proprietários da indústria de confecção por gênero em Fortaleza-Ceará.....	91
<b>Tabela 7-</b> Tipos de Gerenciamentos da Indústria de confecção em Fortaleza. ....	93
<b>Tabela 8-</b> Porcetagem do grau de instrução dos trabalhadores da indústria de confecção.....	103
<b>Tabela 9-</b> Salários pagos na indústria de confecção para o(a)s costureiras.....	106

### LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1-</b> Unidades confeccionista na Região Metropolitana de Fortaleza .....	65
<b>Mapa 2-</b> Concentração da indústria de confecção em Fortaleza .....	43
<b>Mapa 3-</b> Mapa da Indústrias de confecções por número de trabalhadores.....	104
<b>Mapa 4-</b> Mapa de localização da indústria de confecção e centros comerciais em Fortaleza-CE.....	130
<b>Mapa 5-</b> Mapa de importação e exportação da indústria de confecção em Fortaleza-CE.....	134

### LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1-</b> Admissões da Indústria de transformação em Fortaleza.....	18
<b>Gráfico 2-</b> Admissões na indústria de vestuário e acessórios.....	19
<b>Gráfico 3-</b> Faixa etária dos trabalhadores da indústria de confecção em Fortaleza. ....	92
<b>Gráfico 4-</b> Faixa etária dos trabalhadores da indústria de confecção em Fortaleza.....	102

### LISTA DE FLUXOGRAMA

<b>Fluxograma 1-</b> Relações de produção, distribuição e consumo de confeccionados em escala mundial dentro dos circuitos da economia urbana. ....	38
<b>Fluxograma 2-</b> Relação de produção do jeans entre confecção, facção e subcontratação de costureiras em domicílio.....	43
<b>Fluxograma 3 –</b> Relação para a produção da modinha no regime de facção e contratação de costureiras em domicílio.....	86

### LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**Abravest-** Associação Brasileira do Vestuário.

**Apex-** Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos.

**Aprovace-** Associação dos Profissionais do Comércio de Vendedores Ambulantes do Estado do Ceará .

**ATV-** Acordo sobre Têxteis e Vestuários

**BNB-** Banco do Nordeste do Brasil.

**CCQ-** Círculo de Controle de Qualidade..

**CTC-** Cadeia Têxtil Confeccionista.

**Cepal-** Comissão Econômica para a América Latina e Caribe.

**DNOCS-** Departamento Nacional de Obras Contra a Seca.

**Ecinf-** Economia Informal Urbana.

**Fiec-** Federação das Indústrias do Estado do Ceará.

**FGTS-** Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

**Funcap-** Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

**IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**INCT-** Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia.

**IDT-** Instituto de desenvolvimento do Trabalho.

**Ipeia-** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

**OIT-** Organização Internacional do Trabalho.

**Plameg-** Plano de Metas Governamentais do Estado do Ceará.

**Prodic-** Programa de Desenvolvimento da Indústria de confecção.

**PT-** Partido dos Trabalhadores.

**Prealc-** Programa Regional de Emprego para América Latina e Caribe.

**RMF-** Região Metropolitana de Fortaleza.

**Sebrae-CE-** Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

**Sindroupas-** O Sindicato da Indústria de Alfaiataria e de Confecções de Roupas de Homem de Fortaleza .

**Sindconfecções-** Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas e Chapéus de Senhoras do Estado do Ceará.

**SINE-** Sistema Nacional de Emprego.

**SIGA-** Sistema Integrado de Arrecadação.

**Sudene-** Superintendência de desenvolvimento do Nordeste.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	13
<b>2. DO GLOBAL AO LOCAL: O CIRCUITO SUPERIOR E O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA NA PRODUÇÃO DE CONFECÇÕES</b>	31
2.1-Relações produtivas do setor de confecções no mundo globalizado.	32
2.2- Condições de trabalho nas indústrias de confecções: riscos para sobreviver.	45
2.3-Inserção do Brasil na produção de vestuários: o Nordeste como um espaço produtivo de confeccionados.	52
<b>3. O CIRCUITO INFERIOR NA PRODUÇÃO DE CONFECÇÕES EM FORTALEZA: A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO ARTICULADO E FRAGMENTADO</b>	62
3.1-A cadeia têxtil-confeccionista (CTC): as relações entre confecção e facção como última etapa do processo produtivo.	63
3.2- O processo de produção da confecção: relações entre confecções, facções e subcontratação de costureiras em domicílio.	75
3.2.1- <i>Produção do jeans no regime de facção.</i>	76
3.2.2 <i>Produção do jeans no regime de subcontratação de costureiras em domicílio</i>	83
3.2.3- <i>Produção da modinha no regime de subcontratação de costureiras em domicílio.</i>	85
3.3- Meios de produção na indústria de confecção	88
3.4- As características e as dinâmicas da indústria de confecção em Fortaleza-Ceará.	89
<b>4. O CIRCUITO INFERIOR – A MÃO DE OBRA NA PRODUÇÃO CONFECCIONISTA EM FORTALEZA CEARÁ: MUITO TRABALHO, POUCO EMPREGO</b>	95
4.1- A confecção e a facção como geradoras de trabalho no circuito inferior da economia urbana de Fortaleza-Ceará.	96
4.2- Perfil socioeconômico dos trabalhadores do setor confeccionista.	101

4.3-Trajetória de costureiras no espaço domiciliar-industrial: até que ponto costurar é apenas vocação?	107
<b>5 FORTALEZA COMO PRODUTORA E DISTRIBUIDORA DE CONFECÇÕES NO NORDESTE</b>	<b>114</b>
<b>5.1 o Beco da Poeira e a Feira da Sé como forma e função do circuito inferior da economia</b>	<b>115</b>
5.1.1 <i>Beco da Poeira: Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza.</i>	117
5.1.2 – <i>Feira da Sé: a ocupação da rua pelo comércio de confecções.</i>	119
5.2 Maraponga Mart Moda, Ceará Fashion, Shopping Fortaleza Sul e Avenida Monsenhor Tabosa como forma e função da circulação no circuito superior da economia.	122
5.2.1 <i>Maraponga Mart Moda.</i>	122
5.2.2 <i>O Ceará Moda Shopping e o Fortaleza Sul na dinâmica da venda de confecções em Fortaleza.</i>	125
5.2.3 <i>A Monsenhor Tabosa.</i>	126
5.3 Relações dos dois circuitos na circulação de confeccionados em Fortaleza.	132
5.4-Para Concluir	136
<b>Referencias</b>	<b>138</b>
<b>Apêndice 1</b>	<b>150</b>

## 1- INTRODUÇÃO

---

A presente pesquisa é resultado de um processo iniciado ainda na graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) no ano de 2008, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (CNPq<sup>1</sup>, Funcap<sup>2</sup>) dentro de um projeto maior, o Observatório das Metrôpoles – (INCT<sup>3</sup>- CNPq) – Núcleo Fortaleza<sup>4</sup>, sob a orientação do Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva. Tivemos como objeto de pesquisa uma reflexão analítica sobre o Centro de Fortaleza, bairro significativo para a dinâmica espacial, social e econômica da metrópole cearense.

A princípio, a perspectiva adotada foi à busca da significância do Centro, um bairro com uma boa infraestrutura, mas que, com o crescimento de Fortaleza e a sua transformação em cidade policêntrica, perdeu várias instituições públicas, serviços e locais de lazer, que saíram do local. A elite, que tinha esse bairro como espaço residencial, também procurou outros locais para morar.

O centro, apesar de perder instituições importantes em nível municipal e estadual, passando a ser um bairro voltado para o consumo da população de menor poder aquisitivo, se tornando, portanto, “o centro da periferia” (SILVA, 1992, p. 46), não deixou de ser um espaço urbano importante para Fortaleza.

O estudo na graduação também se voltou para a análise e o entendimento do Beco da Poeira e da Feira da Sé como locais significativos do centro, os quais, junto com outros equipamentos, como lojas, na dinâmica do espaço-urbano atual de Fortaleza, são dois símbolos do comércio popular de confeccionados no Nordeste brasileiro, fazendo do centro um bairro importante para o comércio de Fortaleza, para a Região Metropolitana de Fortaleza-RMF para o Ceará.

A Feira da Sé e o Beco da Poeira se tornaram pontos de comércio de confecções para todo o Nordeste e outras partes do Brasil. As análises na Iniciação Científica (IC) resultaram em uma dissertação de SILVA (2013), na qual a autora estudou o comércio informal de confecções no centro de Fortaleza e sua produção socioespacial na cidade atual.

---

<sup>1</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>2</sup> Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>3</sup> Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia.

<sup>4</sup> Esse núcleo funciona no Departamento de Geografia, no Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (Lapur).

O centro tem uma importância significativa para o entendimento da dinâmica urbana de Fortaleza. O estudo do uso e ocupação de espaços públicos pelo comércio informal e a tentativa de regularização desse pelo estado foi analisado por Dantas (1995).

A confirmação da importância do comércio informal de confecções para o centro de Fortaleza, tendo como mercadoria preponderante a confecção (vestuário), instigou pesquisador e orientador a formular as seguintes questões:

- ✓ Onde é produzida essa mercadoria?
- ✓ Que tipo de indústria é estruturada na produção de confecção?
- ✓ Em que situações produtivas os confeccionados são produzidos?
- ✓ Quais as relações travadas no espaço intraurbano da cidade de Fortaleza e em sua Região Metropolitana no processo produtivo da confecção?

Tais questões são colocadas em evidência, pois os confeccionados chegam à Feira da Sé e ao Beco todos os dias, com preços baixos, tornando-se, portanto, uma mercadoria acessível para o comércio de Fortaleza. A produção de confecção na cidade estrutura, pois, relações espaciais de trabalho e comércio.

Além da Feira da Sé e do Beco da Poeira, outros centros despontam em Fortaleza com a venda de confecção como o Maraponga Mart Moda, o Ceará Moda Shopping, o Shopping Fortaleza Sul e a Avenida Monsenhor Tabosa. Além disso, há os festivais de moda, como o Dragão Fashion Brasil, o Festival de Moda de Fortaleza e outros eventos, os quais evidenciam que o setor de vestuário se encontra pulverizado em praticamente todos os bairros de Fortaleza, seja em pequenas lojas, feiras, camelódromo, seja em *shoppings*.

Fortaleza é uma das principais cidades do Nordeste e do Brasil, com uma população de 2.452.185 milhões de habitantes, passando dos 3 milhões em sua RMF, segundo o IBGE (2010). Tem uma concentração significativa de habitantes em relação ao Ceará, que conta com 8 milhões de pessoas.

Além da concentração demográfica, Fortaleza tem importante função centralizadora de serviços públicos e privados, turismo, indústria, sendo a cidade mais importante na rede urbana cearense. Essa posição foi conquistada a partir do século XIX, com a inserção da cidade na exportação de algodão. Para uma análise da estruturação do espaço urbano de Fortaleza, autores como Costa (1988, 2007, 2009), Souza (2006, 2009), Silva (1992, 2006, 2007, 2009) e Dantas (1995, 2005, 2008, 2009) auxiliaram no entendimento da ocupação e do processo de metropolização da cidade.

No processo de formação do espaço urbano do estado até o século XIX, Fortaleza não era uma cidade importante na rede urbana cearense. Costa (2009) analisa a condição da rede urbana no século XXIII no Ceará e afirma:

Fortaleza, até o final do século XVIII, era uma pequena e acanhada vila sem nenhuma expressão econômica, tendo apenas o papel de capital administrativa. Na hierarquia urbana cearense, Fortaleza aparecia com pouca expressão, com menor porte e importância que as cidades de Aracati, Icó, Sobral, Camocim, Acaraú e Quixeramobim. Estas cidades desenvolviam atividades ligadas aos setores industrial, comercial e de prestação de serviços (COSTA, 2009, p. 141).

Diante de tal afirmativa, outras cidades do interior eram economicamente mais importantes do que a capital, que se relacionava, preponderantemente, à defesa do território e à administração, sendo as principais cidades do Ceará voltadas para a pecuária, a agricultura e o comércio de algodão.

Fortaleza não era a cidade mais importante do Ceará. No Cariri, o Crato, com sua significativa produção de alimentos e derivados da cana-de-açúcar, estabeleceu uma forte dinâmica econômica com Pernambuco. “O Cariri, na condição de ‘ilha’ de umidade, possibilitou o Crato essa integração com a economia pernambucana” (SILVA, 1992, p. 21). Tal assertiva ressalta a falta de integração de algumas áreas do Ceará com Fortaleza.

A importância econômica e de serviços de Fortaleza se relacionou com a produção e o comércio de algodão. Silva (1992, 2009, p. 22) ressalta que “[...] a lavoura algodoeira, à proporção que se expandia, provocava a projeção de Fortaleza como centro urbano”. Assim, a lavoura algodoeira foi fundamental para a preponderância dessa cidade na rede urbana cearense.

A capital intensifica sua expansão pelo interior pela rede ferroviária, chegando a cidades como Quixadá, Crato, Sobral e Crateús e se consolidando com um sistema rodoviário no século XX que conflui para Fortaleza (SILVA, 2009).

Durante o século XIX e XX, Fortaleza se firma como o grande centro urbano do Ceará. No século XX, torna-se a principal cidade do Ceará, alcançando seu raio de influência para além do estado, sendo a cidade que mais recebeu investimentos nos anos 1960 nos projetos da Sudene<sup>5</sup>. Segundo Souza (2009),

---

<sup>5</sup> Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

No período 1960/1970, dos 112 projetos aprovados para o Ceará, 72 foram localizados em Fortaleza. Por outro lado, cerca de 81% do valor dos projetos aprovados pela Sudene para o Ceará, até 1969, pertenciam à capital (SOUZA, 2009, p. 24).

Também para Souza (2009) e Silva (1992), a instalação da sede do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), o Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS), hospitais, universidades, bancos consolidaram Fortaleza como a principal cidade do Ceará, centralizando serviços, concentrando indústrias, tendo seu crescimento se tornado visível durante os anos 1970, quando foi constituída oficialmente a RMF<sup>6</sup>, pela Lei Complementar no 14/1973.

Diante da condição de Fortaleza como metrópole e de sua expressão significativa no espaço urbano do Ceará, procura-se entender a importância da indústria de confecção na produção do urbano da capital cearense, uma cidade que se modificou com a inserção de entreposto comercial de algodão.

Na década de 1960, teve investimentos da Sudene, que possibilitaram uma industrialização com grandes fábricas. Concomitantemente a esse processo de industrialização, com base em grandes fábricas, outras pequenas unidades produtivas surgiam em Fortaleza dentro do circuito inferior da economia, intensificando-se nos anos 1980 no Ceará, no processo de descentralização produtiva, tendo como uma das causas as modificações ocorridas na década de 1970 surgindo, então, um espaço de “[...] trabalho disperso, complexificado, com dificuldades na organização da luta coletiva, e, por outro lado, o capital uno, preservando sua autogestão sobre o território” (BRUMATTI, 2008, p. 3) por meio da globalização, dentro de um processo de transformação interescalar, pois,

[...] em escala mundial, importantes transformações manifestadas no seio do regime fordista de acumulação redefiniam inúmeras características do capitalismo, em que a alteração do papel central do Estado enquanto regulador das demandas socioeconômicas, a crise dos sistemas produtivos industriais e a ação mais efetiva de agentes financeiros controladores de novas formas de gerar e acumular valor eram apenas algumas das suas expressões (PEREIRA JÚNIOR, 2013, p. 61).

Embora o modelo fordista de produção tenha entrado em crise, a indústria não teve um processo de declínio, tendo se modificado no novo contexto de reprodução do capital, buscando novos espaços produtivos e novas formas de produção, estando ainda intrinsecamente ligada ao urbano.

---

<sup>6</sup> Região Metropolitana de Fortaleza.

A investigação da indústria de confecção no espaço urbano de Fortaleza estará relacionada ao sistema urbano, que se compõe do circuito superior e inferior da economia (SANTOS, 2008), sendo uma análise importante para o entendimento da dinâmica urbana de cidade de países de capitalismo periférico.

Embora a teoria dos circuitos da economia urbana tenha sido proposta nos anos 1970, ela não permaneceu restrita a esse período. Muitos cientistas da Ciência Geográfica buscam sua atualização no momento, como Silveira (2004, 2009), Montenegro (2006, 2009, 2011, 2012), Holanda (2007, 2009) e Silva (2013).

Silveira (2009) ressalta a condição de desenvolvimento tecnológico no entendimento dos circuitos, numa análise que vislumbra a condição de modernização do mundo atual, mas que não despreza as buscas de sobrevivência pela economia urbana pobre. “A técnica informacional tem sido quicá a mais emblemática, pois permite a integração das demais, isto é, a formação de um verdadeiro sistema técnico com tendência à unicidade” (SILVEIRA, 2009 p. 66), dando condição para o entendimento da dinâmica dos dois circuitos da economia urbana, sendo esses dois resultados do processo de modernização (SANTOS, 2008). Montenegro (2006) ressalta a importância dos dois circuitos quando afirma:

Os circuitos da economia urbana podem ser vistos como subsistemas do sistema urbano, no qual todas as formas de trabalho estão integradas. Eles têm a mesma origem, ainda que compreendam resultados diretos e indiretos da modernização. Enquanto expressões das clivagens presentes nas cidades dos países mais pobres, os circuitos constituem um retrato da dinâmica da divisão do trabalho. Os circuitos não constituem sistemas fechados em si mesmos, mas estabelecem entre eles relações de complementaridade e de concorrência (MONTENEGRO, 2006, p. 12).

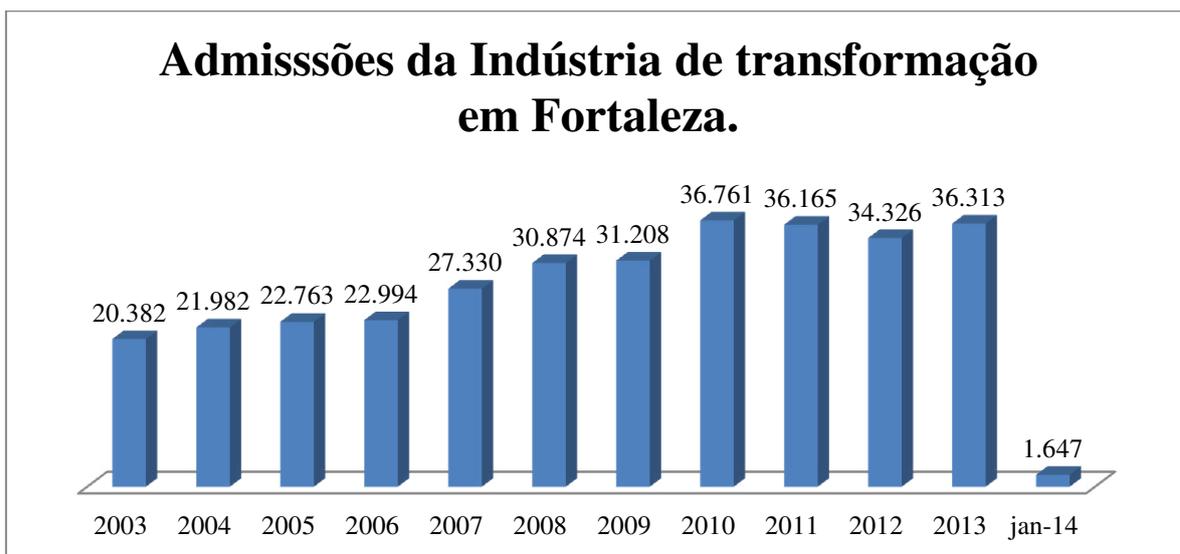
Essa autora ressalta a importância do entendimento desses circuitos na produção do urbano em países periféricos, ressaltando que a origem desses dois subsistemas está no fenômeno da modernização e mostrando a condição que esse aporte teórico possibilita para o entendimento da complexidade da cidade.

A busca da análise dos circuitos da economia a urbana pela indústria de confecção se faz por sua importância para diversos países de capitalismo tardio, entre eles o Brasil e para a cidade de Fortaleza.

A capital cearense tem uma concentração significativa de unidades produtivas confeccionistas, tanto o município de Fortaleza, como algumas cidades da RMF, como Caucaia, Maracanaú, Maranguape, Horizonte e Pacajus.

Segundo dados do RAIS/CAGED (2014), que é a maior periodização disponível acerca dos estudos relacionados ao trabalho, a indústria de transformação é responsável por uma parcela significativa de empregos para a população de Fortaleza, como é evidenciado nos dados do Gráfico 1:

Gráfico 1 - Admissões da Indústria de transformação em Fortaleza.



Fonte: RAIS/CAGED, 2014.

No referido gráfico, que expõe dados pesquisados dentro do período de 2003 à janeiro de 2014, vê-se que a indústria de transformação emprega, em média, mais de 20 mil pessoas, anualmente, na cidade de Fortaleza, chegando a picos de mais de 36 mil admissões anuais.

É dentro desse ramo industrial que se encontra a indústria de confecção e acessórios, indústria esta responsável por parcela significativa de admissões como é mostrado no Gráfico 2:

Gráfico 2 - Admissões na indústria de vestuário e acessórios.



Fonte: RAIS/CAGED, 2014.

Como evidenciado no Gráfico 2, a indústria de confecção e acessórios é fundamental para o número de admissões de trabalhadores na indústria de transformação. No ano de 2010, ano máximo de admissões, 36.761 postos de trabalho foram criados para a indústria de transformação, sendo que 15.133 empregos destes foram oriundos da indústria de confecção e acessórios (roupas, bolsas, entre outros), correspondendo, portanto, a 41,15% dos postos de trabalho dentro daquele ramo industrial.

A Tabela 1 mostra a relação entre admissões na indústria de transformação e na indústria de confecção, bem como a participação desta em proporção daquela:

Tabela 1 - Relação da indústria de transformação e da indústria de confecção em número de admissões em Fortaleza-CE.

<b>Período/Ano</b>	<b>Admissões na indústria de transformação em Fortaleza</b>	<b>Admissões na indústria de confecção em Fortaleza</b>	<b>Relevância da indústria de confecção em relação à indústria de transformação em Fortaleza</b>
<b>2003</b>	20.382	7.358	36,10%
<b>2004</b>	21.982	8.766	39,8%
<b>2005</b>	22.763	8.738	38,38%
<b>2006</b>	22.994	8.982	39,06%
<b>2007</b>	27.330	12.529	45,84%
<b>2008</b>	30.874	14.182	45,93%
<b>2009</b>	31.208	12.132	38,87%
<b>2010</b>	36.761	15.133	41,16%
<b>2011</b>	36.165	13.873	38,36%
<b>2012</b>	34.326	12.635	36,80%
<b>2013</b>	36.313	13.679	37,66%
<b>Jan-2014</b>	1.647	910	55,25%

Fonte: RAIS/GAGED, 2014.

Como mostrado na Tabela 1, a participação da indústria de confecção é relevante no segmento industrial de transformação. Do período evidenciado, de 2003 a janeiro de 2014, a inserção da indústria de confecção foi acima dos 35% nas admissões no segmento industrial de transformação, sendo esse tipo de indústria presente em Fortaleza, possuindo uma diversidade de características em sua estruturação no espaço urbano e nas relações espaciais de trabalho.

Dentro da perspectiva do entendimento dos circuitos superior e inferior da economia urbana e refletindo sobre suas relações e diferenças, como resultados da modernidade (SANTOS, 2008), procura-se analisar a condição da confecção/facção como unidades produtivas de confecção e suas relações com a dinâmica do urbano, ressaltando uma das características do circuito inferior, no caso a análise da indústria de confecção.

Como ressaltado por Viana (2005), a indústria de confecção faz parte da Cadeia Têxtil Confeccionista (CTC), sendo esta a última etapa do processo produtivo. Estudando a indústria de confecção, observa-se uma diversidade neste setor, em número de pessoas, em tipos de vestimenta e em relações produtivas.

Mesmo que a predominância seja de pequenas indústrias, com uma diversidade em número de funcionários, 1, 5, 17, 300, elas conseguem ser responsáveis pelo sustento de uma parcela significativa de pessoas de Fortaleza e da RMF.

Há uma inter-relação da grande indústria que, geralmente, está no setor de fiação, tecelagem, malharia, em um modelo fordista, responsável pela fabricação dos tecidos que chegam às confecções ou facções, responsáveis pela montagem das peças de roupas e sua inserção no comércio.

A expressão “montar as peças” é essencial para entender essa indústria presente em Fortaleza (CE), Natal (RN), Nova Friburgo (RJ), Cianorte (PR), Santa Cruz do Capiberibe, Caruaru, Toritama (PE), Teresina, Piri-piri (PI), Salvador, Ilhéus (BA), em países asiáticos, como Bangladesh, China, em outros países, como México, Honduras, Peru e países do Leste Europeu, sendo a indústria de confecção um ramo presente nas cidades de países de capitalismo tardio.

Trata-se de uma indústria que muitas vezes não é vista. Está dentro de prédios antigos, com características de abandonados, como é o caso de alguns países asiáticos, ou dentro da casa do trabalhador, na qual residência e fábrica se confundem. Espalha-se por locais mais improváveis do espaço urbano, estando nos fundos de quintais, em cozinhas e garagens.

A Geografia tem uma literatura vasta na análise da indústria, sendo fundamental para o entendimento do processo de urbanização e metropolização pós-Revolução Industrial, mas a indústria que no século XIX e XX se expressava por galpões, conjuntos habitacionais de trabalhadores ao lado das unidades de produção, grande número de trabalhadores, se ressignifica em um modelo de descentralização industrial, na qual o trabalho fabril não diminui, muda de espaço.

O espaço produtivo predominante do galpão da fábrica cede lugar à produção na sala da casa, na garagem, sustentando uma grande produção mundial e um número significativos de trabalhadores no processo produtivo.

O trabalho residencial existe desde as corporações de ofício (ABREU, 1986), porém não se extinguiu: ressignificou-se, reestruturou-se com a crise fordista e do estado keynesiano nos anos 1970, passando a produção a ser descentralizada, mas com concentração de capital (LENCIONI, 1996, 2003).

É dentro dos labirintos do urbano (LENCIONI, 1996) que a indústria de confecção está presente, fazendo da cidade o espaço em que a produção tem lugar privilegiado. A cidade é o espaço da produção, estando ela privilegiada no modo de produção capitalista. “A cidade

está em cena. A cidade é a cena. Cobiçada, almejada, ultrajada e rejeitada ao mesmo tempo, a cidade é, na verdade, um enorme objeto de desejo” (SILVA, 1997, p. 85).

Como ressaltado por Silva (1997), a cidade não sustenta, apenas, uma dimensão; está em foco, é objeto de desejo e ao mesmo tempo é rejeitada. A cidade do serviço, também é a cidade da indústria, sendo vista ou não, muitas vezes evidenciada pela existência dos serviços.

A indústria de confecção dentro da residência não é visível, mas é notada no comércio. No caso de Fortaleza, no comércio do circuito inferior como o Beco da Poeira e a Feira da Sé e em grandes equipamentos de comércio do circuito superior. A marca com a fabricação em Fortaleza (CE), Bangladesh (Dacca), Nova Friburgo (RJ), denuncia uma produção no urbano.

A produção de confecções está espalhada por diversas cidades do Brasil e por países de capitalismo tardio, em uma relação com o grande capital, com monopólios, grandes empresas de vestuário que têm suas sedes em países ditos desenvolvidos, mas com a produção sendo feita em países de capitalismo tardio, sendo essas grandes marcas responsáveis, apenas, pela administração, pelo protótipo do vestuário, pelo corte, passando a produção para uma diversidade de espaço e centrando a comercialização em lojas de departamento, centros comerciais, sendo esses vestuários agregadores de preços e valores expressivos.

### **Passos da Pesquisa**

A presente pesquisa busca estudar a produção de confecções, feita em pequenas unidades produtivas em Fortaleza. Para o desenrolar da mesma, foi essencial a busca de literatura que trabalhasse com a temática, evidenciando a produção local, nacional e internacional na discussão do tema.

O levantamento de documentação e de dados se deu em visitas a instituições públicas e privadas: secretarias da Prefeitura Municipal de Fortaleza, Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae-CE), Federação das Indústrias do Ceará (Fiec), Sistema Nacional de Emprego (Sine-IDT), Jornal O Povo, Sindicato das Costureiras de Moda Íntima de Fortaleza, Biblioteca da UFC e Biblioteca Pública Estadual Menezes Pimentel. Além disso, mantiveram-se discussões teóricas no Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (Lapur) e em colóquios de orientação.

As visitas feitas nas citadas instituições foram aliadas a trabalhos de campo no Beco da Poeira, na Feira da Sé, em *shoppings* de confecção de Fortaleza e, principalmente, em confecções e facções (Unidades Produtivas Confeccionistas).

A visitação a várias fábricas de vestuários foi essencial para desvendar a estrutura produtiva, as relações produtivas, e as articulações econômicas e sociais, fundamentais para a produção do espaço urbano.

Muitas conversas foram travadas entre pesquisador, proprietários e trabalhadores, com o fim de analisar as relações que a indústria investigada traz para o urbano em seu processo de metamorfose.

A pesquisa se constitui em cinco capítulos, propondo-se dissertar sobre o fenômeno da indústria de confecção nas cidades, principalmente aquelas em países de capitalismo tardio, tendo Fortaleza como espaço empírico.

O primeiro capítulo abrange aspectos introdutórios, em que se buscou analisar o crescimento de Fortaleza, ao se firmar como grande metrópole e principal cidade do Ceará, antes uma pequena vila sem grande importância econômica para o estado.

Também nessa parte da pesquisa foi ressaltada um pouco a importância do aporte teórico da economia urbana baseada nos circuitos superior e inferior, proposta por Milton Santos na década de 1970, constituindo uma teoria que possibilita explicar a complexidade da produção do espaço urbano, mesmo com as modificações empreendidas com a presença da tecnologia na produção da cidade.

Para o entendimento da indústria de confecção é fundamental a análise da estrutura na qual está assentado esse ramo produtivo. No capítulo dois, **Do global ao local: o circuito superior e o circuito inferior da economia urbana na produção de confecção**, aprecia-se a interesalaridade dentro da produção de confecções no mundo globalizado, buscando a repercussão que essa indústria tem em diversos espaços urbanos.

Para a construção desse capítulo foi essencial à busca por meio da mídia e da literatura que trata sobre o tema da repercussão da presença da indústria em diversos países, como Brasil, China, entre outros.

A construção das informações sobre as estruturas e condições dentro da indústria de confecção teve como uma das bases à atualização sistemática de notícias vinculadas por jornais nos quais ressaltam a situação de trabalhadores urbanos nas indústrias de confecções de Bangladesh, China, Paquistão, Brasil e demais países de capitalismo tardio.

A busca por aliar o global ao local está centrada na condição que os circuitos da economia urbana e, principalmente, o circuito superior tem de articular redes globais de produção, essa centrada em países de capitalismo tardio, geralmente, e a circulação e o consumo, voltados para países ditos desenvolvidos. Dentro do pensamento de espaço

construído pela globalização que se procura relacionar diversos espaços urbanos com a articulação da indústria de confecção.

Dentro dessa proposta, ressalta-se a importância do estudo dos circuitos superior e inferior da economia urbana, com base em Santos (2008) e em outros autores como Montenegro (2006, 2009, 2011, 2013), Silva (2013), Holanda (2007, 2013), evidenciando a relevância de tal aporte teórico para o desvendamento da indústria de confecção nas cidades de vários países de capitalismo tardio.

Apresentam-se as condições de trabalho nas unidades de confecção para elucidar o poder da mão de obra para o funcionamento desse tipo de indústria, destacando informações baseadas em artigos sobre estudos relacionados ao trabalho e na imprensa internacional, nacional e local.

A interescolaridade é buscada, pois a análise se constitui no estudo das condições da indústria de confecção em vários países, principalmente nos asiáticos, de sua estruturação no Brasil, no Nordeste e em Fortaleza, procurando relacionar essa cidade com outras cidades importantes no Nordeste na produção de vestuário, evidenciando que tal processo industrial não é um fato insólido.

No terceiro capítulo, **A Indústria de confecção em Fortaleza: a produção de um espaço articulado e fragmentado**, discutem-se as etapas produtivas do ramo têxtil, mostrando que a produção de vestuário constitui uma última etapa do processo produtivo.

Para a construção desse capítulo o desafio foi à busca de informações que trata sobre o tema. A indústria de confecção está espalhada pelo tecido urbano de Fortaleza e Região Metropolitana sem muitas vezes ser notada.

Trata-se de uma indústria fragmentada, pois praticamente não há necessidade de correspondências entre uma com as outras, mas ao mesmo tempo articuladas, pois embora uma facção não mantenha uma relação com outras facções, essas possuem uma mesma contratante, geralmente, mantém uma rede de pequenas unidades produtivas trabalhando para sua demanda e enviando confeccionados para o mercado local, regional, nacional e internacional.

A reflexão tem como recorte a presença da indústria de confecção em Fortaleza, a partir de dados fornecidos pela Federação das Indústrias do Ceará (Fiec<sup>77</sup>), pelo Serviço de Apoio a Pequena e Média Empresa (Sebrae-CE), pelo Sistema Nacional de Emprego Sine-IDT e pela literatura que trabalha com a temática. São evidenciados a presença das unidades

---

<sup>77</sup> Federação das Indústrias do Ceará.

produtivas de confecção em Fortaleza e seu espalhamento por representações cartográficas com base de dados Fiec-2013.

Os mapas foram confeccionados no programa ArcGis 10 com dados fornecidos pelo Anuário Estatístico da FIEC-2013, estando essas indústrias registradas na mesma. Tais dados de localização da indústria de confecção no município de Fortaleza não demonstra a totalidade dessa forma produtiva, sabe-se que a grande maioria desse tipo de indústria está em condições invisíveis, pois muitas vezes apenas a circulação do produto é notada.

Nessa parte do trabalho, procura-se analisar as fases da produção de confecções, optando pela análise da costura do jeans e da modinha, dois tipos de roupas preponderantes na produção de confecções em Fortaleza e nas demais cidades.

Foram construídos três fluxogramas, baseados em trabalho de campo e em literatura que versa sobre o setor produtivo confeccionista. Nesse momento, ressaltam-se as relações travadas entre as grandes indústrias com as confecções e os vínculos com as facções e o regime de contratação de costureiras em domicílio.

Para a apreensão de todo o processo de produção feito na confecção, facção e no regime de produção de confecções em domicílio, foi essencial a construção de amizade entre pesquisador e proprietários. A apreensão das etapas para construção dos fluxogramas, no caso, os Fluxogramas 2 e 3, se deu com o auxílio de literatura SOUZA (1990) e por visitas constantes as unidades produtivas.

Nesta parte do trabalho, tem-se como objetivo entender o processo e o espaço produtivo da fábrica. A casa cede espaço para que a produção aconteça. A importância de se entender o processo produtivo possibilita a investigação dos meios de produção, as relações travadas na produção e as condições vividas pela indústria de confecção.

Busca-se entender como o vestuário é produzido, no caso o jeans e a modinha, tendo a possibilidade de vislumbrar a estratégia econômica da reprodução do trabalhador, um dos agentes produtores do espaço urbano.

Nos Fluxogramas 2 e 3, busca-se aprender como o vestuário é fabricado, levando em consideração as fases do processo produtivo e as condições onde ele é confeccionado. A entrada na indústria de confecção, ou de facção, não foi facilitada pelos agentes que trabalham nesse ramo. Foi propiciada pela construção de amizade entre pesquisador, costureiras e proprietários.

A indústria de confecção é um ambiente restrito por estar dentro de uma residência, na maioria das vezes. O ingresso em uma residência, na procura de investigar a atividade econômica e que é a responsável pelo sustento da família, se dá inicialmente de forma tensa e

permeada por uma certa desconfiança. Mas tal condição foi quebrada nesta pesquisa pela relação estabelecida entre intermediários, confeccionistas e pesquisador.

As visitas foram feitas nas confecções na periferia de Fortaleza, em bairros como Parque Santa Rosa, Conjunto Jardim Fluminense, Canindezinho, e em bairros de classe média como Montese, devido à concentração de confecções e de facções e as relações travadas com os intermediários<sup>8</sup>.

Diante do exposto, percebe-se a irradiação desse ramo industrial dentro de Fortaleza, presente tanto nos bairros periféricos como nos bairros voltados para a classe média e a elite, como a Praia de Iracema. No entanto, essa fragmentação das confecções guarda características específicas particulares nos bairros onde estão localizadas, características essas relacionadas ao número de funcionários, às condições de trabalho, às formas de produção e venda.

Para se ter uma confiabilidade na veracidade dos fluxos produtivos, conversava-se primeiro com o proprietário sobre a relação que ele tinha com a produção. No caso da confecção, eram as etapas de criação, modelagem, estiramento do tecido e corte. Esse processo era verificado na hora da produção e comparado com outras confecções. Quando se tratava da facção, procurava-se saber a relação dessa com a confecção, para se montar um primeiro fluxo confecção-facção. Depois dessa etapa, observava-se a produção, anotando o nome da máquina e o tipo de costura que ela realiza, sendo esta etapa feita ou com o proprietário ou com alguma costureira auxiliando.

Depois da apreensão das informações em caderneta de campo, conversava-se com uma costureira ou com o proprietário para verificar se as anotações na caderneta de campo estavam certas, em relação aos processos produtivos. Sempre havia orientações a mais.

Verificadas as anotações, essa mesma etapa era aplicada em outras confecções e facções, para saber se tais anotações se tratavam de uma forma representativa do modo de criar e montar vestuários em confecções, facções e também no regime de costureiras a domicílio.

Essa parte do trabalho teve duração de dois meses, com regime de duas vezes na semana, buscando-se analisar as anotações em gabinete dos fluxogramas, bem como a sua efetiva realização nas unidades produtoras de confecção.

---

<sup>8</sup> Outros bairros foram visitados, mas com menor frequência.

A entrada na primeira facção foi auxiliada por uma conhecida do ramo confeccionista e depois foi criada uma articulação, por meio de outras costureiras com outras unidades produtivas (confeções e facções).

As visitas ao Sindicato das Costureiras de Fortaleza foram fundamentais, pois os fluxogramas foram apresentados na tentativa de buscar a avaliação por algumas costureiras que já tinham trabalhado na confecção, facção e em costuras em suas residências.

Dentro das confeções, facções houve a perspectiva de se buscar o perfil socioeconômico dessas unidades produtivas em Fortaleza. O estudo das características socioeconômicas foram conhecidos através de dados do Censo das Confeções 2008-2009 elaborado pelo Instituto Evaldo Lodi, Fiec e Sinconfeções. Tal estudo se baseou em dados do Sistema Integrado de Arrecadação-SIGA e Secretaria Estadual da Fazenda Sefaz.

Com a pesquisa de campo buscando a apreensão dos processos produtivos, articulada com a literatura que trabalha com a indústria de confecção teve como se construído o terceiro capítulo, na qual se mostra importante, pois explana a dinâmica interna da indústria de confecção, através de dados de perfis ligados a tipos de proprietários, forma de organização produtiva e as relações entre as diversas unidades produtivas.

Adentrando a indústria de confecção nota-se uma relação intensiva entre trabalhador e máquina. Como será mostrado no decorrer desse trabalho o emprego de grande quantidade de mão de obra é fundamental para a existência desse tipo de indústria, busca-se a inserção desse setor produtivo dentro da teoria dos circuitos da economia urbana, no caso mão de obra relativa, em maioria, ao circuito inferior.

No capítulo quatro, **O circuito inferior – a mão de obra na produção confeccionista em Fortaleza-Ceará: muito trabalho, pouco emprego**, disserta-se sobre as condições de trabalho na residência do trabalhador, evidenciando o trabalho domiciliar como uma atividade antiga, mas que continua existindo de uma forma reestruturada.

O perfil do trabalhador é estudado através de dados do Censo das Confeções 2008, o qual possibilitou uma verificação do perfil do trabalhador, com referência a gênero, grau de escolaridade e faixa etária, sendo tais dados importantes para saber os tipos de trabalhador que estão nas unidades de confecção.

A análise da trajetória de muitos trabalhadores foi feita, por meio de entrevistas semiestruturadas que analisaram as condições de inserção deste profissional no setor de costura. Procurou-se saber, portanto, se o mesmo trabalhava por vocação, como muitos procuram evidenciar, ou se para buscar uma complementação da renda familiar.

As entrevistas, a princípio, foram pensadas dentro de um questionário (ver Apêndice 1), mas sua aplicação se tornou inviável. A aplicação das entrevistas estruturadas não foi possível, dentro do questionário, pois as costureiras estavam em seus locais de trabalhos, ambientes barulhentos que exigiam atenção no manuseio da montagem de peças.

Quando foi aplicada a primeira entrevista, houve a tentativa de seguir com o roteiro do questionário elaborado em laboratório; no entanto, quando começou-se a fazer algumas perguntas, as trabalhadoras disseram não ser possível conciliar a execução da entrevista com o trabalho, pois a atenção dada a este era extrema.

A estratégia pensada de imediato foi fazer uma proposta de se colocar um gravador próximo à máquina para as entrevistadas falarem um pouco de suas vidas, destacando os fatos mais importantes em relação ao seu trabalho e sua família. Posteriormente, as entrevistadas perguntariam o que mais eu queria saber.

Dentro da proposta de se buscar nas entrevistas relatos espontâneos da vida dentro das confecções, foram escutadas várias entrevistadas e extraídas, das gravações, as partes fundamentais para se conhecer uma costureira de confecção ou facção.

Dentro desta perspectiva, a condição de costureira não está apenas relacionada a aspectos culturais ou vocacionais. Nos relatos feitos por muitas mulheres dentro de seu ambiente de trabalho, pôde-se perceber que costurar é uma atividade essencial para muitas trabalhadoras, pois tal atividade ajuda na renda familiar, principalmente na periferia das grandes cidades, como Fortaleza.

Quando existiu a necessidade de se abandonar o questionário, uma vez que as condições reais não possibilitavam tal aplicação, houve uma sensação de etapa perdida da pesquisa, pois no cronograma previa-se a aplicação de entrevistas com questionários. No entanto os relatos feitos pelas costureiras mostraram-se, diante de uma etapa aparentemente não cumprida, provedores de frutos ainda melhores, já que, deixando a trabalhadora falar o que lhe vinha à cabeça, sem muita interferência do pesquisador, houve o aprofundamento de vários aspectos de suas vidas, desde o trabalho de costura até, muitas vezes, os desabafos sobre criar filhos sozinhas, sem a ajuda dos companheiros.

Diante da discussão e análise da indústria de confecção dentro dos circuitos da economia urbana em uma proposta interescolar, buscando suas condições, principalmente, em países asiáticos e chegando até a cidade de Fortaleza, analisa-se a dinâmicas e processos dentro das indústrias de confecções, na qual são responsáveis por um número de postos de trabalho para uma quantidade significativa de pessoas da capital cearense.

Com tudo o trabalho no circuito inferior, como salienta Santos (2008) é o locatário de trabalhadores pobre, percebeu-se que com essa condição essa indústria promove uma estruturação de empregos para além de montar as peças.

A condição de união dos dois circuitos o superior e inferior, no qual os dois existem mutualmente para a produção da complexidade da cidade, suas interligações e dinâmicas são notadas, quando por meio do atravessador e o cume do circuito inferior e base do circuito superior faz com que essas duas realidades se unam.

Os equipamentos voltados para a venda de confecções em Fortaleza são fundamentais para o escoamento da produção dentro das unidades de confecções da cidade e RMF. O Beco da Poeira e Feira da Sé locais ligados aos circuito inferior, o Maraponga Marth Moda, Ceará Feshion e o *shopping* Fortaleza Sul, além dos festivais de moda da cidade como: o Dragão Fashion Brasil, Festival de Moda de Fortaleza, Fortaleza 40° representam o cume da dinâmica dessa complexidade entre circuitos, na qual a produção de confecções está dentro do circuito inferior, mas que essa é solicitada pelo circuito superior, na qual juntos promovem a formação de uma dinâmica produtiva e comercial para Fortaleza, como polo de produção e venda de confeccionados para o Nordeste, Brasil e alguns países da América do Sul e Europa.

É dentro dessa condição que se justifica o quinto capítulo, **Fortaleza como produtora e distribuidora de confecções no Nordeste**, esse como considerações finais do trabalho, pois evidencia-se a articulação dos dois circuitos da economia do comércio de confecção através de centros comerciais no circuito inferior da economia urbana, como o Beco da Poeira e a Feira da Sé, e o comércio no circuito superior com a presença de confecções como mercadoria para vários *shoppings* que as vendem no atacado, além da presença da Avenida Monsenhor Tabosa como um local de produção e venda de confecções de luxo em Fortaleza.

Esse capítulo é importante para a pesquisa porque possibilita obter a relação da produção com a circulação e venda e o entrelaçamento dos circuitos da economia urbana, tanto na produção como na venda. Essa condição de Fortaleza como uma cidade produtora de confecções a torna um polo de venda desse produto.

Há uma relação do setor secundário, esse com características ressignificadas com a reestruturação produtiva com o setor terciário, mostra a importância da articulação desses dois setores na produção de dinâmica dentro do urbano de Fortaleza.

Fortaleza, como produtora e comercializadora de vestuários, torna-se um ponto de referência, no Norte e no Nordeste, de compras e eventos ligados a esse setor. Tais características foram identificadas em trabalhos de campos nesses equipamentos, na qual percebeu-se a influência de Fortaleza para diversas capitais e pequenas cidades do Nordeste e

do Brasil. Ônibus, vans, carros próprios, entre outros se mostraram presentes nesse equipamentos, como objetos essenciais para a circulação das mercadorias-vestuários- nos mercados de confecções do Nordeste e Brasil.

Nesse contexto, a pesquisa ressalta a indústria de confecção como um ramo importante para a cidade, apesar da forte presença da oferta de serviços. Fortaleza não deixou de ser industrial; ao contrário, há uma relação da indústria com os serviços, mostrando que os aspectos do entendimento da cidade não está baseado, apenas, em análises duais, mas na articulação de diversos setores e dinâmicas que caracterizam a cidade como um complexo multifacetado.

Os locais voltados para a venda de confecções no circuito superior foi estudado essencialmente em campo, pois percebe-se assim como a indústria de confecção a uma ausência de literatura sobre a temática.

Perseguindo a apreensão do objeto foi o desafio dessa pesquisa, pois trata-se um tema na qual sua existência é sentida, mas muitas vezes não vista, no caso das unidades produtivas de confecções (confecções e facções), mas nas quais está presente no espaço urbano da cidade de Fortaleza e outras cidades do mundo, do Brasil e do Nordeste, como em Santa Cruz do Capiberibe (PE), Natal (RN), Teresina (PI), Ilhéus (BA).

## **2- DO GLOBAL AO LOCAL: O CIRCUITO SUPERIOR E O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA NA PRODUÇÃO DE CONFECÇÕES**

---

A produção de confecções é um ramo industrial de significativa importância na economia urbana de diversos países, como os asiáticos e o Brasil (CARLHEAL, 1993, BRUMATTI, 2008, CASARA, 2013) incluindo a região Nordeste. O presente capítulo discorre sobre a indústria de confeccionados, atividade gestora de espaços geográficos produtivos e articulados à dinâmica do mercado global, buscando apreender as relações travadas entre as grandes grifes e as pequenas empresas de confecção.

A produção de confeccionados tem como uma das principais características a diversidade nos processos de produção, circulação, consumo, localização das indústrias e relações de trabalho, estando essa dinâmica articulada às grandes firmas, responsáveis pela circulação e pelo consumo dos confeccionados em escala mundial dentro do circuito superior da economia urbana, como também às pequenas empresas pertencentes ao circuito inferior, relacionadas, por meio da produção, com as grandes grifes ou responsáveis por todo o processo produtivo, circulação e consumo dentro do circuito inferior, criando marca própria, ou seja, a etiqueta do vestuário.

Embora as grandes firmas tenham seu processo de design, circulação e consumo centrado em suas sedes, dentro do circuito superior, a produção, geralmente, é feita em pequenas indústrias confeccionistas subcontratadas dentro do circuito inferior, localizadas em países periféricos, articulando, por conseguinte, produção, circulação e consumo, evidenciando a afirmação de Santos (2008) de que esses dois circuitos não podem ser vistos como insolados ou duais, mas articulados e complementares, resultantes da modernização.

A busca de estudar tal fenômeno dentro dos circuitos da economia urbana, teorizada por Milton Santos nos anos 1970, se justifica pela relevância de tal aporte teórico para o entendimento da formação de espaços produtivos na economia urbana, principalmente nos países não desenvolvidos.

## 2.1-Relações produtivas do setor de confecções no mundo globalizado

A produção mundial de confeccionados (artigos de vestuário)<sup>9</sup> articula-se por meio de relações globais e locais de produção, distribuição e consumo. A indústria de confecção consiste basicamente na produção de vestuário, com máquinas de costura e a fixação de aviamentos como linhas, botões, zíperes, entre outros, constituindo o último elo do setor têxtil (VIANA, 2005; FERRAZ, FIRJAN, 2011) e formando um segmento industrial específico e intensivo em mão de obra (FERRETI, 2006), tendo uma relevância produtiva significativa, principalmente no espaço urbano dos países não desenvolvidos. Tal ramo é constituinte do setor secundário. Para Almeida, Silva, Ângelo (2012),

O setor secundário (ou indústria em geral) compreende todas as atividades de transformação de bens e divide-se em três subsetores: a indústria da construção civil, a indústria de serviços públicos (geração e distribuição de energia elétrica, beneficiamento e distribuição de água à população, produção e distribuição de gás encanado) e a indústria manufatureira, inclusive a relacionada ao agronegócio como, por exemplo: as fábricas de papel e celulose, os frigoríficos, entre outras (ALMEIDA, SILVA, ÂNGELO, 2012, p. 150).

A produção têxtil e especificamente a de confecções estão inseridas no subsetor da indústria manufatureira, tendo esse subsetor sido significativo para o processo da Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra, enquanto atividade pioneira, tanto do ponto de vista produtivo quanto de expansão. Santos (2008) afirma que tal setor impulsionou a Revolução Industrial inglesa dos séculos XVIII e XIX e foi à primeira forma de indústria se instalar fora dos países desenvolvidos.

A cadeia de produção confeccionista instala-se predominantemente nos países não desenvolvidos, principalmente nos asiáticos e em países da América Latina como Brasil e México, sendo essa produção ligada a péssimas condições de trabalho, com grandes jornadas diárias, baixos salários e condições insalubres como: fiações elétricas expostas, máquinas antigas, falta de equipamentos necessários para a proteção do trabalhador e ambientes com pouca ventilação e luminosidade (CASARA, 2013, FERRETI, 2006, LIMA, 1997).

A produção de confeccionados na escala mundial se estrutura na concentração do gerenciamento e da fragmentação do processo produtivo. A globalização se impõe nas

---

<sup>9</sup> Não inclusos, portanto, os demais elos da cadeia têxtil (setores: algodão, fiação, tecelagem e linha lar – cama/mesa/banho) Abravest (2013).

articulações espaciais mundiais, produzindo desigualdades, em que a produção fica de um lado e a distribuição e o consumo ficam de outro.

Santos (2008) afirma que há uma dissociação geográfica entre controle, produção e consumo, existindo uma separação entre escala da ação e do ator. Essa dissociação é condicionada pelas firmas transnacionais, no caso, as grandes marcas ligadas ao setor de vestuário.

Grandes empresas são mundialmente responsáveis pela distribuição e pelo consumo de confeccionados, a saber: H&M, Louis Vuitton, Hermès Paris, Gucci, Möet e Chandon, Burberry. Gonzaga (2002) afirma que empresas como Lupo<sup>10</sup>, Ellus<sup>11</sup> e Malharia Cambucy-Penalty<sup>12</sup> praticamente não são mais responsáveis pelo processo de fabricação do vestuário e acessórios, delimitando sua ação em outros setores como circulação e venda.

Algumas dessas marcas são de capital brasileiro, como Malharia Cmbucy-Penalty e Lupo, o que mostra a participação de países não desenvolvidos no circuito superior, estando esse circuito nesses espaços, estruturado de uma forma pontual e fragmentada.

Essas firmas têm na unicidade das técnicas as condições para a estruturação das verticalidades<sup>13</sup> que, para Santos (2008), são responsáveis pela circulação, distribuição e pelo consumo, sendo esses processos unidos pela mesma essência do fenômeno da globalização ou mundialização do capital Chesnais (1995), imposta como uma etapa do capitalismo, socializando a produção em países periféricos e privatizando a circulação, distribuição e o consumo. Segundo Santos (2000), a globalização compreende

---

<sup>10</sup> Cadeia de lojas brasileiras fundada em 1921, em Araraquara-SP, sob o nome fantasia Meias Araraquara, depois chamada Lobo. Em 1987, ela reestrutura a marca sob a denominação Lupo S/A. Hoje, a Lupo é uma empresa que tem liderança no segmento de meias e roupas esportes, sendo proprietária do Shopping Lupo no estado de São Paulo. A marca vende em diversos países como Angola, Argentina, Bolívia, Chile, Costa Rica, El Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Japão, Líbano, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Bolívia, entre outros (LUPO, 2013).

<sup>11</sup> Fundada em 1972, atua no mercado de jeans, fazendo parte da cadeia de marcas Holding Inbrands. A grife atua na Europa, no Oriente Médio, na América Latina, nos Estados Unidos e na Ásia (ELLUS, 2013).

<sup>12</sup> O grupo Cambuci S/A é brasileiro gerenciador das marcas Penalty e Stadium. A empresa está presente em diversas partes do Mundo: Argentina, Chile, Japão, Espanha e em outros países. (CAMBUCI, 2013).

<sup>13</sup> Santos (2008) afirma que existem as horizontalidades e as verticalidades. “As *horizontalidades* são espaços contínuos formados de pontos no espaço que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e economia. São as *verticalidades*. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. Enquanto as horizontalidades são, sobretudo, a fábrica da produção propriamente dita e o *locus* de uma cooperação mais limitada, as verticalidades dão conta sobretudo dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais extensa e implacável” (SANTOS, 2008, p.88).

[...] o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política. (SANTOS, 2000, p. 22).

A globalização como fenômeno presente e como consequência da modernização faz com que as relações mundiais, por meio das técnicas, possam ser travadas em diversos espaços. Para Santos (2008), o fenômeno de articulação que extrapola o país, ligado à globalização e baseado nas verticalidades, possibilita relações extranacionais denominadas como circuito superior, originadas diretamente da modernização tecnológica e organizacional representada pelos bancos, distribuidores, firmas com intensivos capitais, construindo relações que ultrapassam a cidade e buscam o lucro permanente e a expectativa de estabilidade produtiva.

Esse circuito tem nas técnicas e na organização financeira possibilidades de se instalar nos espaços mais diversos. Ele é essencialmente resultado da articulação das grandes firmas, que chegam a países não desenvolvidos relacionadas ao chamado circuito inferior, caracterizado por trabalhadores mal remunerados, falta de créditos bancários<sup>14</sup> e mão de obra fácil, pois esse circuito não exige grandes qualificações para o trabalho.

De início, a escala de atuação do circuito inferior não ultrapassava a cidade, mas, com a intensificação da globalização, esse circuito ampliou sua atuação, condicionado pelo circuito superior. Aumenta-se a dependência entre os dois circuitos da economia urbana com relações produtivas externas (MONTENEGRO, 2011).

Essa relação entre circuito superior e circuito inferior torna-se global, mediada pelos atacadistas que representam o cume do circuito inferior e a base do superior, articulando o fluxo produtivo para países não desenvolvidos, sendo o espaço deles atingidos de forma seletiva, descontínua, instável, multipolarizada, ocasionando uma “[...] seletividade do espaço, no nível econômico assim como no nível social, a nosso ver, a chave de elaboração de uma teoria espacial” (SANTOS, 2008, p. 21), e estruturando uma diversidade dos espaços destinados à produção.

Para Montenegro (2006), a teoria dos circuitos da economia urbana possibilita subsídios para construir uma Geografia da produção, da circulação e do consumo. Dentro da globalização, a dinâmica espacial-territorial, social e econômica é cada vez mais limitada por um reduzido número de empresas. O trabalho intensivo, com baixa remuneração, se reproduz concomitantemente às atividades modernas.

---

<sup>14</sup> O crédito é centralizado e fornecido pelo circuito superior, que, além de grades firmas, congrega bancos e financeiras. “Hoje, o circuito superior reconhece a importância de desburocratizar o crédito, para estender suas oportunidades de lucro e, assim, os requisitos exigidos são mínimos” (SILVEIRA, 2009, p. 69).

São nos espaços urbanos que as relações do circuito superior e do inferior têm mais nitidez. Os países chamados de periféricos ou não desenvolvidos, comportam em seus centros urbanos o entrelaçamento entre esses dois circuitos, sendo o primeiro articulador de decisões distantes e o segundo promotor de especificidades, muitas vezes restritas às cidades onde estão presentes.

A articulação entre os dois circuitos da economia urbana promove a diferenciação dos espaços em contraponto ao caráter homogeneizador da globalização. Embora os circuitos sejam resultados da modernização, do processo de globalização das atividades econômicas, a existência e a diferenciação dos dois promovem estruturas espaciais diversas, mesmo que os fenômenos produtivos sejam guiados pela unicidade das técnicas.

A teoria dos circuitos propõe romper a dicotomia entre setor tradicional ou não capitalista com setor moderno, da mesma forma que supera considerações que enfatizavam, apenas, a produção, não observando as esferas de distribuição, consumo e trabalho. Não há uma dualidade entre os dois circuitos (SANTOS, 2008); eles são complementares em suas dinâmicas, são efeitos da mesma origem, a modernização, que aparece de forma evidente na produção dos espaços urbanos (MONTENEGRO, 2011). Silveira (2013) comunga com os autores quando evidencia as relações dos dois circuitos, tratando-os como articulados entre si.

No se trata, sin embargo, de actividades divorciadas, sino de un sistema de vasos comunicantes, en el cual todos los circuitos son resultado de las modernizaciones y de las respectivas transformaciones en la división territorial del trabajo (SILVEIRA, 2004, p. 1).

Dentro dessa relação dos circuitos da economia urbana está a produção de confeccionados no mundo, concentrada nos países não desenvolvidos ou periféricos, ou em condições de mercado especial como a China. Isso não quer dizer que as sedes de grandes firmas de vestuários estejam presentes nesses espaços.

A cadeia produtiva que é transferida, a montagem das peças, para os países periféricos, ficando escritórios, marketing, mão de obra mais qualificada nos países europeus e nos Estados Unidos. E quando tais escritórios estão presentes em países periféricos ficam restritos a alguns pontos do espaço nacional, resultando em desigualdades regionais dentro de um mesmo território, provendo a fragmentação e a desarticulação da unidade espacial e produtiva desses escritórios.

A descentralização produtiva é proporcionada pela mão de obra barata oferecida por esses países e pelas leis trabalhistas flexibilizadas, o que possibilita a diminuição das despesas

com encargos trabalhistas, já que as grandes empresas não se responsabilizam por prejuízos e pela proteção dos trabalhadores, pois a produção é terceirizada para confecções que subcontratam costureiras.

Pereira Júnior (2013) afirma que as indústrias tradicionais – como a indústria têxtil, no caso, a indústria de confecção, e a calçadista – são responsáveis por uma expressiva locação de força de trabalho, “[...] as unidades simplesmente são fechadas na Europa Ocidental e transferidas para o Leste Europeu, Ásia (China, principalmente) e América Latina” (PEREIRA JÚNIOR, 2013, p. 165), estruturando redes de terceirização e subcontratação em escala mundial.

A terceirização é estruturada por relações, onde pessoas físicas ou jurídicas passam a realizar atividades antes feitas dentro das firmas contratantes. A contratada passa a ter na atividade terceirizada sua atividade-fim (SOUZA, 2005, p. 37 *apud* BIANCHI, 1995). No caso das pequenas fábricas confeccionistas, a atividade-fim é a costura da peça, popularmente conhecida como montagem.

As indústrias de confecções, quando realizam a produção terceirizada, limitam-se apenas à montagem das peças e algumas vezes ao empacotamento, não sendo responsabilizada pela criação, distribuição e venda.

Cacciamali (1997) afirma que há uma tendência atualmente do deslocamento de atividades produtivas de grandes empresas para pequenas unidades produtivas. O IBGE (1999) classifica pequenas unidades produtivas como atividades econômicas com até 5 empregados, independentemente do número de sócios, excluindo-se trabalhadores não remunerados.

As grandes empresas de vestuário fazem intenso investimento em publicidade e centralizam atividades administrativas, gerenciamento e protótipos de vestuários, corte dos tecidos em seus países-sedes, transferindo a produção, a montagem das peças, para países não desenvolvidos. Desse modo, promovem uma articulação entre o circuito superior e o circuito inferior, mediada por atacadistas, terceirizados que subcontratam ou montam pequenas oficinas confeccionistas para empregar pessoas que não têm acesso a empregos regulares e procuram sustento na produção de confecção, submetendo-se a péssimas condições de trabalho.

A princípio, os intermediários – geralmente atacadistas –, eram contratados pelas grandes marcas para executar a montagem das peças, mas eles passaram a atividade para confecções domiciliares, as quais contratam costureiras para a montagem da peça no processo de quarteirização, ou seja, “[...] as mulheres que têm as facções domiciliares tornam-se

patroas de outras costureiras, reproduzindo a relação que as empresas contratantes fazem com ela, surgindo então uma *quarteirização*” (BRUMATTI, 2008, p. 6), descentralizando ainda mais a produção.

No Fluxograma 1, sintetiza-se a relação do circuito superior com o inferior para o gerenciamento da produção, da circulação e do consumo entre grandes empresas que subcontratam sua produção.

A associação entre os dois circuitos da economia urbana é imprescindível para a estruturação da concentração do gerenciamento e da fragmentação do processo produtivo. Vê-se a reciprocidade da dinâmica dos dois circuitos para a concretização dos processos de fluxos na indústria global, no caso, o setor de confecções.

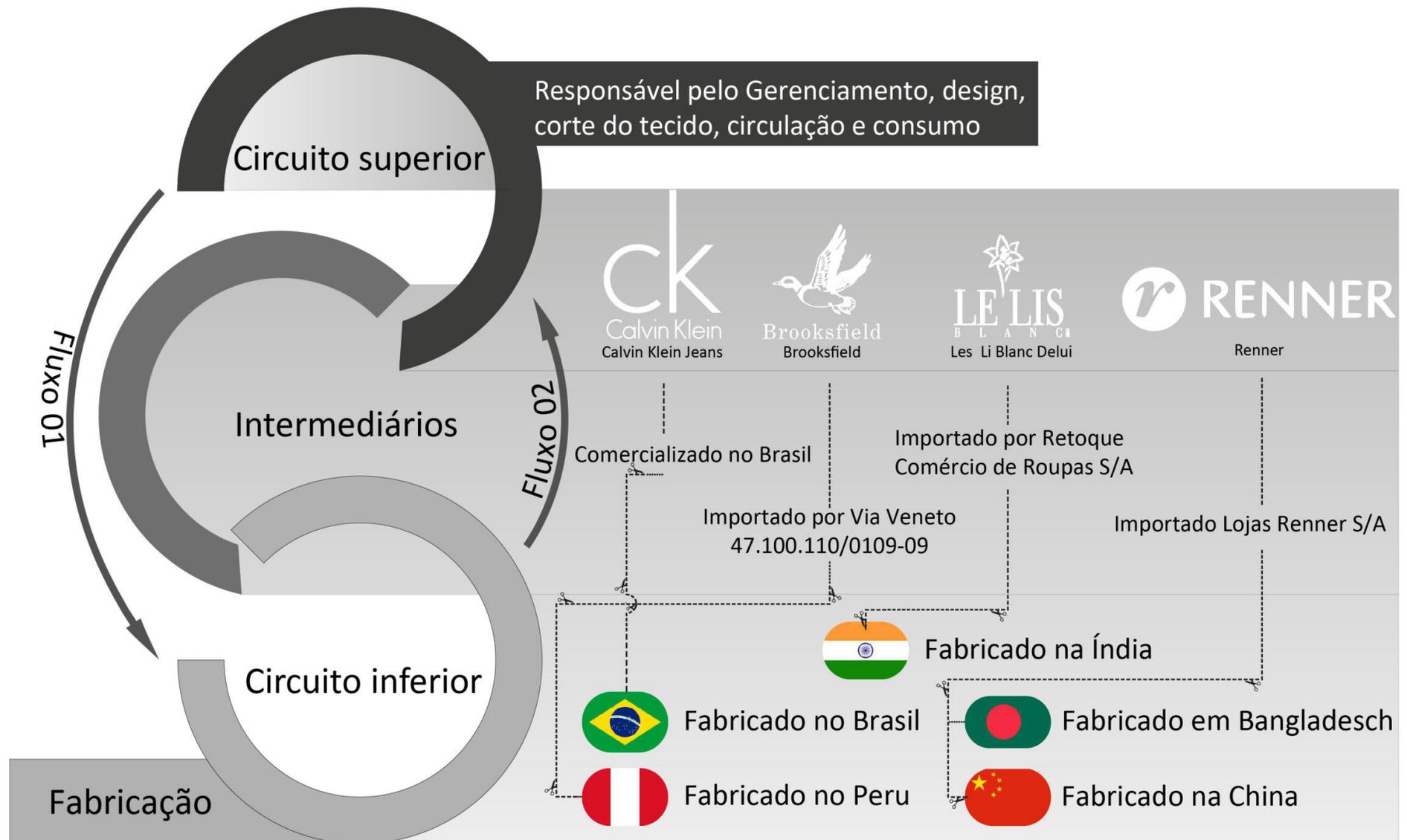
Embora o Fluxograma 1 possibilite a compreensão das relações entre os dois circuitos da economia urbana, tem-se que levar em consideração que outras dinâmicas não foram evidenciadas como uma possível associação entre duas empresas, uma responsabilizada pelo gerenciamento, dentro do circuito inferior, e outra voltada para a produção, também dentro do circuito inferior, denotando o caráter diverso dessa produção.

Esse Fluxograma foi baseado em trabalho de campo – um dos passos desta pesquisa – realizado no dia 3 de setembro de 2013, em um *shopping* de Fortaleza-Ceará, em que se podem perceber empiricamente as relações travadas dentro dos circuitos da economia urbana no processo de produção, distribuição e consumo das confecções.

A escolha de um *shopping* se deu pelo fato de esse equipamento de consumo e produção de espaço de lazer ter condições de concentrar diversas lojas, desde aquelas que vendem produtos voltados para uma classe baixa até as que oferecem produtos de grifes, voltados para um público limitado e específico que busca roupas caras e de “qualidade”.

O campo foi estruturado para a verificação das relações travadas entre o circuito superior e o inferior da economia urbana de Santos (2008). Um dos objetivos da pesquisa é discutir a estruturação do processo produtivo de confeccionados na escala global, com o propósito de evidenciar sua repercussão em Fortaleza e relacionar tal fato à globalização, como um aspecto fundamental para as interações feitas entre produção, distribuição e consumo (Veja Fluxograma1).

Fluxograma 1-- Relações de produção, distribuição e consumo de confeccionados em escala mundial dentro dos circuitos da economia urbana.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2013.

Baseado na teoria dos circuitos da economia urbana, o Fluxograma 1 evidencia como a indústria de confeccionados no mundo se articula, buscando a centralização do capital e a descentralização da produção, tendo na diminuição das despesas produtivas o argumento essencial para essa articulação.

Sabe-se que qualquer proposta de esquematização poderá não destacar todos os processos que ocorrem dentro de um fenômeno que se procura evidenciar, mas também tem-se em mente que o esquema de representação elucida de uma forma mais global as relações travadas, para a compreensão de determinado evento.

Tem-se no circuito superior a centralização do gerenciamento, do marketing, da distribuição e do consumo feita pelas grandes firmas, pelos bancos, pelo comércio, por atacadistas e transportadoras (Santos, 2008).

Percebe-se que as grifes e lojas de departamento têm uma relação de produção de confecções descentralizada e espalhada pelo mundo, principalmente nos países de capitalismo periférico, como é ressaltado no Fluxograma 1.

Em lojas de grife pesquisadas como Brookfield, Calvin Klein Jeans, Le Lis Blanc Delui, entre outras, verificou-se uma relação entre gerenciamento, distribuição e consumo no circuito superior, e uma distribuição por meio dos atacadistas ligados aos intermediários, que, para Santos (2008), se constitui no topo do circuito inferior e na base do superior, estando a produção, ou seja, a montagem das peças, no circuito inferior, geralmente em países asiáticos como China e Bangladesh e também no Brasil, Peru e em Honduras. No Fluxograma 1 mostram-se também as relações na produção de vestuários para as lojas de departamentos, no caso a Renner.

As lojas de departamento, por sua vez, centram, em seus escritórios, os laboratórios de pesquisa, o protótipo de modelos de vestuário que irão ser confeccionados. Há uma intensa concentração dessas empresas nos países desenvolvidos, centrando mão de obra qualificada para a criação dos vestuários e descentralizando a produção propriamente dita por vários países.

O **fluxo 1** mostra que a loja contratante faz um processo de encomenda via intermediário, o qual estará responsável pela entrega do material à indústria de confecção, que, geralmente, irá montar as peças, costurar as partes do vestuário que chegam a essa unidade produtivas já cortadas, além de fixar alguns aviamentos.

A Brooksfield, por exemplo, faz todo o processo ligado ao gerenciamento para a confecção da mercadoria através do intermediário Via Veneto, propiciando a articulação com as confecções, no caso as confecções do Peru.

O processo de articulação entre a empresa contratante, o intermediário e as indústrias confeccionistas é caracterizado por um intenso controle de material e peças de aviamentos<sup>15</sup>, controle esse relacionado à qualidade do produto final.

Como verificado no **fluxo 1**, no caso da Brooksfield, o intermediário recebe uma peça do produto com um controle via numeração específica, como foi mostrado no Fluxograma 1, importado por Via Veneto 47.100.110/0109-09, numeração importante para o controle de qualidade e para evitar gastos com desperdício de tecidos e aviamentos. Esse tipo de relação se mostra semelhante ao de outras empresas como a Le Lis Blanc Delui, que possui uma relação de importação com Restoque comércio de Roupas S/A, com fabricação na Índia.

No caso da Renner, a loja tem um setor voltado para a importação, que gera uma intermediação com as indústrias de confecções distribuídas em vários países como Índia, Bangladesh, Peru, entre outros. Além dessa diversidade produtiva, essa loja de departamento vende roupas de uma diversidade de confecções. Há dentro de uma mesma loja uma série de vestuários produzidos por diversas confecções.

A Renner tem roupas fabricadas em Bangladesh em duas fábricas diferentes, identificadas no trabalho de campo por Blue Steel e a Request, voltadas para roupas em malha. Já a produção de outro tipo de roupa, chamado de gola polo, é feita no Peru.

Na confecção Marfinno, os vestuários são fabricados com material à base de fibras sintéticas, cuja produção está centrada na China e na Índia, das confecções Preston Field e Marfinno, na Índia. A figuras 1 mostra, através das etiquetas, a diversidade de origem produtiva, fruto da descentralização feita por uma loja de departamento, prática recorrente em outras lojas visitadas.

---

<sup>15</sup> Compreendem acessórios colocados nos vestuários como zíperes, botões, laços, lantejoulas, linhas de costuras de estruturas variadas, utilizados no acabamento dos vestuários.



**Figura 1** – A esquerda etiqueta de vestuário com a produção em Bangladesh, e a direita etiqueta de vestuário com produção na Índia.

**Fonte:** Santos, 2013.

Nas lojas Riachuelo, a marca Pool tem sua produção tanto no Ceará, na fábrica têxtil Guararapes, como em Bangladesh, existindo *a priori* dois locais de produção da Poll.

Assim, pelo trabalho de campo, baseado também no referencial teórico, pode-se perceber o gerenciamento, o marketing, a circulação e o consumo centralizados por determinadas firmas, enquanto a produção é descentralizada em vários países de capital tardio ou em condições de mercado especial como a China.

Tais processos, associados a inovações tecnológicas de informação, possibilitam a descentralização, a desterritorialização do espaço produtivo (VILASBOAS, 2013). Assim, evidenciou-se a diversificação da produção, mostrada no Fluxograma 1, sendo a concentração em países asiáticos e da América Latina.

Uma vez condicionado à descentralização da produção, ligada ao Circuito Inferior da economia, o mesmo intermediário passa a enviar os confeccionados para a empresa que encomendou a costura, a montagem da peça. O **fluxo 2** mostra que a peça costurada volta para a mesma empresa, a qual se responsabilizará, em um terceiro momento, pela circulação e pelo consumo dos produtos fabricados no processo de descentralização produtiva.

Portanto, há o diálogo entre os dois circuitos por meio do intermediário, que pode ser um atacadista, responsável pelo transporte das peças dos centros de criação até os espaços

produtivos, localizados preponderantemente em países periféricos. O mesmo intermediário se responsabiliza pela chegada do produto à firma contratante, que faz a distribuição para suas cadeias de lojas ou franquias, para a realização das vendas.

Há um intenso controle de qualidade no envio das peças para os centros de distribuição e venda. Muitas vezes, as grifes mandam funcionários examinarem as peças, ainda nos países onde foram costuradas, para que elas não cheguem com defeitos ao destinatário, evitando prejuízos no transporte de mercadoria defeituosa.

Antes de fechar contrato com agentes produtivos, essas firmas procuram as melhores condições produtivas, como redução de despesas com mão de obra, preço, porém exigindo boa qualidade do produto.

A descentralização produtiva concentra-se em países como China, Bangladesh, Índia, Paquistão, Brasil, Turquia, Coreia do Sul. Tal descentralização concentrada em países periféricos ou de mercados especiais está relacionada à precariedade do trabalho executado dentro desses países, pois a produção é feita sob as mínimas condições de trabalho, destinada a grifes, ou para lojas de departamento<sup>16</sup>, sendo o consumo empreendido exponencialmente na Europa, nos Estados Unidos e pelas classes de médio e alto poder aquisitivo nos países pobres. A Tabela 2 mostra a produção mundial de confeccionados.

**Tabela 2**-Produção Mundial de Vestuários em 2010

<b>PAÍSES</b>	<b>PARTICIPAÇÃO PROPORCIONAL</b>
China	49%
Índia	7 %
Paquistão	3,8 %
Brasil	2,9 %
Turquia	2,7 %
Coréia do Sul	2,4 %

Fonte: Abravest<sup>17</sup> (2013).

Como observado na Tabela 2, a China detém 49% da produção mundial, pois esse país dispõe de um grande número populacional, com pequeno nível de renda, que se submete a baixos salários. A intensa atividade industrial desse país se deve à abertura econômica

<sup>16</sup> Grandes cadeias de venda de confecções, acessórios e outras mercadorias dentro de uma escala que ultrapassa o país, gerando uma produção em países pobres e um consumo direcionado para determinadas classes de médio e alto poder aquisitivo nos países periféricos. Exemplos dessas lojas são C&A, Renner, Zara. Com a desburocratização do crédito, como salienta Silveira (2009), setores populares estão progressivamente tendo acesso a itens dessas lojas.

<sup>17</sup> Associação Brasileira do Vestuário.

ocorrida gradativamente nos anos 1980, que aumentou as relações comerciais e deu condições para que os investidores estrangeiros tivessem ganhos lucrativos (FERRETI, 2006).

Além disso, a China dispõe de uma boa infraestrutura, tendo um dos maiores portos do mundo, um grande mercado consumidor interno, facilidade para as empresas de transferirem suas plantas menos modernas, com intensiva mão de obra, por meio da associação em forma de *joint venture*<sup>18</sup>, buscando a instalação empresarial com plantas industriais que exigem significativas quantidades de trabalhadores, conjuntamente, tentando transferência da tecnologia (GUIMARÃES, 2011).

A China também foi beneficiada pelas novas regularizações feitas no Acordo Têxtil Vestuário (ATV), ou Acordo Multifibras, implantado em 1974, com o fim de conter exportações de países não desenvolvidos nos mercados dos países desenvolvidos, através de cotas e tarifas taxadas nas mercadorias. Em 1995, com a Rodada do Uruguai, essas regras começaram a ser desmanteladas, o que diminuiu as taxas sobre os produtos importados pelos países desenvolvidos.

Os produtos têxteis e o vestuário começaram a entrar com mais facilidade dentro de diversos países, e a China foi um país dos mais beneficiados, pois detém grande produção em matéria-prima de confeccionados feitos à base de fibras químicas<sup>19</sup>, responsáveis pela constituição de diversas peças de vestuário. Segundo Dan (2001), no final da década de 1980 os produtos têxteis e o vestuário ultrapassaram a importância do petróleo no mercado de exportação chinês.

A produção de vestuários nesses países, mostrados na Tabela 2, é facilitada pela flexibilidade nas relações trabalhistas, como regimes de horas variáveis, pouca fiscalização, disponibilidade de mão de obra barata. O fenômeno de flexibilidade foi intensificado a partir da década de 1970, por meio da Reestruturação Produtiva Harvey (1993).

No Brasil, a abertura econômica e a flexibilização trabalhista foram reforçadas nos anos 1990 com o Plano Brasil Novo<sup>20</sup>, do governo Collor (1990-1992), e continuadas no governo Fernando Henrique (1994-2003).

---

<sup>18</sup> Traduzindo ao pé da letra, a expressão *joint-venture* quer dizer "união com risco". Ela, de fato, refere-se a um tipo de associação em que duas entidades se juntam para tirar proveito de alguma atividade, por um tempo limitado, sem que cada uma delas perca a identidade própria (Ipea, 2013).

<sup>19</sup> São fibras produzidas a partir de processos químicos, a polimerização, resultando em material artificial como Viscose, Poliamida, Acrílico e Poliéster (Unicamp-IE-Inet, 2002).

<sup>20</sup> Também chamado de Plano Collor, foi baseado na implementação ousada de uma política de privatizações e de liberalização econômica, tanto no que tange aos fluxos de capitais quanto aos fluxos de mercadorias (Gennari, 2001), acelerando o processo de abertura econômica do país.

Chesnais (1995) refletindo sobre o processo de subcontratação feito pelos diversos grupos econômico e citando o caso das articulações da empresa Nike afirma que

As operações de subcontratação internacional do capital comercial constituem um exemplo de uma das formas que assume a “integração seletiva” dos países “do Sul” pelos países “do Norte”. (CHENAIS, 1995, p. 17).

Existe uma procura feita pelas “firmas-rede” (CHANAIS, 1995) por países como a China, a Índia, o Paquistão, a Turquia, o Brasil e a Coreia do Sul, como mostrado na Tabela 2, para a concentração de suas atividades produtivas. Essas buscam montar suas atividades em países de capitalismo tardio, concentrando suas atividades confeccionistas em centros urbanos, como Nova Deli, Islamabad, Dacca, Chittagong, São Paulo, Nova Friburgo, Fortaleza e Natal, os quais possuem grande concentração populacional e têm na confecção um segmento de absorção da mão de obra abundante.

No caso do Brasil, especificamente, a produção de confeccionados é diversa, levando-se em consideração a existência de produção em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, mas também em cidades menores como Santa Cruz do Capiberibe (PE), Toritama (PE) Cianorte (PR) e Nova Friburgo (RJ), estando à produção de algumas cidades voltadas para a circulação local ou regional, sendo as peças de vestuários baseadas, muitas vezes, em imitação de modelos de grandes marcas. Silveira (2009) afirma que “[...] en el período actual, la imitación – uno de los pilares del funcionamiento del circuito inferior” (SILVEIRA, p. 5, 2009), vem sendo reforçada após a popularização da publicidade por meio da globalização.

Para a autora, com a intensificação da informação, por meio da publicidade, verifica-se uma maior busca pela imitação de peças de roupas em consonância com os modelos ditados pela moda das grandes empresas.

Cada vez mais a produção confeccionista, dentro do circuito inferior, tem acesso a revistas, desfiles e a cursos de formação que possibilitam a semelhança dos produtos em relação às grandes grifes.

Mesmo que as relações de produção sejam diversas, umas produzindo para grandes marcas, outras para marcas locais, as condições de trabalho nas fábricas, além da espoliação de proteções trabalhistas, ultimamente estão evidenciadas pelas tragédias que acontecem nesses espaços produtivos. A mídia e os grupos de pesquisa noticiam e discutem esse fenômeno.

## 2.2 Condições de trabalho nas indústrias de confecções: riscos para sobreviver

A estrutura de trabalho nas indústrias de confecções tem como característica uma diversidade de condições produtivas. Existem produções em aglomerados industriais que reúnem intenso número de mão de obra, estando divididas em diversas plantas industriais, produzindo para encomendas específicas. Outras produções estão em pequenas indústrias confeccionistas em vários bairros, ou na própria casa dos trabalhadores o que é chamado de subcontratação de costureiras em domicílio.

A contratação em domicílio para a produção de roupas, embora esteja a cargo de indústrias do circuito superior, geralmente é realizada em pequenas unidades produtivas confeccionistas estabelecidas no circuito inferior da economia urbana.

A mão de obra feminina tem predominância na indústria de confecção, sendo a participação da mulher fundamental para a realização dessa atividade. Para Silva (2008), além dos afazeres domésticos exercidos pela mulher, ela atua em atividades complementares por meio da costura. A máquina de costura adentra o domicílio e “[...] ocupa espaço de destaque no imobiliário doméstico” (SILVA, 2008, p. 138), possibilitando uma atividade importante para a composição da renda familiar.

Abreu (1986) afirma que o trabalho no ambiente familiar de costura é antigo e em um primeiro momento estava ligado ao consumo doméstico, mas, com a Revolução Industrial XVII e XVIII, esse tipo de atividade passa a ser exercida de uma forma poderosa nas indústrias têxteis, no entanto não deixa de existir no ambiente domiciliar. LIMA (1997) ressalta que

A novidade nesta nova onda de industrialização refere-se aos custos da força de trabalho, medidos internacionalmente e que determinam, junto com o reordenamento tecnológico, organizacional e espacial da produção, a competitividade do produto final (LIMA, 1997, p.141).

Diante de tal evidência, percebe-se que o trabalho têxtil-confeccionista em domicílio é uma atividade industrial tradicional, que permanece no atual contexto do espaço-produtivo ampliando escalas e se redimensionando em novos processos produtivos por meio da globalização na busca da competitividade nas relações globais comerciais.

O circuito inferior tem uma diversidade significativa em sua dinâmica, havendo diferenças no modo de produção em praticamente todos os locais, mas com as seguintes características: mão de obra com baixa escolaridade; poucas garantias formais de trabalho;

produção em ambientes que muitas vezes se confundem com residências; lucratividade individual – garantindo bons lucros individuais para o trabalhador, que tem sempre como objetivo o dinheiro líquido para satisfazer suas necessidades mais urgentes na vida cotidiana, e formas produtivas baseadas em capital não intensivo. O circuito inferior é abastecido pelo circuito superior, sendo o primeiro, essencialmente, o fornecedor de ocupação para a população pobre (SANTOS, 2008).

A exploração produtiva é evidente, com condições de trabalho caracterizadas por intensa exploração de mão de obra, como: jornadas de trabalho acima de 12 horas diárias, seis dias por semana, ambientes insalubres, forte concentração de lucro e socialização de miséria.

Situações como essas, que se pensava estarem superadas ou serem condições residuais, ocorrem de forma frequente no sistema capitalista atual (OLIVEIRA, 2009). Davis (1993) reforça isso afirmando que, no capitalismo pós-modernista, os enclaves de produção pré-capitalista trouxeram de volta primitivas formas de exploração urbana, em que trabalhadores muitas vezes labutam em casa, na produção de artigos de vestuário, estruturação “com certeza, inteiramente capitalista” (DAVIS, 1993, p. 112), não representando apenas uma nova fase de tal sistema, mas um retorno à acumulação primitiva de capital, com articulações produtivas e escalares novas, mas se estruturando na superexploração do trabalhador urbano.

Nos últimos anos, foram evidentes acidentes com centenas de mortos nas unidades confeccionistas. No ano de 2005, morreram em torno de 70 pessoas em consequência de um desabamento de um prédio que abrigava várias confecções na cidade de Dacca, capital de Bangladesh. Em 2010, 25 pessoas morreram por outro desabamento também na capital de Bangladesh. Ainda na mesma cidade, um incêndio matou 110 pessoas nas oficinas de confecção em 2012 (G1, ESTADÃO, 2013).

Em 24 de abril de 2013, no subúrbio de Dacca, houve o desabamento de um prédio, o Rana Plaza, provocando a morte de centenas de costureiras que trabalhavam no local. Havia cerca de 2.412 pessoas trabalhando na produção no dia do desabamento. Nesse local, funcionava uma diversidade de pequenas oficinas que costuravam para grifes internacionais como Primark<sup>21</sup> e Mango<sup>22</sup> (PÚBLICO, R7, 2013).

---

<sup>21</sup> Cadeia de lojas irlandesa fundada em 1969, se estruturando pela distribuição de confecções e acessórios em diversos países como Espanha, Holanda, Portugal, Alemanha, Bélgica e Áustria, demonstrando uma atuação de venda global na venda de confeccionados e acessórios.

<sup>22</sup> Rede de lojas espanhola, fundada em 1984, que atua em mais de 100 países, com 1.400 lojas. Possui uma liderança na venda de roupas no varejo, sendo responsável por eventos no circuito de moda como a promoção do El Batón, prêmio de moda para novos talentos. Santos (2008) evidencia a publicidade como arma de expansão do circuito superior da economia urbana. No Brasil, essa firma atua com o nome de MNG, Estados Unidos MNG by Mango. Ultimamente, está lançando uma nova grife, “HE”, expressão latina “Homini Emerito”.

Além do desabamento do Rana Plaza, outros acidentes são notórios na produção de confecções como a morte de oito trabalhadores, após um incêndio, também em Bangladesh (TERRA, 2013).

No Paquistão, na cidade de Karachi, 300 trabalhadores em unidades de produção confeccionista morreram em virtude de incêndios (O DIA, 2013). Também em 2013 desabamentos no Camboja deixaram 23 pessoas feridas nas indústrias de confecções subcontratadas pelas marcas H&M<sup>23</sup> (RFI, 2013).

Outras grifes como a ZARA, do grupo espanhol Inditex, operam nesses países asiáticos, sendo, do mesmo modo, responsabilizadas por acidentes dentro dos ambientes de trabalho nas indústrias confeccionistas. Há 30 anos, o setor de confecções se concentrou nos países asiáticos, se tornando atividade essencial para a economia, principalmente em Bangladesh (G1-Mundo, 2013).

Nos Estados Unidos da América na busca de redução de custos com a produção de vestuário, empresas locais subcontratam unidades produtivas mexicanas para atuarem na produção confeccionista. “Desde a década 70, empresas norte-americanas vêm se instalando na fronteira mexicana em busca de redução de custo” (LIMA, 1997, p.142). Essa relação é condicionada pela diminuição de prejuízos para a produção, já que as contratantes não ficam diretamente responsáveis pelas condições de trabalhos e pelo cumprimento de leis trabalhistas.

Os contratantes são responsáveis pelos protótipos dos vestuários, pela circulação e pelo consumo, características de grandes firmas que, além da venda de vestuário, estão relacionadas à oferta de créditos, financiamentos e outras atividades econômicas, dinamizando o capital dessas instituições, mostrando o caráter monopolista e diversificado em que estão inseridas as empresas dentro do circuito superior.

Tal fato ocorre, igualmente, entre países da Europa Ocidental e do Leste Europeu, esses últimos contratados sob condições de intensa exploração de mão de obra (LUPATINI, 2007).

No Brasil, tal fenômeno é semelhante, com relação às más condições de trabalho. Grande parte dos trabalhadores nas indústrias de confecções é da periferia das cidades; outra parte é

---

<sup>23</sup> Hennes & Mauritz, cadeia de lojas fundada em 1947, em Estocolmo, Suécia, que atua no ramo de moda casual. A princípio, seus modelos foram voltados para o público feminino, mas hoje conta, também, com uma diversidade de roupas masculinas. Sua atuação fica, principalmente, nos Estados Unidos, na Europa e com expansão para Israel. A marca está com grande notoriedade devido a campanhas relacionadas à artista pop Madonna, como a coleção “M by Madonna”, e à aparição da primeira-dama norte-americana, Michele Obama, com uma roupa casual em um programa de TV. Suas principais concorrentes são a Zara, a Top Shop, a C&A, a GAP, a Forever 21.

formada de imigrantes, principalmente da Bolívia, que se submete a condições degradantes dentro de unidade de confecção, no caso de São Paulo e Rio de Janeiro.

Dezenas de bolivianos chegam a São Paulo ou ao Rio de Janeiro para trabalhar nessas indústrias. Há uma intensa relação de grandes marcas, com atravessadores terceirizados para a subcontratação de costureiras. A rede Lojas Americanas<sup>24</sup> terceiriza sua produção para uma confecção denominada HippyChick Moda Infantil – com a etiqueta Basic+Kids (Liberdade, 2013). Essa confecção é a responsável pela produção e montagem da peça, já que modelo, design, corte do tecido são incumbência da cadeia de loja contratante, que faz a circulação e a venda das peças das roupas, no caso as Lojas Americanas.

A fase de produção externa, como é chamada a produção enviada para as confecções, se concentra, apenas, na montagem da peça. Dentro das unidades produtivas terceirizadas, os trabalhadores estão em condições degradantes, sem carteira assinada, em imóveis com péssimas condições de abrigo, com famílias inteiras morando praticamente nos mesmos cômodos onde ficam os meios de produção, as máquinas de costuras, as tesouras, a prancha para passar, tudo no mesmo local, representando perigo constante aos trabalhadores.

Segundo Casara (2010), as mesmas relações de produção foram observadas na confecção de roupas C&A. Em São Paulo, a C&A terceiriza a produção para malharias, que contratam oficinas clandestinas, geralmente com mão de obra boliviana no trabalho em ambientes fechados, com diárias de até 16 horas de trabalho, dormindo no mesmo ambiente de produção, junto com a família. Tal condição é promotora de menos despesa para os contratantes.

A terceirização na produção de vestuários das grandes marcas propicia uma estrutura produtiva global descentralizada em busca da redução de custos. A contratação de mão de obra em péssimas condições de trabalho adiciona lucros exponenciais em consequência da redução de despesas com a mão de obra, pois a produção é transferida para terceiros, inseridos no circuito inferior, estruturado por uma produção descentralizada em pequenas oficinas confeccionistas, articuladas ao circuito superior, responsável pela distribuição e pelo consumo. Nessas pequenas oficinas, muitas vezes, “o único meio possível de sobrevivência

---

<sup>24</sup> Fundada em 1929, com capital americano, em Buenos Aires. A primeira loja no Brasil foi no Rio de Janeiro, em Niterói, também em 1929, com o *slogan* “Nada além de 2 mil réis”. As Americanas hoje é uma grande cadeia de lojas dedicada ao varejo, responsável por importantes associações financeiras como a formação de uma *joint venture* em 1994 com Walmart Brasil S/A, criando a Americanas Brasil S/A. Em 2005, a rede de lojas forma outras parcerias com o Banco Itaú, criando a Financeira Americanas Itaú (FAI), ou Americanas Taií, além da compra do canal de TV ShopTime do sistema Globo SAT. Hoje, as Americanas tem uma expressiva rede lojas e um dos maiores mercados on-line do país no ramo do varejo.

consiste na ‘adesão’ a uma ‘firma-rede’ do tipo Benetton, ou seja, em se transformar em subcontratadas”. (CHESNAIS, 1995, p.24).

Para Lencioni (1996), há uma concentração do controle de valorização do capital, por meio da gestão, e uma descentralização das unidades produtivas, dividindo a produção em várias fábricas. Esse processo foi intensificado no período de recessão econômica no Brasil e teve na indústria têxtil, principalmente no ramo de confecções, uma intensa ocorrência de reestruturação da produção.

Essa autora afirma que o processo de subcontratação condiciona uma centralização da valorização na descentralização produtiva, gerando uma intensa concentração de renda. Lencioni (1996) cita um exemplo, voltado para o setor de fiação pertencente à empresa têxtil TPS, grupo Cianê, a qual constitui uma indústria de “fiação sem teares” (LENCIONI, 1996, p. 81), estando voltada, apenas, para a concepção de tecidos.

Nesse tipo de associação, na qual a contratante, geralmente do circuito superior, se articula com uma indústria voltada à produção, ligada muitas vezes no circuito inferior, proporciona uma relação que não possibilita a autonomia, estando à concentração do capital na contratante, limitando a autonomia da contratada.

Assim, a autora afirma que as condições atuais de articulação de capital e produção são baseadas na concentração do capital e na desconcentração da produção, havendo criações de “labirintos no espaço” (LENCIONI, 1996, p. 87), no caso o urbano, pela possibilidade de uma diversidade de dinâmicas nesse espaço, buscando valorização do capital e intensificação da produção.

Verifica-se, portanto, que não se trata de uma dualidade de formação de dois circuitos, mas de inter-relações que promovem uma dinâmica econômica, social e urbana, sendo o circuito inferior dependente do circuito superior (SANTOS, 2008).

As condições nas quais estão inseridos os trabalhadores da indústria de confecção nos países asiáticos e em outros países não desenvolvidos, como o Brasil, revelam a precariedade da produção nesse ramo industrial.

Essas condições produtivas e trabalhistas estão dentro do fenômeno da Acumulação Flexível, iniciada nos anos 1970, em contraponto ao modelo fordista<sup>25</sup> até então existente (HARVEY, 1993). Harvey define a Acumulação Flexível desse modo:

---

<sup>25</sup> A crise intensificada nos anos 1970 estava relacionada à incapacidade do modelo fordista keynesiano de proporcionar o crescimento lucrativo capitalista. A busca do aumento do lucro tinha como barreira a rigidez do modelo de acumulação baseado no fordismo, caracterizado pela produção em massa, pelo sistema de capital fixo e, em larga escala, pela busca de planejamentos pouco flexíveis (HARVEY, 1993; ARRIGHI, 1996).

Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (tais como a “Terceira Itália”, Flandes, os vários vales e gargantas do silício, para não falar da vasta profusão de atividades dos países recém-industrializados) (HARVEY, 1993, p. 140).

Com a Acumulação Flexível e a busca pela reestruturação dos processos produtivos, houve a intensificação de tecnologia empregada pelas grandes firmas na procura da inovação comercial, tecnológica e organizacional, promovendo a “compressão do espaço-tempo” (HARVEY, 1993, p. 140) como um fenômeno da globalização, instituída pela unicidade das técnicas e a convergência dos momentos, concentrando o controle das finanças nos países sedes das transnacionais e fragmentando processos produtivos em várias escalas geográficas, podendo a produção ser “feita na Tunísia, outra na Malásia, outra ainda no Paraguai” (SANTOS, 1993, p. 26), dirigidas por decisões extranacionais que repercutem nos espaços e nas condições trabalhistas em diversos países.

As modificações implementadas pela Acumulação Flexível passou a exigir novas formas produtivas como: Círculo de Controle de Qualidade (CCQ) e estoques mínimos, regulados, no caso das confecções, através de peças contadas no momento do envio, junto com botões e demais aviamentos, sendo todos controlados no momento em que são encaminhadas às confecções, evitando, desperdício e sobra de peças, *Just in Time*<sup>26</sup>, subcontratação-terceirização, descentralização produtiva, por meio de contratos com várias confecções, possibilitando a fragilização sindical e os horários irregulares na produção, em que as atividades produtivas não estão ligadas às regulações de 8 horas de trabalho e salários específicos, mas baseadas no número de peças de vestuários produzidos na jornada de trabalho diária (ANTUNES, 2007).

Para Pereira Júnior (2013), tais processos geram novas formas de articulação do processo de produção industrial quando

---

<sup>26</sup> A expressão *Just in Time* pode ser definida como o processo com material certo, disponível na hora certa, no local certo, no exato momento de sua utilização. Esse conceito baseia-se na percepção de que se chegar tarde há paralisação do processo produtivo, e chegando muito cedo haverá um simples acúmulo de material sem utilidade naquele momento, requerendo espaço e capital, entre outros itens (Rossetti, Barros, Tódero, Júnior, Camargo, 2008).

[...] a tradicional produção verticalizada em um só estabelecimento pôde ser distribuída em diversas unidades de produção, implicando também numa complexidade da divisão técnica e territorial do trabalho, exigindo a redefinição de padrões convencionais de gerência e organização produtiva. (PEREIRA JÚNIOR, 2013, p. 143).

Como afirma o autor, essa produção passa a ser distribuída em diversas unidades fabris, articulando um processo de flexibilização produtiva e exigindo novas formas de gerência para a produção industrial pós-crise de 1970. Há também uma flexibilização nas relações de trabalho dentro das novas articulações produtivas.

Gomes (2011) diz que no Brasil tal condição flexível de produção e trabalho foi se institucionalizando nos anos 1990, proporcionando um modelo de desconcentração da industrialização.

Para a autora, a flexibilização foi a palavra do dia. Teve como consequências a precarização das condições e das relações de trabalho, a redução do trabalho assalariado com registro e o aumento do trabalho sem registro em carteira, o trabalho temporário e a diminuição dos salários o que implicou em mudanças nas formas de produção para o trabalho denominado flexível e o agravamento da exclusão social.

A flexibilização trouxe diversas formas produtivas. Kutz (2004) afirma que “[...] há a constante alternância entre empregos subordinados e *autônomos*<sup>27</sup>. As fronteiras entre o trabalho assalariado e a livre iniciativa perdem a nitidez, mas isso também em detrimento dos trabalhadores” (KUTZ, 2004, p. 209).

Há um falso pensamento sobre a autonomia do trabalhador quando seu pagamento é baseado na produção. Quando uma costureira monta sua própria unidade produtiva, fora, portanto, dos galpões das grandes fábricas, com horários regulares, esse processo proporciona a apreensão de autonomia, no dizer de se trabalhar para “si próprio”, porém o que se verifica é a desconcentração da produção da grande fábrica, onde ficava a concentração de máquinas, trabalhadores e gerência, passando essa produção para uma pequena unidade produtiva, ou para o domicílio da costureira que monta sua própria unidade.

A condição da fábrica dentro do domicílio em pequenas plantas industriais faz com que o gerenciamento de encomenda e venda fique fora da confecção, estando o trabalho de produção do confeccionado restrito à costura da peça, além das responsabilidades de qualidade, prazo para entrega, pagamento de energia, compra e manutenção das máquinas voltadas para o(a) costureiro(a) responsável pela produção.

---

<sup>27</sup>Destaque do autor.

Silva (2008) ressalta que a produção em domicílio ganha uma intensa expansão, em que a mão de obra feminina é acentuada na produção de confecção, estando a máquina de costura presente em diversas residências, como uma atividade complementar da renda da família. Esse autor chega a enfatizar que “[...] a máquina de costura ocupa espaço de destaque no imobiliário doméstico” (Silva, 2008, p. 138), seja na sala, no quarto, nas áreas, seja em pequenos galpões nos quintais, de modo que produção e rotina de casa se misturam.

Além de o trabalhador passar a ser responsabilizado por prejuízos na produção devido à falsa condição imbuída na autonomia, essas relações não passam de subcontratação operária nos processos produtivos flexibilizados.

O contratante, nesse caso, não necessita montar uma fábrica; a condição de acumulação intensiva de capital fica restrita ao gerenciamento, à circulação e à venda dos confeccionados, estando essa circulação dentro do circuito superior ou do inferior da economia, dependendo das diversas relações travadas entre o gerenciador e o produtor, estando, portanto, as responsabilidades diretamente ligadas aos trabalhadores costeiros.

As confecções são um setor intensivo em mão de obra responsável por uma significativa fonte de renda para a população pobre das cidades dos países não desenvolvidos.

No Brasil, esse ramo tem grande expressividade para a economia urbana das cidades. Ele se estrutura tanto em grandes centros urbanos como em cidade menores, na qual através da produção dentro do circuito inferior se articula por meio do circuito superior a globalização como fenômeno presente no espaço geográfico.

### **2.3 Inserção do Brasil na produção de vestuários: o Nordeste como um espaço produtivo de confeccionados.**

O processo industrial do Brasil esteve, a princípio, relacionado a investimentos oriundos do caráter agroexportador produtivo. Embora tal característica seja contraditória, ela ressalta um aspecto da posição da indústria brasileira, que durante muitos anos foi relegado a segundo plano e investido, apenas, com capitais excedentes das atividades agrícolas. Stein (1979) reflete sobre tal fato quando

A agricultura e o comércio, que se expandiram em ritmo acelerado para atender às necessidades das nações que se industrializavam em outras partes do mundo, continuaram a ser pilares exclusivos da economia nacional. À sombra desde difícil, a indústria cresceu com dificuldades. (STEIN, 1979, p. 20).

Dentro dessa estrutura estava assentada a indústria do Brasil, que tem como essência sua condição de indústria tradicional, produção têxtil e alimentícia, principalmente, estando estas subordinadas à produção agroexportadora, esta última colocada na maioria das vezes como atividade prioritária.

Ainda no período colonial, a produção de tecidos já era feita em alguns espaços do território colonizado. Em algumas áreas correspondentes ao Maranhão, Ceará, Pará, São Paulo e Minas Gerais, havia a produção doméstica de tecidos, que chegou a ser exportada para o reino de Portugal (HANDMAN & LEONARDI, 1991).

A produção têxtil foi uma das primeiras formas de manufaturas brasileira, inserindo o Nordeste no processo de industrialização, no caso a Bahia, primeiro centro têxtil e de algodão do Brasil, com a Fábrica de Todos os Santos, fundada no período de 1846-1847. Posteriormente, tal processo se expandiu para outras províncias, como Pernambuco, Alagoas e Maranhão (STEIN, 1979).

Esse processo de fundação de indústrias ligadas ao setor tradicional, no caso o têxtil, se espalhou por outros estados do Brasil. Em 1910, diversos estados da federação possuíam fábricas têxteis, como Rio de Janeiro: Brazil Industrial, Confiança Industrial, Progresso Industrial, América Fabril Carioca; São Paulo: Mariangela, Votorantim; Bahia: Empório Industrial; Pernambuco: Companhia Pernambuco; e Maranhão: Fabril Maranhense (idem, 1979).

Embora com todas as diversidades impostas por crises, como a falta de investimentos do governo central no setor têxtil, houve a continua formação de indústrias do tipo no país, algumas antigas falindo, novas surgindo e falindo em períodos curtos, outras pioneiras se consolidando nos mercados; não podendo, portanto, pensar na industrialização como um fato sócioespacial linear.

Inserido na dinâmica socioespacial, a indústria têxtil com o tempo irá centrar-se em São Paulo e no Rio de Janeiro, cidades que cresceram em ritmo acelerado, a primeira como centro de acumulação do capital cafeeiro e a segunda como capital do Brasil, surgindo o espaço urbano como uma das condições favoráveis à formação e ao desenvolvimento do capital industrial (HANDMAN & LEONARDI, 1991).

Embora a concentração industrial no centro-sul tenha acontecido no decorrer da República, o Nordeste não ficou totalmente de fora deste processo. Várias províncias da região tiveram atividades no ramo têxtil, como Ceará, Pernambuco<sup>28</sup>, Bahia e Maranhão.

---

<sup>28</sup>Em Pernambuco os irmãos Lugdgren montaram uma fábrica de tecidos em Paulista, cidade próxima ao Recife. Houve a integração indústria-comércio, pois esses industriais passaram a investir no atacado e varejo de

O Nordeste tem expressividade na indústria têxtil e confeccionista. Não se pode negar que essas atividades são promotoras de renda e trabalho para a população do Ceará, do Rio Grande do Norte e de outros estados nordestinos que estruturaram, em um primeiro momento, a produção têxtil no segmento de redes (ANDRADE, 1974).

A estruturação da indústria no Ceará, para Amora (2007), esteve relacionada a três períodos, o primeiro deles concernente à indústria de capital local voltada para a produção têxtil e de óleos vegetais, indo do século XIX até a década de 1950. O segundo período foi caracterizado pelo reforço na consolidação das indústrias tradicionais através de investimentos por parte de agências de desenvolvimento, no caso a Sudene; o terceiro momento se deu por volta da segunda metade da década de 1980, relacionada à “guerra fiscal” (AMORA, 2007, p. 376), com investimentos por parte do governo do estado do Ceará<sup>29</sup>. Esses incentivos tiveram como principal espaço de implantação Fortaleza e a RMF.

Como ressaltado por Amora (2007), foi a partir de 1960 que o Nordeste teve políticas direcionadas para a implantação de grandes indústrias no setor tradicional, notadamente têxtil, vestuário e alimentos, por meio da articulação entre capital local e Sudene (ARAGÃO, 2002). O setor de confecções foi o responsável por uma intensa ocupação de mão de obra na capital cearense (AMORA, 2007).

Pereira Júnior (2013) afirma que o Ceará está dentro de uma quarta fase de processo de investimentos e industrialização, tendo como forma mais evidente a consolidação do Complexo Portuário do Pecém, como um equipamento voltado à busca de modernização do Ceará.

Foi dentro dessa busca da industrialização e como grande produtor de algodão que o Ceará tem a formação de uma indústria têxtil. A primeira fábrica cearense a entrar em funcionamento foi a Fábrica Progresso, registrada com o nome Pompeu e Irmãos em 1883 (ARAGÃO, 2002).

---

tecidos, fundando a rede célebre *Casas Pernambucanas* (grifo do autor). Em 1920, o grupo tinha duzentas lojas pelo Nordeste, estendendo-se, depois, por todo o Brasil, e passando a negociar com tecidos de outras indústrias.

<sup>29</sup> Já no final dos anos 1970, a Sudene demonstrava redução de investimentos para a implantação de indústrias nos estados nordestinos. No Ceará, no segundo governo Virgílio Távora, fora aprovado o III Polo Nordeste, buscando maiores investimentos na indústria, por parte do governo do estado, estando esse projeto incorporado ao Plano de Metas do Ceará (Plameg), com o fim de manter os investimentos na indústria por meio de incentivos Sudene, Banco do Nordeste e governo do estado (ARAGÃO, 2007, 1989). Mesmo com tais incentivos, os investimentos tiveram diminuição, com a estruturação de uma nova lógica nos anos 1990 aliada a uma nova composição de forças governamentais ligadas ao Centro Industrial do Ceará (CIC), que buscou investimentos por meio do estado e do poder privado, colocando o Ceará em relações econômicas internacionais pautadas “em incentivos ao turismo, ao agronegócio e à industrialização” (AMORA, 2007, p. 376), sendo as indústrias baseadas na produção têxtil e de calçados, preponderantemente.

Silva (2009) afirma que a Região Metropolitana de Fortaleza criada em 1973 pelo governo militar (SILVA, 2007), experimentou intensas transformações, com alteração de sua “fisionomia urbana” (SILVA, 2009, p. 16), transformações essas relacionadas a políticas de estado voltadas para o desenvolvimento regional através da industrialização.

Nos anos 1980, as políticas desenvolvimentistas passam a ter menor atuação em vários estados, isso devido à crise econômica que assolava o país, além da mudança do regime de governo.

Algumas indústrias de vestuário fecharam as portas e transferiram sua produção para o ambiente doméstico, usando como forma de indenização para o trabalhador demitido a “doação” de maquinário ou o arrendamento dos meios de produção para que o trabalhador dispensado ficasse produzindo para o mesmo patrão, mas agora com a produção feita em casa, sob total responsabilidade do ex-funcionário (MATOS, 2008), geralmente mulher.

Concomitante a esse processo, houve diversos investimentos no ramo de vestuário no estado. No final da década de 1990, o grupo Marisol, com sede no Sul do país, investiu 16 milhões de reais em uma unidade produtiva no município de Pacatuba, situado na RMF. A Marisol transferiu para aquele município linhas de produção de vestimentas em malha e acessórios (Fiec, 1999).

A chegada dessa indústria e de outras, como a Santana Têxtil, no estado, foi importante para a dinamização das facções. Algumas peças passaram a ter determinadas etapas da produção nessas facções, articulando a encomenda das costuras de peças das indústrias ligadas ao circuito superior da economia urbana com as pequenas confecções, intensivas em mão de obra.

Tal relação articulou a implementação de indústrias no ramo de equipamentos. A Nissin, do grupo Yamacom Nordeste, fez investimentos de US\$ 800 mil dólares para a fabricação de máquinas de costuras, sendo essa produção voltada para a pequena indústria de confecção, tendo o Ceará se tornado o principal comprador de máquinas de costura, seguido por Pernambuco (Fiec, 1999). “A crescente indústria de máquinas de costuras exerce um destacado papel nesse processo que coloca a mulher como sujeito importante na composição da renda familiar” (SILVA, 2008, p. 138).

A produção têxtil e de confecções, segundo a Fiec, representa 60% das indústrias no Ceará, seguida pelo ramo alimentício, o que mostra a importância e o caráter tradicional do setor secundário no estado.

É nesse momento que a intensificação de unidades produtivas domiciliares se expandem em Fortaleza e na RMF, tornando a produção confeccionista significativa para o Ceará e

outros estados que passaram por condições semelhantes no processo de descentralização produtiva.

Apesar da chegada de muitas indústrias ligadas ao circuito superior, via incentivos fiscais, elas estão articuladas com a dinâmica do circuito inferior, já que muitas vezes parte da produção é feita em pequenas confecções ou facções em Fortaleza ou na RMF, possibilitando a chegada de diversos ramos de indústrias como as empresas ligadas a equipamentos, montagem de máquinas de costuras e venda local e regional.

A produção de confecção no Nordeste tem uma relevância significativa para vários estados. O Ceará, Fortaleza e a RMF concentram uma produção relevante de confeccionados. Cerca de 76% dessas indústrias estão na Região Metropolitana, principalmente nos municípios de Maranguape, Maracanaú e Pacatuba, enquanto a RMF e Fortaleza detêm quase 90% dessas unidades confeccionistas (MELO, 2000). Assim, a capital cearense concentra a maior produção de vestuário no estado.

A pesquisa realizada pela Fiec-Sindconfecções-Sindroupas-Prodic (2003) aponta que em 2003, no Ceará, existiam 5.500 indústrias de confecções, entre pequenas e grandes indústrias, formais e informais. A Tabela 3 mostra o número de indústrias de confecções formais e informais no Ceará.

**Tabela 3**-Número de indústrias de confecções formais e informais no Ceará.

CONDIÇÃO	NÚMERO DE INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES
Formais	1520
Informais	3950
Total	5500

Fonte: Prodic (2003)<sup>30</sup>

Como mostrado na Tabela 3, a proporção das indústrias informais, em 2003, era maior do que as formais. Cerca de 71,9% das indústrias estavam em condições de informalidade, caracterizada pela falta de registro em federações de indústrias ou em alguma instituição pública como a Secretaria da Fazenda, além de a informalidade estar ligada a condições de trabalho não regulamentadas por leis trabalhistas.

<sup>30</sup> A busca do número de indústrias de confecções definidas como formais e informais foi uma dificuldade encontrada, pois o mais recente encontrado nessa divisão é o relatório do Programa de Desenvolvimento da Indústria de confecção Prodic (2003).

A Tabela 4 mostra uma concentração de 67% das confecções em Natal, verificando-se uma distribuição semelhante no Ceará, já que aqui também há uma centralização em Fortaleza, mas diferente de Pernambuco, pois esse estado tem uma produção significativa no interior, no Agreste. Todos os três estados têm a produção em pequenas unidades confeccionista e são os principais produtores de confecções na região Nordeste.

**Tabela 4-** Percentagem de Confecções em Natal e RMN.

MUNICÍPIOS	PROPORÇÃO DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES POR MUNICÍPIOS
Natal	67%
Macaíba	12%
Ceará Mirim	9%
Extremoz	5%
Parnamirim	5%
São Gonçalo	2%

Fonte: Oliveira (2004).

Outros estados, também, possuem importância na fabricação e no comércio de confecções. A Paraíba tem uma concentração produtiva em Campina Grande e em João Pessoa. Com uma produção voltada para a “modinha” (roupas femininas e infantis produzidas com malha), Campina Grande tem a maior concentração de confecções na Paraíba (MELO, 2000).

A produção no Ceará é diversificada, mas os principais tipos de vestuário fabricados são moda íntima, roupa de dormir, roupa esporte, moda praia, jeans, infantil e a “modinha” – roupas femininas ou infantis confeccionadas em malha (Censo das Confecções, 2008). Essa produção é pulverizada em vários bairros da cidade, principalmente nos bairros de menor poder aquisitivo.

O Ceará tem uma participação importante no comércio local e regional, com a existência do Beco da Poeira e da Feira da Sé, locais situados no Centro de Fortaleza, responsáveis pelo comércio regional, nacional e internacional, que atrai sacoleiras do Piauí, do Rio Grande do Norte, do Pará e de países como Guiana Francesa, Suriname e Cabo Verde (SILVA, SANTOS, 2009).

Segundo estudo da Fiec (1999), nesse contexto dinâmico e expansivo da indústria de confecção foi criado o primeiro consórcio de produtos têxteis do Ceará, no ano 2000, o Ceará VestExport, com a produção de 250 mil peças moda praia e 750 mil peças de lingerie para exportação, tendo a Alemanha como principal cliente.

O consórcio contava, no ano 2000, com 952 funcionários e 875 máquinas em funcionamento, sendo essa produção feita na pequena e média indústria de confecção de Fortaleza, com um incentivo de R\$ 500 mil da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex).

Em Pernambuco, a produção de confecção é feita preponderantemente em Santa Cruz do Capiberibe, em Toritama e em Caruaru. Assim como no Ceará, essa produção é voltada para o abastecimento de vestuário em escala local, regional e nacional, como para a Feira de Caruaru e para sacoleiras de outros estados do Nordeste e de outras regiões do Brasil.

Na Tabela 5 mostra-se o total de confecções nas cidades de Santa Cruz do Capiberibe, Toritama e Caruaru. Esses números foram elaborados em um estudo sobre políticas públicas de emprego e renda voltadas para a produção de confecções no agreste Pernambucano. Melo (2011) analisa a localização, as condições e as relações de trabalho na produção de confeccionados naquele estado, mostrando que essa produção é feita em pequenas unidades produtivas ou na casa de costureiras que têm no ramo de produção de roupas uma forma de complementar o orçamento doméstico. Na Tabela 5 mostra-se a quantidade de indústrias de confecções em Pernambuco.

**Tabela 5**-Quantidade de indústrias de confecções no Agreste pernambucano.

MUNICÍPIOS	FORMAIS	INFORMAIS
Santa Cruz do Capiberibe	431	7134
Toritama	176	2020
Caruaru	380	380

Fonte: Melo (2011).

Como mostrado na Tabela 5, vê-se a pujança que essas cidades têm em relação à produção de confeccionados. No total, tem-se 11.710 unidades de produtivas, incluindo unidades formais e informais. A mão de obra é constituída, em sua grande maioria, por mulheres, com baixos salários e condições desfavoráveis, e força de trabalho precarizado (MELO, 2011). Recife tem uma produção significativa, mas o Agreste pernambucano representa o principal espaço de confeccionados naquele estado.

Em Santa Cruz do Capiberibe, em Toritama e em Caruaru, há especificidades de confeccionados produzidos. Na primeira cidade, a produção é baseada em roupas de malha

(moda praia); na segunda, a especificidade é a fabricação de roupas de índigo<sup>31</sup>; na terceira, existe preponderância de roupas em tecidos planos e em malha (MELO, 2000).

A atividade confeccionista no Agreste pernambucano tem uma relação direta com a venda na Feira de Caruaru, dentro do circuito inferior, e com outros centros que possuem com a atividade confeccionista a função comercial para os vestuários fabricados nessas cidades.

Os vestuários produzidos no Agreste pernambucano recebem o nome popular de *sulanca*. “A palavra *sulanca*<sup>32</sup> remete ao fato do tecido de nome *helanca* ter vindo do Sul do País para servir de produção no Agreste de Pernambuco, dessa forma temos a junção de *Sul e Helanca*, que gera *SULANCA*.” (Melo, 2011, p. 29). Há uma intensa relação de compra da matéria-prima, malha e tecidos do Sudeste, transportados por meio de caminhões para o Nordeste do país.

No Rio Grande do Norte, a produção de vestuário se realiza, também, em pequenas unidades de confecção que se concentram em Natal e na Região Metropolitana (Oliveira, 2004). Esse estado possui uma grande quantidade de unidades produtivas de confecções e se constitui num espaço emergente da produção de confeccionados no Brasil, preponderantemente camisas de malha e em tecido plano (MELO, 2000).

A Bahia se destaca com uma produção voltada para abadás, relacionada a festas carnavalescas, e roupas destinadas a festas de candomblé. Embora as festas ligadas ao carnaval e ao candomblé não aconteçam o ano inteiro, as encomendas movimentam as pequenas unidades produtivas por todo o ano, pois há muitas vezes encomendas feitas de um ano para o outro, principalmente ligadas aos grandes blocos carnavalescos de Salvador (Fiec, 2000).

Outra produção na Bahia é a confecção de fardamentos industriais. Os principais centros produtivos de confeccionados baianos são Salvador, Feira de Santana, Jequié e Ilhéus.

O Piauí se destaca por uma produção centrada em Teresina, em Parnaíba e em Piriri, com a especificidade produtiva de roupas de índigo. A produção nesse estado é descentralizada e influenciada pelo Ceará, principalmente na concorrência dos produtos, pois esse último estado tem uma expressiva ação sobre o mercado piauiense.

---

<sup>31</sup> O termo índigo refere-se a um corante azul, originalmente produzido a partir de algumas plantas da Índia, onde, há mais de cinco mil anos, alguns métodos de tingimento já eram utilizados para a aplicação desse pigmento sobre fibras naturais. Inicialmente, o produto era empregado para tingir lã, e somente muito tempo depois aperfeiçoamentos no processo permitiram sua aplicação sobre o algodão (COSTA, ROCHA, 2000).

<sup>32</sup> Grifo da autora.

A diversidade de espaços produtivos mostra a complexidade da produção de confecções no Nordeste. Há diferenciação de produção por tipos de confeccionados, por local e por concentração produtiva.

No Ceará e no Rio Grande do Norte, a produção se concentra nas capitais e suas respectivas regiões metropolitanas. Pernambuco tem uma grande produção no interior e em menor escala no Recife. Nos outros estados, como Paraíba, Bahia e Piauí, há uma produção tanto nas capitais como em algumas cidades do interior. Os estados com maior produção e raio de abrangência comercial são Ceará e Pernambuco.

Essa produção é feita na relação entre confecção e facção. A primeira, geralmente, tem registro em alguma federação de indústria ou nas secretarias estaduais da Fazenda, mas normalmente passa algumas etapas do processo produtivo para as facções, unidades domiciliares, menores que a confecção, as quais realizam parte da etapa produtiva do confeccionado. Para Krost (2007), a facção

[...] se caracteriza pela fragmentação do processo fabril e o desmembramento do ciclo produtivo de manufatura, antes setorizado, dentro de uma mesma empresa. Há o repasse a um "terceiro" da realização de parte (facção) das atividades necessárias à obtenção de um produto final, fenômeno comum no ramo têxtil (Krost, 2007, p. 7).

As relações produtivas são diversas. Há vários casos de produção de confeccionados. Existe desde a relação das grandes marcas, que terceirizam a produção para confecções, geralmente registradas como indústrias de confecções, fazendo a montagem da peça, a produção, com a circulação voltada para a grande empresa, até a confecção que produz com a própria marca, tem loja própria e vende seus produtos para outras lojas, além de terceirizar também a produção para as facções, caracterizadas como unidades domiciliares, que costumam para diversos tipos de clientes, da encomenda de uma grande firma ao trabalho voltado para a produção doméstica.

A confecção geralmente trabalha para as grifes, como as facções, que trabalham tanto para as grifes como para as confecções e têm o pagamento de sua produção por produtividade. São evidenciadas condições trabalhistas comuns: produção baseada na flexibilidade e péssimas condições de trabalho.

Fica evidente a intensa relação de complementaridade exercida pelos circuitos da economia urbana. O ramo de confecção possibilita uma estruturação e uma articulação dos dois circuitos na economia urbana da cidade.

Muitos bairros de cidades, como Fortaleza, têm nas indústrias de confecção uma fonte de trabalho para seus moradores, articulando diversos espaços por meio do fluxo de trabalhadores em busca de trabalho e originando um processo relevante para a dinâmica da cidade inserida no esquema de reestruturação da produção industrial.

### **3- O CIRCUITO INFERIOR NA PRODUÇÃO DE CONFECÇÕES EM FORTALEZA: A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO ARTICULADO E FRAGMENTADO**

---

Neste capítulo, a investigação consistirá na análise da indústria da confecção como uma etapa do processo produtivo têxtil, dentro da cadeia têxtil-confeccionista (CTC) (VIANA, 2005). A diversidade produtiva e de tamanho das plantas industriais das unidades de confecção são características fundamentais para o entendimento dessa atividade.

Em Fortaleza, há uma pulverização desse tipo de indústria no espaço intraurbano e um espraiamento para algumas cidades da Região Metropolitana, como Caucaia, Maracanaú, Pacatuba e Maranguape. Juntas, essas cidades e Fortaleza são responsáveis por uma quantidade significativa da produção dos confeccionados no Ceará.

O estudo da produção intraindustrial de confecção na busca do entendimento do processo produtivo é essencial para se fazer um diagnóstico de como os vestuários são produzidos e como são travadas as relações de trabalho na dinâmica do espaço urbano.

Serão analisadas as etapas de fabricação do jeans e da modinha, dentro de uma confecção ou de uma facção, buscando compreender as relações entre as confecções e as facções na produção do vestuário. Essa produção é entendida como fragmentada, porém articulada com fornecedores e compradores locais, nacionais e internacionais.

Os aspectos de fragmentação e pulverização das unidades produtivas confeccionistas serão aprofundados com a análise cartográfica dessas unidades em determinados bairros de Fortaleza, tendo como um dos objetivos articular a relação da formação do bairro com as condições de localização da indústria de confecção nessas áreas da cidade.

Procura-se compreender o processo produtivo e o papel dos agentes que compõem esse ramo industrial, levando-se em consideração os proprietários e os trabalhadores, tendo nessa análise a condição de evidenciar as relações produtivas e de trabalho no espaço intrafábrica.

A condição do estudo da mão de obra será fundamental para a compreensão das relações trabalhistas travadas nesse ramo industrial, em que a mulher é a principal mão de obra empregada, muitas vezes responsável pela complementação da renda familiar ou pelo sustento total da família.

### 3.1 A cadeia têxtil-confeccionista (CTC): a relação entre confecção e fiação como última etapa do processo produtivo

A cadeia têxtil confeccionista (CTC) se inicia com a transformação da matéria-prima em fios nas fábricas de fiação, seguindo depois para a tecelagem plana<sup>33</sup> ou para a malharia, para finalmente chegar a confecção (VIANA, 2005). É nessa última etapa que o presente estudo está concentrado, na produção de confecções.

É dentro dessa análise da descentralização produtiva, identificada como o último elo da produção têxtil “representado pelo trabalhador em domicílio” (ARAGÃO, 1986, p. 72) que a pesquisa irá se deter.

Nessa indústria, a mão de obra, por mais mal paga que seja, é fundamental. Embora se tenha tecnologia com a produção de novas máquinas, a relação trabalhador, mão e máquina ainda é condicionante para o processo de produção de roupas.

Nesse ramo, há descontinuidade entre a fiação, a tecelagem e a confecção, o que demonstra que elas não estão necessariamente em uma mesma unidade produtiva. Assim a diversidade na produção é significativa. A fiação e a tecelagem, geralmente, estão nas grandes fábricas, tendo uma maior concentração produtiva, enquanto a confecção é diversificada e tem uma diferenciação no tamanho da unidade produtiva, no grau tecnológico, na força de trabalho e no acúmulo de capital. Para Viana (2005), a indústria de confecção é caracterizada por

[...] enorme heterogeneidade das unidades produtivas, associadas à existência de um grande número de empresas de tamanhos variados, pode ser considerada como a característica estrutural básica da indústria de confecção. As características tecnológicas dessa indústria e a forte segmentação do mercado são responsáveis por essa estrutura (VIANA, 2005, p. 20).

As fábricas de confeccionados, como afirma Viana, é diversa, gerando uma complexidade para seu entendimento, enquanto atividade econômica dentro do espaço urbano, sendo essa variedade uma característica significativa na indústria do vestuário em Fortaleza.

---

<sup>33</sup> A fiação é a transformação de matéria-prima, seja ela natural seja sintética, em fios, que seguem para a tecelagem plana ou para a malharia. A primeira produz o tecido plano, caracterizado pelo entrelaçamento perpendicular dos fios, produzindo tecido para camisas, e a segunda é obtida pelo entrelaçamento de conjunto de fios no sentido, pela laçada de um fio através de outra laçada de um conjunto de fios formando a malha, que tem como característica a elasticidade (Unicamp-IE-Inet, 2002)

Na produção confeccionista, existem grandes fábricas que empregam cerca de 8000, 200 funcionários como a Guarapes, a Kokid, e pequenas unidades produtivas dentro do domicílio com mão de obra não registrada nas normas legais de trabalho, muitas vezes trabalhando para a complementação do processo produtivo de outras unidades confeccionistas no chamado regime de facção.

O Censo das Confeccões (2008)<sup>34</sup> afirma que existem 2.782 unidades produtivas no Ceará, das quais 1.962 concentram-se em Fortaleza. Essa informação foi baseada em dados da Secretaria da Fazenda do Ceará (Sefaz-CE) de 2007 e do banco de dados do Sistema Integrado da Arrecadação (Siga).

A concentração confeccionista em Fortaleza é significativa para o Ceará, pois 70,52% das confecções estão concentradas na capital, e se forem levadas em consideração outras cidades da RMF, como Caucaia, Maracanaú, Maranguape e Pacatuba, esse percentual aumenta consideravelmente.

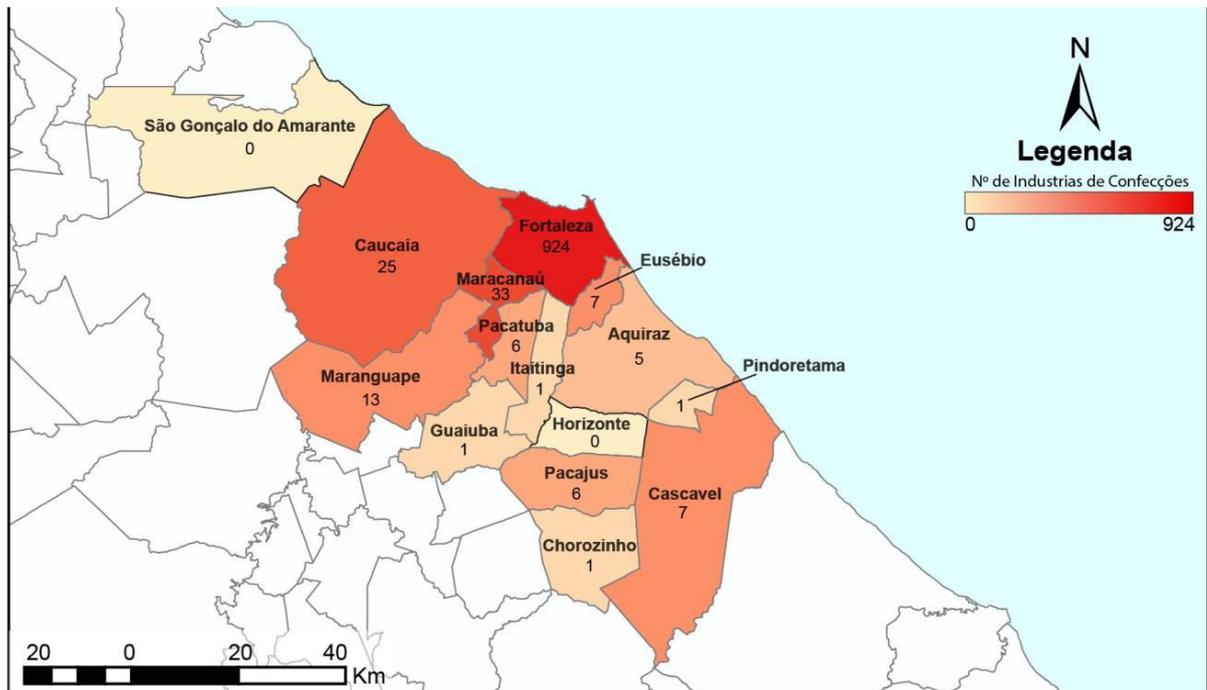
Fortaleza concentra 70, 52% das unidades produtivas confeccionistas, enquanto outras cidades do Ceará tem um percentual de 29,48% das unidades produtivas confeccionistas. Diante disso evidencia-se a predominância percentual desse tipo de indústria na capital cearense, ressaltando que a localização das indústrias de confecções no Ceará é semelhante à do Rio Grande do Norte, pois nesses dois estados há uma significativa predominância dessas fábricas em suas capitais e respectivas regiões metropolitanas.

No Mapa mostra-se a concentração das indústrias de confecções em Fortaleza e na RMF. Há uma intensa aglomeração de indústrias em Fortaleza e cidades como Caucaia e Maracanaú.

---

<sup>34</sup> Publicação feita pelo Instituto Evaldo Lodi (IEL), pelo Sebrae-Ce e pelo Sindicato das Indústrias de Confeccões de Roupas e Chapéus de Senhoras no Estado do Ceará (SindConfeccões).

**Mapa 1--** Unidades confeccionista na Região Metropolitana de Fortaleza



**Fonte:** Anuário Estatístico Fiec (2013)

Dentro da região metropolitana, Fortaleza concentra-se as indústrias de confecções. Em praticamente todos os municípios existe a presença de unidades produtivas. Municípios como Caucaia e Maracanaú se destacam, pois além de serem vizinhos a capital, compartilham com Fortaleza uma intensa concentração de conjuntos habitacionais, principalmente nas áreas Sul e Oeste, locais da cidade onde está a população trabalhadora.

Horizonte segundo os dados do Anuário Fiec 2013 não existe nenhuma indústria de confecção. No entanto esse município faz parte de um eixo industrial dentro da RMF, como analisado por PEREIRA JÚNIOR (1996). Esse município tem grandes indústrias de vestuários como Vicunha, Malwee, empresas que capitam a mão de obra desse município, todavia se procurado na sessão de indústrias têxteis Anuário Fiec 2013, Horizonte possui uma intensa concentração industrial no ramo têxtil.

Essa concentração industrial centrada em capitais e regiões metropolitanas é observada no Ceará e no Rio Grande do Norte, em Pernambuco a concentração confeccionista está no Agreste. Outros estados do Nordeste como Bahia, Piauí e Paraíba têm indústrias concentradas em suas capitais, mas com significativa participação de cidades do interior.

Silva (1992) afirma que em Fortaleza há um relevante número de pequenas e médias indústrias. Embora expressivas em quantidade, essas indústrias não têm capacidade de

absorver todo o fluxo migratório que chega à cidade, o que demonstra a quantidade de indivíduos que vêm para a capital cearense atrás de emprego.

Esse autor salienta que tal fluxo é intensivo nas últimas décadas do século XX: “Tanto os fatores de ordem climática, seca ou cheia, quanto os sociais, fundamentalmente a estrutura fundiária, dificultam cada vez mais a fixação da população no interior.” (SILVA, 1992, p. 30). Essa migração é baseada em fatores de mudanças e fatores de estagnação, como evidenciado por Singer (1973)<sup>35</sup>, que relaciona tal fato à falta de perspectiva no campo, sendo a cidade ponto de destino para diversos trabalhadores.

Como apontado por Silva (1992), Fortaleza tem a ocupação de seu sítio urbano por uma população que busca melhores condições de vida fora do interior e vê a cidade como fornecedora de trabalho.

Nessa condição, Fortaleza tem uma mão de obra abundante para ser absorvida no mercado de trabalho, incluindo, no caso, as pequenas indústrias de confecções, que possibilitam trabalho perto da residência do trabalhador, o qual, geralmente, mora próximo da fábrica ou dentro dela.

Grande parte da mão de obra nessa indústria é composta de mulheres. Silva (1992) observa que tal caráter do trabalho feminino ultrapassa Fortaleza e chega à Região Metropolitana e evidencia:

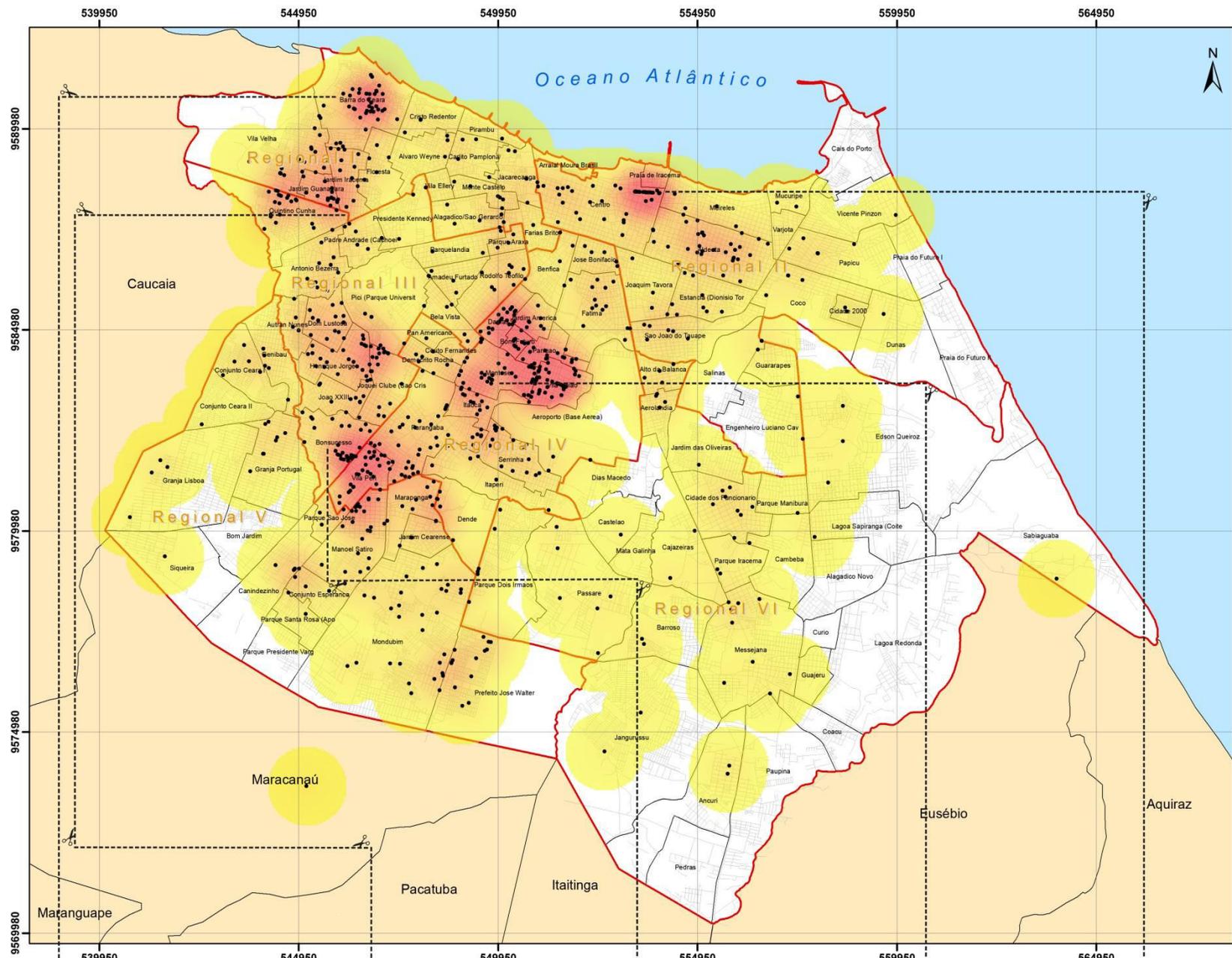
Uma observação acurada na situação do emprego industrial em Fortaleza e sua Região Metropolitana revelará que parte substancial dessa mão de obra ocupada é construída, essencialmente, pela mão de obra feminina em pequenas indústrias de confecções ou aquelas ligadas ao artesanato (SILVA, 1992, p. 33).

Esse autor ressalta a importância dessa atividade para o emprego de mão de obra, principalmente a feminina, em Fortaleza e na Região Metropolitana. Quando se evidencia a indústria de confecção, ela hoje está mais voltada para a atividade fabril dentro da economia urbana, inserida na dinâmica dos circuitos.

---

<sup>35</sup> Paul Singer, em sua obra *Economia Política da Urbanização* (1973), faz uma abordagem sobre as causas das migrações internas nos países ditos não desenvolvidos, ressaltando que existem fatores de mudanças e fatores de estagnação. Os primeiros “decorrem da introdução de relações de produção capitalistas nestas áreas, no **caso o campo** (grifo do autor), a qual acarreta a expropriação de camponeses, a exclusão de agregados, parceiros e outros agricultores não proprietários, tendo como objetivo o aumento da produtividade do trabalho e a conseqüente redução do nível de emprego” (SINGER, 1973, p. 38). Já os fatores de estagnação estão relacionados “à forma de uma crescente pressão populacional sobre uma disponibilidade física de terra aproveitável como a monopolização de grande parte de mesma pelos grandes proprietários” (p. 38). Sobre os atores de mudanças, ler Elias (2008), que fala sobre as modificações tecnológicas implementadas no campo do Ceará. Já para os fatores de estagnação, ver Alencar (2000), que ressalta a condição do uso da terra no Ceará.

O Mapa 2 mostra a localização e os pontos de concentração das indústrias de confecções em Fortaleza por Regionais e bairros. As que apresentaram maior concentração de indústrias foram as Regionais I, IV, III e V, classificação feita na ordem de concentração das indústrias.



Universidade Federal do Ceará  
 Centro de Ciências  
 Departamento de Geografia  
 Programa de Pós Graduação em Geografia-Mestrado  
 A Dinâmica sócio espacial da Indústria  
 de Confeção em Fortaleza-Ceará.

Orientador: Prof. Dr. José Borzacchello da Silva.

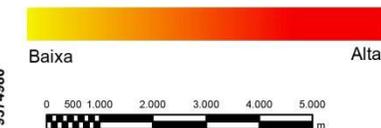
Mestrando: Marlon Cavalcante Santos

Mapa de localização da indústria de confecção  
 em Fortaleza - CE

**Legenda**

- Confecções
- Eixos de ruas
- Regionalis Fortaleza
- Bairros de Fortaleza
- Municípios Limitrofes

**Concentração de indústrias de confecção**



Autores: Prof. Dr. José Borzacchello e Marlon Santos



**OBSERVATÓRIO  
 DAS METRÓPOLES**

Fonte: Anuário Estatístico FIEC 2013

Sistema de coordenadas: WGS 1984 UTM Zone 24S  
 Projeção: Transverso de Mercator  
 Datum: WGS 1984  
 Falso Leste: 500.000,0000  
 Falso Norte: 10.000.000,0000  
 Meridiano Central: -39,0000  
 fator de Escala: 0,9996  
 Latitude de Origem: 0,0000  
 Unidade: Metros  
 Elaboração Técnica: Narcélio de Sá



Confecção na Grande Barra do Ceará



Indústria Guararapes na Grande Barra do Ceará



Confecção em Bomsucesso



Confecção no Montese



Confecção na Monsenhor Tabosa

De acordo como o Mapa 2 que mostra as concentrações de indústrias de confecções em Fortaleza, quanto mais vermelho mais concentração de unidades produtivas evidencia-se que na Regional I há uma presença significativa de indústrias de confecções nos bairros Barra do Ceará, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Floresta, Monte Castelo. Na Regional IV, os bairros onde se localizam muitas indústrias são: Damas, Bom Futuro, Montese, Parreão, Vila União, Parangaba, Vila Pery. Na Regional III, os bairros com maior número de indústrias de confecções são: Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Bom Sucesso, Antônio Bezerra, Quintino Cunha, Rodolfo Teófilo, e na Regional V, Maraponga, Mondubim, Conjunto Esperança, Conjunto Prefeito José Walter, Vila Manuel Sátiro são os bairros com maior concentração de confecções.

Há uma concentração de confecções na área oeste, contrastando com a leste, essa ocupada por um segmento populacional de renda mais elevado. Já o oeste se evidencia pela presença significativa de uma população de baixa renda, pois tem concentração “em sua maioria pela massa trabalhadora” (SILVA, 1992, p, 44), verificando-se condições de infraestrutura deficientes em relação à área leste e uma mão de obra disponível para a ocupação no circuito inferior da economia, pois esse circuito não exige mão de obra com grande qualificação (SANTOS, 2008).

Em todas as Regionais de Fortaleza estão presentes confecções, concentradas na área oeste, evidenciando-se, porém, uma pulverização dessas indústrias em todo o tecido urbano da cidade.

Um dado relevante encontrado na pesquisa é a significativa presença de confecções na Regional II, marcada por estar na parte mais rica da cidade, no entanto concentra uma quantidade significativa de indústrias de confecções na Avenida Monsenhor Tabosa, estando essas confecções relacionadas com as lojas de grifes que ficam nesse corredor comercial, perto da Praia de Iracema.

Na Monsenhor Tabosa, segundo o georrefenciamento baseado nos dados do Anuário Industrial (Fiec-2013), as fábricas ficam no fundo das lojas ou em locais próximos a elas, como no bairro Praia de Iracema. Nessa parte da cidade, as roupas são feitas para lojas de grandes nomes, que vendem seus modelos a preços elevados, para um público seletivo, evidenciando uma dinâmica particular da indústria de confecção nesse corredor de moda em Fortaleza. As lojas da avenida Monsenhor Tabosa também são alimentadas por diversas confecções em outros bairros de Fortaleza.

Na Regional VI, que compreende os bairros Messejana, Barroso, Passaré, entre outros, existem confecções não mostradas no Mapa 2, pois não estavam incluídas no cadastro que possibilitou a criação do banco de dados.

Outra concentração significativa de confecções em Fortaleza está na Avenida João Pessoa, que atravessa bairros de classe média como Montese, Damas e chega a Parangaba. Estão presentes nessa avenida a Eveíza, que tem cerca de 180 funcionários, e a Slap Jeans, outra fábrica importante na confecção fortalezense. Encontram-se também a Kokid, a Colmeia, a Artesanalle e a Feitiço, com 200, 30, 30 e 4 funcionários, respectivamente, segundo dados do Anuário (Fiec-2013).

A presença dessas confecções nessa avenida faz dela um eixo dinâmico na produção e no comércio de confecção, pois sempre existe a loja da fábrica que atrai lojistas e sacoleiras do interior do Ceará e de outros estados do Nordeste.

Na Maraponga, a concentração de unidades fabris está relacionada ao Maraponga Mart Moda, equipamento que se consolida como um dos principais centros de produção e comércio de confeccionados de Fortaleza. Confecções como a Bolha D'Água, com 30 funcionários, e a Diah, com 14, estão dentro do *shopping* ou nas mediações.

Assim, o Mapa 2 possibilita o conhecimento dos principais bairros onde estão estabelecidas as indústrias de confecções, evidenciando uma relevante concentração de indústrias de confecções na parte oeste de Fortaleza, situadas nos locais de moradia dos trabalhadores.

O Mapa 2 procura elucidar a influência que a indústria, embora muitas vezes não visível, como já exposto, tem na constituição e na dinâmica do espaço urbano de Fortaleza, gerando uma nuvem de concentração que percorre toda a cidade.

O circuito inferior da economia nos espaços urbanos se faz notar nessa atividade manufatureira, caracterizada como uma atividade de países de capitalismo tardio ou dentro de mercado especial como a China.

As confecções se tornam fixos proporcionadores de permanência de pessoas na cidade, pois geram fluxos de capital e proporcionam a sobrevivência de muitos trabalhadores locais.

Na presente pesquisa, os fixos seriam as unidades produtivas (confecção e facção), ligadas a fluxos como o de dinheiro, mercadorias, trabalhadores e relações produtivas, dentro de uma estrutura econômica social capitalista, articulados ao processo marcado pela temporalidade da reestruturação produtiva.

Essa manufatura está dentro do Espaço, que, para Santos (1996, 2008), é um conjunto de sistemas de objetos e ações que não podem ser isolados, mas vistos em conjunto, condicionados pelas técnicas acumuladas na totalidade temporal.

Tal indústria se estrutura de maneira diversa na construção do Espaço. Existem algumas confecções e facções cuja identificação é notória por ocuparem uma edificação com placas que mostram a existência de uma fábrica, como também existem aquelas escondidas dentro da casa do trabalhador, onde casa e fábrica se confundem.

Muitas unidades de produção confeccionista ocupam cômodos residenciais: garagem, áreas de serviço, quintal, com a proteção de alguma coberta, muitas vezes de amianto, não precisando haver, necessariamente, um galpão para a produção do vestuário. Esse tipo de produção é muitas vezes conhecida como “indústria de fundo de quintal”, “produção caseira” e “confecção de fabricação caseira” (SOUSA, 1990). Santos (2008) afirma que essas atividades dentro do circuito inferior são pequenas e necessitam de poucos espaços, podendo ser alojadas nas casas de seus agentes. Dentro dessa dinâmica, o cômodo que não esteja sendo utilizado pelo lar, poderá ser ocupado por mais uma pequena fábrica.

Com essas características, evidencia-se a reestruturação no modo de produzir. Não há necessariamente a grande fábrica, com produção, gerenciamento e comércio centralizado nela, mas uma diversificação, uma descentralização, em que o trabalhador tem horários flexíveis e pagamentos por produção, e não em forma de salários mensais.

Outra característica relevante para o entendimento da indústria de confecção é o fato de o proprietário trabalhar muitas vezes no processo produtivo. Há uma diferenciação do modelo fordista de produção.

Na figura 2, observa-se uma facção na sala de uma residência no Parque Santa Rosa, Regional V, bairro da periferia de Fortaleza.



**Figura 2-**Facção em um bairro da periferia de Fortaleza.

**Fonte:** Santos (2013).

Essa confecção produz vestuários para a Feira da Sé no Centro da cidade. A produção é encomendada por um atravessador, que negocia o preço da produção com a costureira responsável.

Em entrevista, a proprietária da confecção, que também é costureira, informou que o valor pago pela montagem de uma camisa feminina é, em média, de R\$ 0,70 centavos, e a confecção da peça leva 10 minutos.

Quanto à produção do jeans, o valor do pagamento é de R\$ 2,50, pois esse tipo de material exige mais acabamentos, pois se trata de uma peça pesada, segundo a costureira, sendo cansativo produzi-la; o tecido pesa nas mãos, exigindo maior habilidade do profissional. A relação entre mão e máquina, portanto, é essencial no processo produtivo.

A casa tem um papel preponderante para que atividade confeccionista aconteça, pois o(a) trabalhador(a) não precisará muitas vezes sair dela, e, caso saia, será para uma unidade próxima de sua residência, podendo conciliar o trabalho na fábrica e o trabalho doméstico. Na figura 3 observam-se aviamentos e vestuários espalhados pela casa, demonstrando a ocupação da residência pela atividade produtiva.



**Figura 3**-A esquerda aviamentos para a montagem da peça de confecção e a direita peças de vestuário confeccionadas ocupando cômodos da casa.

**Fonte:** Santos, 2013.

O ambiente domiciliar é confundido com o produtivo. Há uma forte relação entre casa e fábrica. Nota-se um ambiente produtivo que contagia a casa: tecidos cortados em um quarto; aviamentos na garagem, no caso da figura 4; máquinas de costura na sala. A residência se confunde com a fábrica.

Nessa confecção, a principal produção é a modinha e o jeans. De modo fragmentado, cada costureira faz parte de uma etapa do processo produtivo, e o pagamento é feito com base na quantidade de peças produzidas. Em média, o atravessador entrega 1.500 peças para serem costuradas em 4 dias ou uma semana.

Nessa unidade produtiva, a etiqueta é fixada e a peça é empacotada. Depois de verificar a qualidade da produção, o atravessador a recebe pronta para a venda. Essa verificação é feita no momento da entrega das peças pela costureira ao atravessador. Se houver algum problema na costura há desconto no pagamento. Se o trabalho da costura não for satisfatório, o atravessador simplesmente desconta do pagamento o “defeito” da peça e não envia mais material para essa confecção. Não existe condição de contrato entre atravessadores e costureiras, a relação entre eles é estabelecida por meio “da palavra”.

Portanto, as peças têm que ser entregues no dia marcado e devem ter a qualidade esperada, pois a fábrica que não cumprir essas exigências não receberá mais, do atravessador, também chamado de intermediário, peças para a produção, o que vem diminuir a produção e consequentemente os rendimentos das costureiras. A relação dos dois circuitos da economia são evidenciados na dinâmica confecção, intermediário e facção.

Santos (2008) diz que o intermediário, nominado de atravessador nesta pesquisa, é o cume do circuito inferior e a base do circuito superior da economia urbana, sendo ele responsável pelo interacionamento maior dos dois circuitos, que, juntos, são responsáveis por grande parte da dinâmica urbana de países de capitalismo tardio.

A figura 4 mostra camisetas, tipo fardamento e modinha produzidas nas confecções e facções, estando essas prontas para ser empacotadas e enviadas para o atravessador, para chegar ao mercado, instituições no caso Prefeitura de Fortaleza, lojas, geralmente, ligada ao circuito superior da economia, ou, no presente caso, para a Feira da Sé ou para o Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza, o antigo Beco da Poeira.



**Figura 4** – A esquerda peças de fardamento das escolas da Prefeitura de Fortaleza e a direita Peças de modinha montadas.

**Fonte:** Santos, 2013

As confecções e as facções, em geral, empregam a família no processo produtivo. Nessa confecção visitada, a mãe da família é a proprietária dos meios de produção, no caso as máquinas que possibilitam a realização da atividade: o overloque, o interloque, a goleira, reta, a máquina passante, duas agulhas, entre outras.

É nas pequenas confecções, ou nas facções, onde muitas vezes acontece o aprendizado da costura por parte das novas costureiras. A proprietária da facção reclamou que quando o aprendizado se concretiza a mão de obra migra para confecções maiores, que possibilitam rendimentos mais elevados. Existe uma relação competitiva em termos de mão de obra entre as grandes e as pequenas confecções. Santos (2008) afirma que “[...] a fluidez do emprego é impressionante no circuito inferior” (SANTOS, 2008, p. 255).

No circuito inferior a mão de obra qualificada é reduzida. Embora a costureira aprendiz tenha passado um certo período para aprender a técnica da costura, ela não precisa ficar muito tempo numa mesma confecção, pois, sabendo manusear alguma etapa produtiva, já pode procurar uma outra confecção que lhe proporcione melhores rendimentos e aprendizado no cotidiano e “o grosso da mão de obra realiza tarefas simples, repetitivas, de fácil e rápido treinamento” (LIMA, 1997, p. 143), não exigindo dela um conhecimento aprofundado da técnica, mas apenas noções gerais.

A produção de confeccionados em Fortaleza é diversificada, estando concentrada na fabricação do jeans e da modinha. A busca de entender o processo de produção é importante para se ter um conhecimento sobre como se relacionam a confecção, a facção e a subcontratação e sobre a dinâmica desse espaço fabril-domiciliar como uma variável significativa para a produção e a reprodução do espaço urbano, por meio da economia urbana em Fortaleza-Ceará.

As confecções buscam nas facções e na subcontratação a domicilio a montagem de suas peças. A figura 5 evidencia a procura de uma confecção por facções na busca do término do processo produtivo.



**Figura 5-** Frente de uma confecção com uma placa informando sobre a necessidade de facções.

**Fonte:** Santos, 2014.

Essa confecção está localizada na periferia de Fortaleza, sua produção é voltada para o jeans. A busca pela facção é fundamental para o término do processo produtivo que, geralmente, é feito na facção ou na subcontratação de costureiras.

### **3.2 Produção da confecção: relação entre confecções, facções e subcontratação de costureiras em domicílio**

Neste momento, a pesquisa irá limitar-se à análise do processo de confecção do vestuário, mais especificamente o jeans e modinha, tipos de confeccionados expressivos na indústria de Fortaleza e na RMF

### 3.2.1 A produção do jeans no regime de facção

O Fluxograma 2 pôde ser construído pela análise teórica de autores que trabalham com a temática, como Souza (1990), Viana (2005), Aragão (2002). A leitura propiciou o entendimento da relação entre confecção-fação e subcontratação de costureiras em domicílio. O Fluxograma 2 foi construído com base em trabalhos de campo na procura da compreensão do processo que ocorre dentro das unidades produtivas confeccionistas.

No Fluxograma 2 apresenta-se a confecção representada como **1**, onde há a **Criação** 1.1; a **Modelagem** 1.2; o **Estiramento do tecido** 1.3; o **Corte** 1.4. Nela há uma concentração dessas fases da produção. A confecção é o primeiro elo que adentra a produção do vestuário. O tecido que passou pela aviação e tecelagem, agora se torna a matéria-prima para a produção do vestuário.

A criação, geralmente, está centrada no próprio empresário, que faz esse processo pessoalmente, algumas vezes com um profissional de moda. Na confecção, “[...] a participação direta do proprietário nas tarefas do processo produtivo representa a característica básica da pequena produção de confecções” (SOUZA, 1990, p. 43-44).

Os proprietários, muitas vezes, dispensam mão de obra qualificada para trabalhar no processo produtivo como forma de economizar dinheiro e matéria-prima.

Fortaleza conta com um expressivo curso de moda, o Design em Moda, oferecido pela Universidade Federal do Ceará (UFC)<sup>36</sup>, que forma profissionais nessa área. O curso alia-se a outras formações técnicas na cidade, coloca no mercado profissionais que possuem habilidades teóricas e práticas na produção de vestuário. Mesmo assim, o proprietário é o agente preponderante no processo de criação, na produção de vestuário.

A **Confecção 1** é a unidade que recebe o tecido da grande indústria por meio do comércio ou da compra direta da indústria. Em Fortaleza, há um fornecimento importante de tecido feito por empresas que estão na cidade ou na Região Metropolitana. Segundo dados do Censo da Confecção (2008), os fornecedores da indústria de confecção são, em sua grande maioria, cearenses.

<sup>36</sup>A UFC, em convênio com o Centro Tecnológico de Confecções do Ceará, criou um curso de extensão em Design de Moda, que funcionou, no período entre 1989 e 1992, no Departamento de Economia Doméstica. Diante do sucesso, foi realizado, nesse mesmo ano, um seminário – Moda na Universidade Federal do Ceará – marco fundamental para a criação do curso em nível de graduação, em 1994. Em 2002, o curso foi reconhecido pelo Ministério da Educação. O curso de graduação em Design de Moda da UFC foi o primeiro em uma universidade federal. Atualmente, são oferecidas 60 vagas/ano, distribuídas em duas turmas. O curso é diurno, é dado em oito semestres, realiza suas atividades no Campus do Pici e integra o Instituto de Cultura e Arte (ICA). Acesso em 1º out 2013, em <<http://www.ufc.br/ensino/guia-de-profissoes/574-design-de-moda>>.

Nesta pesquisa, foram listados os 10 fornecedores mais citados pelos donos de confecção, a saber: Santana Têxtil do Brasil<sup>37</sup>, Casa Blanca Tecidos, Teixeira Tecidos, Vicunha Têxtil<sup>38</sup>, Casa Fátima<sup>39</sup>, Santa Inês Tecidos<sup>40</sup>, Jangadeiro Tecidos<sup>41</sup>, Cotex Malhas<sup>42</sup>, Cedro Cachoeira<sup>43</sup>, Santista Têxtil. Essas fábricas ou lojas são os principais fornecedores de insumos para a confecção de Fortaleza e da RMF.

Assim, percebe-se uma relação forte entre as fábricas de fiação e tecelagem e as confecções em Fortaleza, algumas daquelas implantadas no Ceará em um momento de investimentos feitos pelo governo federal através da Sudene e do governo estadual, por meio de planos de industrialização do governo do Ceará.

A **Criação 1.1** é constituída pela escolha do tecido, da cor e dos aviamentos necessários para a produção da peça. Nesse momento, um profissional formado em moda, ou o(a) proprietário(a) da confecção ou ainda um familiar, busca pesquisa de modelos para saber o tipo de tecido usado naquele momento, os modelos de vestuário e as cores mais atraentes naquele período de produção.

Silveira (2009) e Montenegro (2011) elucidam a condição de acesso aos modelos e até uma possível imitação por meio da tecnologia e do desenvolvimento do meio técnico-informacional. Nessa etapa, realizam-se pesquisas em revistas, jornais, Internet, fundamentais para o acompanhamento das tendências internacionais e nacionais.

A etapa **Modelagem 1.2** “[...] consiste na preparação dos moldes (em papel dos componentes do vestuário: mangas, golas, colarinhos, bolsos, entre outros), para a elaboração das peças-piloto, em numerações diversas” (SOUZA, 1990, p. 44).

Nesse momento é definido o tamanho das roupas e a quantidade de peças que será enviada para a montagem na facção ou para a costureira em domicílio, essa última a mais requisitada em períodos de picos produtivos.

<sup>37</sup> A empresa tem sua atividade no setor de fiação. A indústria foi fundada em 1980, em Fortaleza, mas hoje está no município de Horizonte, na RMF (ARAGÃO, 2002).

<sup>38</sup> O Grupo Vicunha Nordeste foi fundado em 1984 e atua no ramo de fiação. Está localizado no município de Maracanaú (ARAGÃO, 2002).

<sup>39</sup> Empresa de aviamentos fundada em 1973, em Fortaleza, com uma primeira loja no Centro da cidade, na Praça Waldemar Falcão. Atua no ramo de aviamentos; linhas, botões, elásticos, fitas, passantes. Hoje, a empresa possui 8 lojas, todas em Fortaleza. Acesso em: 2 out. 2013, em <<http://www.casafatima.com.br/v1/index2.php?stage=638&resolucao=1366>>.

<sup>40</sup> Indústria pertencente ao Grupo Unitêxtil, com uma centralização produtiva no ramo de fiação e tecelagem, localizada em Fortaleza, fundada em 1973 (ARAGÃO, 20002).

<sup>41</sup> Empresa do Grupo Baquit, atua no ramo de fiação e foi fundada em 1966, em Fortaleza (ARAGÃO, 2002).

<sup>42</sup> Empresa do Grupo Jaime Pinheiro, que atua na fiação, fundada em 1989, em Maracanaú (ARAGÃO, 20002), município pertencente à Região Metropolitana, sendo Distrito Industrial de Fortaleza.

<sup>43</sup> O Grupo atua no setor de tecidos para a área profissional e técnica. A indústria tem sede em Belo Horizonte-MG, com fábricas nas cidades mineiras Sete Lagoas, Caetanópolis e Pirapora, e centros de distribuição em Contagem e Pirapora. Sobre concentração gerencial e descentralização fabril, consultar Lencioni (1992, 1996, 1998, 2004, 2011) <<http://www.cedro.ind.br/br/institucional/empresa.asp>>. Acesso em 2 out. 2013.

O **Estiramento do tecido 1.3** é feito pelo proprietário ou por um familiar. Nesse momento, o tecido já está riscado. É um processo que exige muita atenção, pois o **Corte 1.4** tem que ser feito em uma quantidade significativa de folhas de tecidos estiradas. Se houver um erro na produção, ela pode sair toda com defeito.

O **Corte 1.4** é feito em uma mesa, onde o agente desse procedimento terá uma noção da disposição do tecido, de modo a evitar perdas, possibilitar um maior aproveitamento do tecido e gerar economia do material. Na figura 6 é mostrada a mesa de corte de uma facção em Fortaleza.



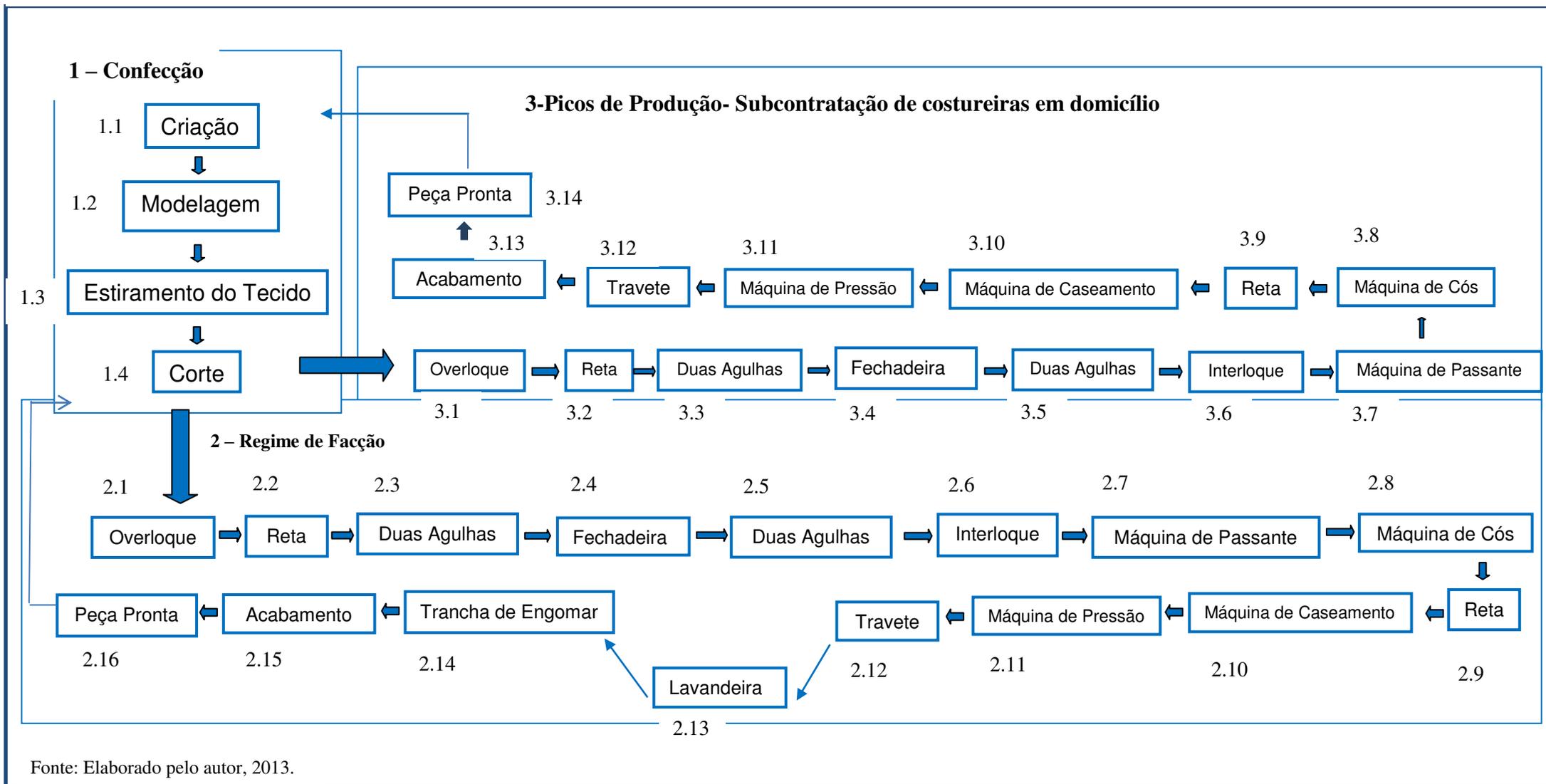
**Figura 6-**Mesa de corte em uma facção

**Fonte:** Santos,2013.

Como mostrado na figura 6, a mesa de corte na confecção é fundamental para que toda a produção que será enviada para a uma facção ou costureira a domicílio saia com a qualidade desejada pelo fornecedor.

Todos esses processos Criação 1.1, Modelagem 1.2, Estiramento do Tecido 1.3 e Corte 1.4 são feitos na **Confecção 1**, onde é buscada uma maior diminuição de perda de tecido, que, por consequência, trará um aumento nos rendimentos na produção do vestuário. O Fluxograma 2 mostra essas etapas e as posteriores, que serão analisadas em seguida.

Fluxograma 2-Relação de produção do jeans entre confecção, facção e subcontratação de costureiras em domicílio.



A segunda etapa consiste no chamado **Regime de Facção 2**. Nesse momento, o tecido chega à facção. Algumas confecções, por meio do atravessador, vão deixar o material na facção e algumas facções se dirigem (por meio do proprietário) até a confecção para pegar peças e montar

Por mais que o faccionista vá até a confecção, a função do intermediário é fundamental para que haja essa relação de encomenda e produção. O intermediário faz o processo de contrato entre as duas partes envolvidas. O contrato não tem como características condições que estipulem um tempo de trabalho de costura para aquela facção.

Os termos do contrato se baseiam mais pelo compromisso da qualidade da montagem da peça e pelo cumprimento do prazo da entrega para uma série produtiva. Contratos baseados em aspectos jurídicos não têm grande relevância nas associações entre confecções, facções e subcontratação de costureiras.

Com essas condições atendidas e se houver um interesse da confecção e da facção de continuar trabalhando juntas, o contrato, baseado mais por compromissos de “boca a boca”, é renovado.

Quando o tecido chega à facção já vem contado. As duas partes da vestimenta chegam separadas; é na facção que será feita a montagem da peça. Aviamentos como botões, zíperes, fitas, lantejoulas são enviados juntamente com o tecido para a facção. Tudo contado, sem sobrar e não podendo faltar. Muitas facções são, por vezes, responsáveis pela compra da linha.

Essa contagem de aviamentos, folha de tecido e etiquetas, essas últimas vindo dentro um saquinho lacrado pela confecção, é essencial para o controle do número de peças montadas e da qualidade de cada uma.

Todas as peças vêm expressamente controladas através de numeração que especifica tamanho, modelo e quantidade. A figura 7 mostra estoques de blusas com as especificações de tamanho, modelo e quantidade em uma facção.



**Figura 7** - A esquerda camisas com especificações de fabricação e a direita montagem de vestuário em 5 dias.  
**Fonte:** Santos, 2013.

O Fluxograma 2 mostra a confecção de uma peça de jeans. Em geral, podem-se produzir 250 peças por dia, com 15 costureiras. Cada costureira é responsável por uma fase do processo fragmentado de montagem do jeans, em que cada uma faz sua parte, não relacionada com as etapas anteriores ou posteriores. As costureiras são dispostas em células produtivas, muitas vezes com concorrência produtiva entre essas células.

Tais características estão relacionadas ao modo de produção baseada no *Just in Time*, CCQs células de produção, em que existe dentro de uma mesma facção uma competição baseada na produção e na qualidade do produto. Essa competição é influenciada pela premiação que, na maioria das vezes, é feita por gratificação salarial ou folga do trabalho por parte da costureira para resolver algum problema de saúde, educação ou outra atividade.

A primeira máquina por onde a peça de jeans passa é o **Overloque 2.1**, máquina responsável pelo acabamento dos bolsos, pela construção da braguilha e pela vista dos bolsos (parte que fica entre o cós e a abertura do bolso). A **Reta 2.2** prega as vistas dos bolsos, o zíper e o bolso relógio. Nesse momento, a peça já dispõe de bolsos e zíperes em sua parte dianteira.

A **Duas Agulhas 2.3** é responsável por pespontar<sup>44</sup> a boca do bolso, os ganchos, a curva, a bainha do bolso traseiro, a filigrana<sup>45</sup> do bolso (enfeites).

Depois dessas três máquinas, as partes que chegaram à facção, apenas cortadas, passam pelos primeiros passos na construção da peça. A peça já recebeu seus adereços de enfeites e

<sup>44</sup> Significa costurar de uma maneira mais eficiente. É uma costura que tem um melhor acabamento.

<sup>45</sup> Enfeites do bolso, como nome da marca e outros detalhes que sempre acompanham o design de uma calça jeans.

agora vai para a **Fechadeira 2.4**, onde será feito o trabalho de pregar pala, e o arrebate de fundilho<sup>46</sup>. Nesse momento, as duas partes da peça serão costuradas.

Costuradas as duas partes (dianteira e traseira), a peça volta para a **Duas Agulhas 2.5**, que agora será representada por 2.5, pois já está num processo à frente. Nessa fase, são pregados os bolsos traseiros da calça. Nessa etapa, os bolsos dianteiros estão pregados, a costura que une as duas partes do fundo da calça está pronta e os bolsos traseiros também estão pregados.

A **Interloque 2.6** é responsável pelo fechamento lateral da peça. Até esse momento, as duas partes da calça jeans só estavam unidas pelo fundo. Com essa máquina, serão fechadas as laterais da peça e costuradas, interna e externamente, as pernas da calça.

Geralmente as fases Overloque 2.1, Reta 2.2, Duas Agulhas 2.3, Fechadeira 2.4, Duas Agulhas 2.5 e Interloque 2.6 estão em uma fileira, em cada costureira passa para outra conforme as etapas, mas a **Máquina de Passante 2.7** fica ao lado dessa fileira formando uma célula produtiva dentro da facção.

A **Máquina de Passante 2.7** é responsável por criar as formas que existem no cós da calça para poder segurar o cinto. Essa máquina faz as braçadeiras que serão fixadas no cós da calça para o cinto correr. A Máquina de Passante fica, como já foi registrado, ao lado da série produtiva. Até esse momento, o cós não foi fixado, mas por meio da **Máquina de Cós 2.8** ele é costurado na calça por meio do ponto corrente<sup>47</sup>.

A **Reta 2.9** agora será responsável pelo ponto de cós, feito para reforçar a costura de ponto corrente. Esse reforço garante uma melhor qualidade à costura em ponto corrente, essencial para a qualidade da peça. Muitos compradores especializados têm como um dos parâmetros de qualidade o tipo de ponto do cós e o ponto de cós feito pela **Reta 2.9**.

A **Máquina de Caseamento 2.10** é responsável pela construção das casas que irão ter como função segurar os botões. Em seguida, a **Máquina de Pressão 2.11** irá fixar os botões e os rebites<sup>48</sup>.

A Máquina de **Travete 2.12** é responsável pelo acabamento da peça como bolsos, braguilha e passantes. Nem todas as facções têm essa máquina, pois ela é cara, mas é essencial para o acabamento e o melhoramento da peça.

---

<sup>46</sup> O arrebate de fundilho é a costura que une as duas partes da peça, a dianteira e a traseira, através de uma costura no fundo da calça, no caso.

<sup>47</sup> Ponto resistente para a fixação do cós, o qual proporciona maior resistência pelo entrelaçamento de linhas que forma uma costura semelhante a uma corrente.

<sup>48</sup> Adereços que muitas calças jeans trazem, enfeites.

Passadas todas essas fases, o jeans vai para a **Lavanderia 2.13**, onde a peça recebe a tonalidade, a chamada lavagem da peça, ficando em destaque a lavagem Black: preta e a Stone: clara, envelhecida ou com manchas. Geralmente as facções não têm lavanderia própria, sendo as peças encaminhadas para uma lavanderia.

Melo (2011) fala sobre o problema que as lavanderias trazem para os afluentes no Agreste pernambucano. Nas cidades Santa Cruz do Capiberibe, Toritama e Caruaru há uma poluição nos rios próximos a elas devido à falta de filtros para o tratamento dos afluentes-corantes que são jogados nos mananciais.

Depois da lavanderia, muitas vezes, as peças voltam para a facção, onde passam pela **Prancha de Engomar 2.14**, caso exista no local. Na Prancha de Engomar, geralmente, quem trabalha é o homem, pois se trata de uma máquina por demais pesada e quente para que as mulheres possam nela trabalhar.

Depois da Prancha de Engomar, a peça vai para o **Acabamento 2.15**, onde são verificados alguma ponta de linha a remover, a lavagem, algum defeito na peça como rasgão e outras falhas, como manchas não previstas.

A produção do jeans dura em média 40 minutos. Segundo as costureiras, trata-se de uma peça pesada, que requer atenção e paciência, pois o material usado exige habilidade do profissional, por ter uma composição rígida.

Passada pelas etapas analisadas, a peça é embalada e enviada para a confecção que encomendou a produção. Na confecção, ocorrerá o processo de circulação e venda.

Esse tipo de relação é feita durante todo o ano. Toda semana ou de 15 em 15 dias há encomenda das confecções para as facções montarem peças. Em Fortaleza, o jeans é um tipo de vestimenta que movimentava por todo o ano as confecções da cidade. Outro tipo de vestimenta importante para as confecções e facções de Fortaleza é a chamada modinha, roupa à base de malha – blusas com alguns enfeites – voltada para o público feminino.

### 3.2.2 *Produção do jeans no regime de subcontratação de costureiras em domicílio*

A subcontratação de costureiras em domicílio é uma relação que se estabelece quando há períodos de pico na produção, quando a demanda produtiva está alta e as facções chegam a seus limites produtivos. Esse tipo de produção é também usado pelas pequenas confecções, quando seu aporte de capital não tem condições ainda de contratar uma facção para montar suas peças (SOUZA, 1990).

Na subcontratação de costureiras, a relação produtiva é semelhante àquela que ocorre entre confecção e facção. Mas esse processo revela condições de contratos, quase que totalmente dentro do setor informal.

As costureiras são locadas no processo como uma forma de expandir a produção quando está em alta, ou para trabalhar para pequenas confecções. Elas ficam em seus domicílios, complementando a produção que as facções não conseguiram produzir e dedicadas a peças que exigem menos acabamentos e têm uma qualidade inferior, chamadas peças de segunda linha.

Como no Regime de facção, na subcontratação de costureiras em domicílio a **Criação 1.1**, a **Modelagem 1.2**, o **Estiramento do Tecido 1.3** e o **Corte 1.4** são feitos na confecção, com as mesmas características, mas na pequena confecção a mão de obra é restrita ao proprietário, pois também as confecções são diferentes, existindo desde grandes confecções até pequenas unidades iniciantes nas atividades produtivas.

O Fluxograma 2 mostra também as etapas produtivas na subcontratação de costureiras, representada por uma relação 3. A peça, no caso o jeans, passa pelo processo na confecção, como já foi ressaltado, chegando aos domicílios das costureiras por meio de um intermediário da confecção.

A peça chega com as duas partes separadas. Na **Overloque 3.1** são feitos os acabamentos dos bolsos e da braguilha. Depois essas peças vão para a **Reta 3.2**, onde são pregados os bolsos, as vistas de bolsos e os bolsos relógio, todos esses bolsos da frente da calça.

Após esse processo, a peça segue para a máquina **Duas Agulhas 3.3** para o pesponto da boca do bolso, dos ganchos, da curva, da bainha, do bolso traseiro, da filigrana do bolso (enfeites). É um momento da produção que exige muita atenção das costureiras, pois são feitos os detalhes que dão qualidade à peça.

Depois a calça jeans segue para a **Fechadeira 3.4**, onde serão unidas pelo fundo a parte frontal e a traseira da peça, sendo os próximos passos a fixação dos bolsos traseiros, feita pela **Duas Agulhas 3.5**, e o fechamento das laterais, realizado pela **Interloque 3.6**.

A **Máquina de Passante 3.7**, que fica, na maioria das vezes, ao lado das fileiras das máquinas aqui citadas, faz as braçadeiras que serão fixadas na peça, chamadas de passantes, que ficam no cós, onde poderá ser colocado o cinto.

Após passar pelo fechamento via **Interloque 3.6**, a roupa vai para a **Máquina de Cós**, onde irá ser fixado o cós em ponto corrente<sup>49</sup>. A **Reta 3.7** reforça a fixação do cós no ponto de cós, costura que serve de reforço para a fixação do cós.

Passadas essas etapas, o jeans segue para a **Máquina de Caseamento 3.8** para fazer as casas, onde os botões se fixam quando se veste a peça. A **Máquina de Pressão 3.9** é responsável pela fixação dos botões e dos rebites da calça.

Depois desses processos, a calça já está praticamente pronta, pois já foi costurada, foram feitas as casas para os botões e fixados os bolsos e o cós. A peça agora vai para a **Travete 3.10** para os acabamentos nos bolsos, da braguilha e dos passantes, indo depois para o **Acabamento 3.11**, onde passa por uma outra verificação de qualidade.

As peças enviadas na relação subcontratação de costureiras em domicílio são mais simples e muitas vezes não exigem cores ou descolorações destacadas. Em relação ao regime de facção, a subcontratação de costureiras em domicílio é mais simples e tem condições de pegar peças que não exigem tanta qualidade quanto às que são enviadas para as facções.

Não se trata de incompetência das costureiras para fazer a peça, pois muitas já trabalharam em facção e estão em casa para conciliar os afazeres domésticos com a produção, mas a qualidade se dá no porte e na quantidade de máquinas, que, geralmente, são inferiores aos da facção.

### 3.2.3 *Produção da modinha pelo regime de facção e de subcontratação de costureiras*

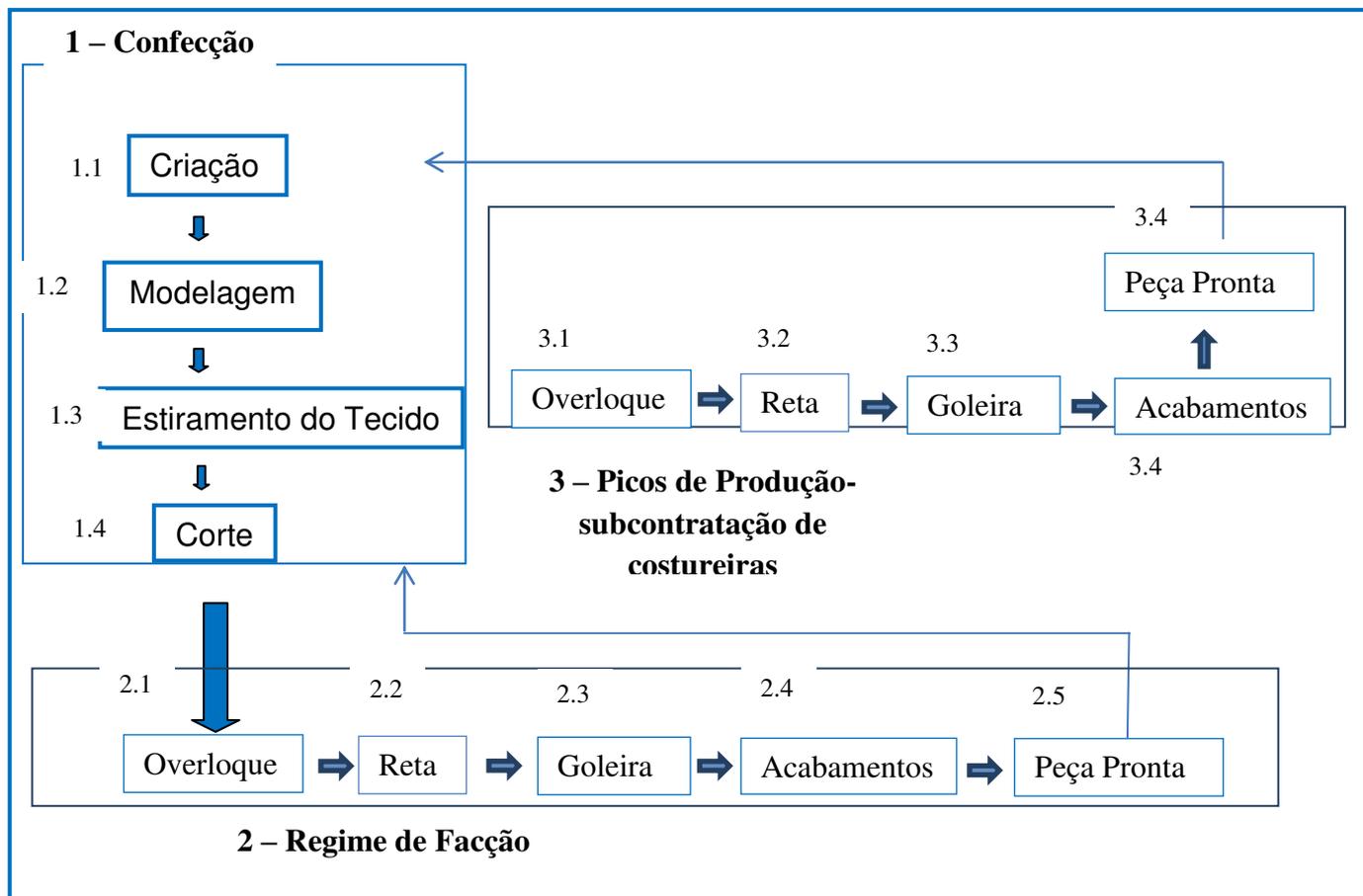
A modinha se destaca na produção de confecções em Fortaleza e tem como característica a rapidez no processo de montagem, o qual leva, em média, quatro minutos para ser realizado. O Fluxograma 3 mostra o processo de produção da modinha em uma facção.

A relação **Confecção 1** com a facção ou com as costureiras em domicílio é semelhante à da produção do jeans. Há uma terceirização da produção para as costureiras em domicílio, se restringindo a confecção as primeiras etapas do processo produtivo como criação, modelagem do tecido, corte entre outras etapas.

---

<sup>49</sup> O ponto corrente é significativo para a qualidade da calça. Hoje, embora, a produção seja feita na casa de costureiras, com pouco capital, essas profissionais procuram ter uma máquina de Interloque com a costura em ponto corrente.

A confecção é responsável pelas etapas **Criação 1.1**, **Modelagem do Tecido 1.2**, **Estiramento do Tecido 1.3** e **Corte 1.4**, que acontecem dentro da confecção e na maioria das vezes centrada no proprietário ou num familiar.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2013.

A produção no regime de facção é feita em todos os períodos do ano. A modinha tem encomendas de lojas, dos comerciantes do Beco da Poeira e dos ambulantes da Feira da Sé.

Dentro dessa relação, compreende-se o entrelaçamento dos dois circuitos da economia, pois a produção de confecções, geralmente feita dentro do circuito inferior, pode ser vendida dentro do circuito superior, sobretudo nas lojas, ou ir para o Beco da Poeira e para a Feira da Sé, dois fixos centrados no circuito inferior.

A modinha, quando chega à facção, vai para a máquina de **Overloque 2.1**, onde será feita a costura lateral. Tal como o jeans, a modinha chega à facção dividida em duas partes, juntadas numa primeira costura pelas costureiras.

Depois a peça segue para **Reta 2.2**, máquina onde será realizado o processo de fixação das etiquetas, que vêm contadas e controladas pelo contratante, e, por último, a modinha

segue para a **Goleira 2.3**, onde são feitas a gola, as barras e as costuras para evitar desprendimento de linhas da peça.

O **Acabamento 2.4** também é feito como uma forma de controle de qualidade da modinha. Depois a peça segue para a confecção por meio do atravessador ou algumas vezes pelo próprio dono da facção.

O regime de facção é uma forma de produção que ocorre o ano inteiro. As facções recebem encomendas regularmente, já as costureiras em domicílio são procuradas, também, com regularidade, mas elas se inserem no processo de produção de confecção mais frequentemente em períodos do ano em que há uma grande demanda produtiva.

No regime de costureiras em domicílio, a execução da produção também é semelhante à da facção. A montagem da peça passa pelas diversas máquinas aqui explanadas até chegar ao produto final, o qual seguirá para a circulação e a venda, seja no município de Fortaleza, seja no Ceará, seja ainda em outros estados do Brasil e até em outros países, pois as indústrias de confecções de Fortaleza têm seguimentos que trabalham para a exportação.

A produção da modinha é um processo rápido. Entre quatro e cinco minutos a peça está montada. Seu preço produtivo fica entre R\$ 0,75 centavos e R\$ 1,30, dependendo da peça, pois quem dita o preço é “o grau de trabalho” empregado na montagem da peça encomendada.

As facções de Fortaleza não produzem apenas para confecções locais. Em trabalhos de campo, testemunhou-se uma produção para confecções de Santa Catarina, com escritórios montados em Fortaleza. Um atravessador local é articulado para mediar os contratos entre a confecção e as facções, o que permite uma produção feita em Fortaleza, mas com a etiqueta de uma confecção do Sul do país, no caso a Lu Nender-Santa Catarina, e de outros países.

A seguir tem-se figuras de algumas máquinas utilizadas no processo produtivo confeccionistas. Algumas máquinas, não possível fotografar, pois as facções e confecções não autorizaram.

### 3.3 Algumas máquina da indústria de confecção.



**Figura 8-Máquina Reta.**

**Fonte:** Santos, 2014.



**Figura 9-Máquina Overloque.**

**Fonte:** Santos, 2014.



**Figura 10-Máquina Interloque.**

**Fonte:** Santos, 2014.



**Figura 11-Máquina de passante.**



**Figura 12-Máquina de Goleira.**

**Fonte:** Santos, 2014.



**Figura 13-Máquina de Suador.**

**Fonte:** Santos, 2014.

### 3.4 As características e as dinâmicas da indústria de confecção em Fortaleza-Ceará<sup>50</sup>

As confecções em Fortaleza têm como característica a produção na pequena empresa. Cerca de 72,3% dessas unidades produtivas são constituídas de pequenas unidades familiares, baseadas em relações familiares de produção, em que o(a) proprietário(a), junto com outros membros da família ou com conhecidos, é responsável pela produção.

O controle de qualidade feito nas unidades de confecção é diverso. O controle sobre o produto acabado é feito em 70,5% das confecções, momento em que a peça foi montada. A inspeção da matéria-prima é verificada em 40,5% das unidades produtivas e o controle sobre todas as fases da produção é feito em 65,2% das confecções.

Diante de todos esses tipos de controle, alguns combinados, vê-se que, embora seja uma indústria descentralizada no Espaço e em seu processo de produção, a variável controle de qualidade, relacionada ao prazo para entrega, e a agilidade com a produção não deixam de ser características dessa indústria.

Os proprietários das indústrias de confecções em Fortaleza, em sua maioria, têm o Ensino Médio Completo. Cerca de 51,2% deles afirmam ter completado essa etapa de ensino e outros declaram ter o Ensino Fundamental Completo. Uma característica importante verificada é que 21,2% dos proprietários têm Ensino Superior Completo; somados ao Ensino Superior Incompleto (8,3%) quase 29,5% frequentaram algum curso superior.

Tal característica permite identificar que, embora muitas vezes esse tipo de produção esteja no Circuito Inferior, a pobreza e outras características não são necessariamente condicionantes para determinar um baixo grau de escolaridade como uma variável obrigatória para esse circuito.

Existe uma busca pelo ganho de dinheiro nessa atividade da economia urbana, mas o circuito inferior não será necessariamente caracterizado por uma condição de pobreza. Muitos indivíduos que têm nível superior estão atuando nas indústrias de confecções como uma maneira de exercer uma atividade que promove maiores ganhos ou que complementa a renda familiar.

---

<sup>50</sup> Os dados apresentados nesta parte do trabalho está baseado no Censo das Confecções de Fortaleza 2008-2009, feito pelo Instituto Eivaldo Lodi, Sebrae-CE e Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas e Chapéus de Senhoras no Estado do Ceará (SindiConfecções). Informações fornecidas pelo Relatório do Programa de Desenvolvimento da Indústria de confecção (Prodic), promovido pelo Sindroupas (Confecções Masculinas), Sindconfecções (Confecções Femininas), Sebrae-Ce e Santana Têxtil S/A, no ano de 2003, e pelo Guia da Indústria do Ceará 2013.

A confecção faz parte do último elo da cadeia têxtil, a qual recebe o nome de Cadeia Têxtil-Confeccionista (CTC). O Ceará, além de ser um dos principais produtores de confecções do Brasil, também tem uma indústria que possui uma significância importante no segmento têxtil.

A matéria-prima usada nas indústrias de confecções em Fortaleza e na RMF é, praticamente, só do Ceará. Segundo dados do Censo das Confecções (2008), 92,5% da matéria-prima usada na produção de vestuários no Ceará vem do próprio estado.

Embora o Ceará forneça quase a totalidade da matéria-prima, outros estados do Nordeste e do Brasil são responsáveis pela venda de insumos para a indústria confeccionista de Fortaleza.

Nas outras regiões, São Paulo é o fornecedor dos insumos têxteis e dos aviamentos, seguido por Santa Catarina na venda de matéria-prima, como os tecidos. Outros estados, em menor proporção, também são fornecedores de matérias-primas, como Paraíba e Rio Grande do Norte.

As peças na indústria de confecção em Fortaleza são previstas para estações do ano com base no inverno, primavera-verão, verão e alto verão. As estações do ano verão, primavera, outono e inverno, correspondentes às quatro subdivisões do ano com base no clima temperado não são utilizadas na indústria cearense nem em outros estados do Nordeste, onde o ano está dividido em três estações de verão e uma de inverno, as quais caracterizam a produção.

Essa característica influencia uma produção centrada em roupas de moda praia, modinha, já que são vestuários de tecidos leves, e jeans, que, embora seja um tipo de roupa quente, faz parte da vestimenta de pessoas para diversas atividades como estudos, trabalho e outras ocupações.

Os empreendimentos confeccionistas empregam na maioria mulheres, com idade entre 31 e 54 anos. Nesse tipo de indústria, a mão de obra feminina no processo produtivo e na administração ao mesmo tempo é uma característica fundamental. Na Tabela 6, tem-se a proporção dos proprietários em relação ao gênero.

**Tabela 6** - Proprietários da indústria de confecção por gênero em Fortaleza-Ceará.

SEXO DOS EMPRESÁRIOS	Nº DE EMPRESÁRIOS	PROPORÇÃO POR GÊNERO
Feminino	466	60,1%
Masculino	310	39,9%
Total	776	100%

**Fonte:** Censo das Confecções 2008.

Como mostrado na Tabela 6, dos proprietários de confecções 60,1% são mulheres e 39,9% homens. Souza (1990) afirma que o conhecimento por parte do proprietário, em sua maioria mulheres, é adquirido antes da instalação da confecção.

Na maior parte das vezes, como foi observado em trabalho de campo, as proprietárias tinham trabalhado em confecções por longos períodos – 10 anos, 15 anos – antes de montar sua própria unidade produtiva.

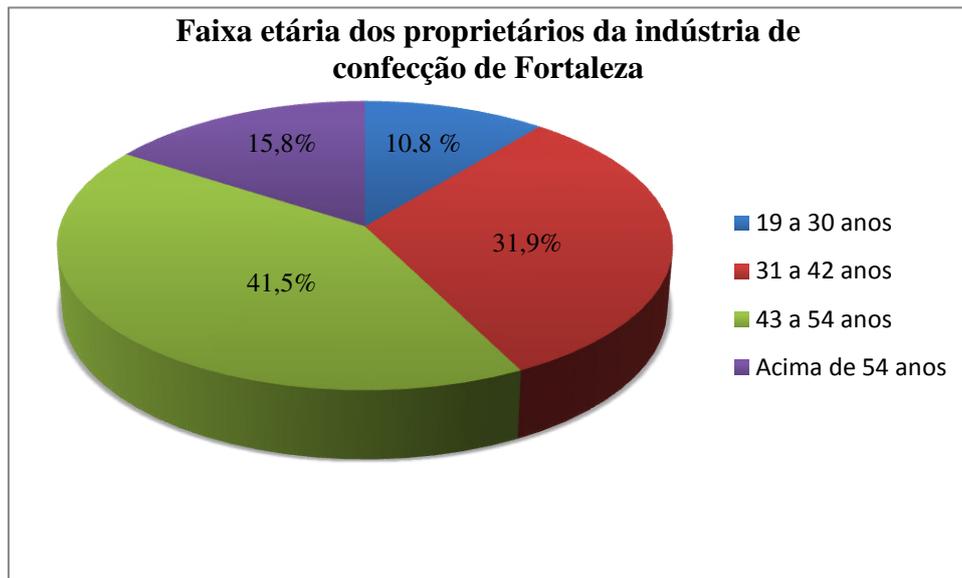
A facção, geralmente, é montada por uma costureira, que pede demissão de alguma fábrica grande na qual trabalhava e, com o Seguro Desemprego e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), tanto dela como o companheiro, trabalhador em outras atividades como motorista, trocador, entre outras, tem condições de comprar os primeiros meios de produção, no caso as máquinas.

O fato de sair do emprego para receber a indenização por meio de Seguro Desemprego, ou por meio de indenizações em forma de máquinas, como foi analisado por Matos (2012), favorece o nascimento de muitas das confecções na informalidade, pois muitas vezes todo o capital foi investido na aquisição de máquinas para a montagem da facção, não tendo sobrado recursos para o gasto em processos burocráticos de registro de empresa.

Nas confecções acontece tal processo, mas essas indústrias geralmente pertencem a alguma fábrica que está no ramo há muitos anos e apenas reestruturou sua forma de produção, por meio da descentralização, com capital mais volumoso, estando muitas vezes dentro do circuito superior como indústrias formalizadas.

O Gráfico 3 mostra o perfil etário dos proprietários das indústrias de confecções e de facções em Fortaleza. Mais de 70% dos(as) proprietários(as) têm idade entre 31 e 54 anos, o que caracteriza o fato comum de uma costureira aprender o ofício nos primeiros anos de trabalho dentro de uma grande fábrica, ou em uma facção, passar determinado tempo trabalhando até conseguir capital suficiente para montar sua própria facção.

**Gráfico 3**-Faixa etária dos proprietários da indústria de confecção de Fortaleza.



**Fonte:** Censo das Confecções 2008.

As facções têm um crescimento significativo nos anos 1980. Souza (1990) afirma que nessa década houve a crise econômica no Brasil, com o surgimento de um número significativo de pequenas firmas, estando esse surgimento relacionado ao processo de falência de grandes indústrias confeccionistas, as quais passaram a enviar seu processo produtivo para as facções, se responsabilizando, apenas, pela administração e comercialização, pagando indenizações através de máquinas para suas antigas costureiras (MATOS, 2008).

Souza (1990) enfatiza o conhecimento do ofício de costureiras das antigas funcionárias das fábricas e atuais proprietárias como uma condição básica para a manutenção da indústria de confecção, pois elas poderão ensinar novas costureiras, além de ter o conhecimento de como uma peça é feita e da média de tempo usada para tal processo, racionalizando, portanto, ainda mais, o processo produtivo.

A frequência em cursos de aprimoração não é recorrente para os proprietários das confecções e das facções. O Censo das Confecções (2008) mostra que 83,9% dos (as) proprietários(as) não frequentam nenhum curso de aprimoramento de mão de obra, pelo fato de o aprendizado ocorrer nos primeiros anos de vida no trabalho, quando as costureiras aprendem e saem para trabalhar em facções perto de suas casas e em confecções e, após um determinado tempo, podem tornar-se proprietárias, buscando o lucro para aumentar a empresa, ou ter capital para colocar um box no Beco da Poeira ou na Feira da Sé, deixando a formação em segundo plano.

A Tabela 7 mostra o perfil da indústria de confecção em Fortaleza e na RMF. A maioria das indústrias tem na administração um único proprietário ou é uma empresa familiar.

**Tabela 7** - Tipos de Gerenciamentos da Indústria de confecção em Fortaleza.

TIPOS DE GERENCIAMENTOS	PROPORÇÃO POR TIPOS DE GERENCIAMENTO
Profissionalizado	4,6 %
Familiar	31,6%
Próprio empresário	63,7%
Total	100,0%

**Fonte:** Censo das Confecções, 2008.

Com base na afirmação de Souza (1990) e nos dados da Tabela 6, vê-se que a confecção e as facções têm como característica significativa a centralização no próprio empresário. Dos estabelecimentos analisados, 63,7% são administrados pelos próprios empresários, 31,6% são controlados por familiares, resultando em um percentual de 95,3% do controle pessoal ou familiar, sendo a administração profissionalizada de apenas 4,6%.

Como foi evidenciado nos Fluxogramas 2 e 3, os principais tipos de produtos confeccionados nas unidades confeccionistas de Fortaleza são o jeans e a modinha, mas tem outros segmentos de vestuário que complementam essa produção: acessórios, moda íntima e *surf wear*.

Essas fábricas têm, na produção desses artigos de vestuário, relações diversas com o comércio, produzindo com marca própria seja para a Feira da Sé o Beco da Poeira, seja para as cadeias de lojas nacionais e internacionais que terceirizam suas produções.

O jeans, a modinha e a moda íntima são produzidos o ano inteiro com um fluxo constante de número de peças. Outros tipos de confeccionados têm maior encomenda para produção em determinados períodos do ano: a moda praia e o *surf wear*, vestimentas mais procuradas nos meses ditos de verão ou período de férias, alto verão.

Diante do exposto e levando em consideração a diversidade de produtos produzidos nas unidades confeccionistas, há um fluxo garantido de produção e venda o ano inteiro, exigindo da confecção ou da facção adaptação para as encomendas em determinados períodos do ano. A encomenda corresponde a 36,9% das relações entre a produção, o intermediário e o comprador.

A produção também pode ser feita em caráter de pronta-entrega. Uma confecção produz sua própria linha de mercadorias, especializada, por exemplo, em jeans, e o intermediário ou o

comprador final já chega à fábrica e sai com as roupas em mão sem ter tido necessidade de encomendar. Esse tipo de relação corresponde a 26,6% da dinâmica produtiva comercial.

Dentro das confecções e das facções, o trabalho é essencial para o processo produtivo. A relação mão e máquina nesse ramo industrial ainda é preponderante. Diante dessa condição de trabalho caracterizada como fundamental para a atividade manufatureira e como uma forma de adquirir capital para a reprodução dos trabalhadores na economia urbana, serão analisadas as formas de trabalho desenvolvidas dentro dessas unidades produtivas, as condições impostas aos trabalhadores e a significância que essa produção adquiriu dentro de várias etapas capitalistas responsáveis pelas modificações nas cidades e pelo fenômeno da urbanização.

#### **4- O CIRCUITO INFERIOR – A MÃO DE OBRA NA PRODUÇÃO CONFECCIONISTA EM FORTALEZA CEARÁ: MUITO TRABALHO, POUCO EMPREGO**

---

O trabalho manual na indústria de confecção é relevante, a mão de obra nesse setor é fundamental para a dinâmica produtiva e comercial, caracterizada por ser mal remunerada e estar em condições degradantes de trabalho.

A indústria de confeccionados está espalhada por diversos países, classificados como de capitalismo tardio ou em condições de mercado especial, como a China. São nesses países de capitalismo tardio, como Brasil, Paquistão, Índia, Bangladesh, que estão localizadas as fábricas de roupas, que produzem para a circulação nos mercados locais, nacionais e internacionais.

Neste capítulo serão analisadas as condições de trabalho e as formas dessas indústrias no espaço urbano de Fortaleza-Ceará-Brasil, mantendo um relacionamento com os processos verificados nos países asiáticos, do Leste europeu, no México, no Peru, em Honduras, entre outros, tendo a condição produtiva do vestuário como uma atividade da economia urbana que se produz e reproduz nos Espaços dos países periféricos, relacionando-se com os fluxos de encomendas e com o comércio intensificado pelo fenômeno da globalização através do desenvolvimento do meio técnico-científico-informacional.

O conhecimento da estrutura trabalhista da indústria de confecção em Fortaleza se dará ao evidenciar a confecção e a facção como uma atividade produtiva responsável pela geração de trabalho e renda para a cidade, condição que proporciona renda para um número significativo de pessoas que procuram alguma forma de sobrevivência no Espaço urbano atual.

#### **4.1 A confecção e a facção como geradoras de trabalho no circuito inferior da economia urbana de Fortaleza-Ceará**

A maioria da mão de obra na indústria de confecção é familiar. Segundo dados do Censo das Confecções (2008), 69,8% dos trabalhadores ocupados na pequena unidade produtiva de confecção é composta por esse tipo de mão de obra, estando o contrato e as relações salariais evidenciadas em 30,2% desses trabalhadores.

Mostra-se uma relação significativa da família com a atividade produtiva responsável pelo seu sustento. A mão de obra familiar é evidenciada por Santos (2008) como uma das características do circuito inferior da economia, pois o emprego dos familiares permite o aumento da produção sem a necessidade de aumentar as despesas, sendo o circuito inferior o fornecedor de trabalho para a população pobre.

A atividade confeccionista tem como característica a diversidade produtiva, tecnológica e de relações de trabalho. O que se verifica dentro da produção de confecções na relação confecção-facção é sua inserção dentro do circuito inferior, o qual, para Santos (2008), constitui

[...] o verdadeiro fornecedor de ocupação para a população pobre da cidade e os migrantes sem qualificação. Tudo isso está ligado às condições tecnológicas e financeiras das atividades desse setor e a suas relações com o conjunto da economia urbana (SANTOS, 2008, p. 45).

O circuito inferior da economia urbana possibilita a entrada e a permanência de uma população significativa no mercado de trabalho, mas que não faz parte das condições de formalidade econômicas.

A análise da inserção dos circuitos da economia urbana possibilita a investigação da produção do Espaço Geográfico, pois esse Espaço, para Silva (1992),

[...] deve ser visto como a base concreta onde se realizam as relações sociais de produção. A sociedade capitalista e o espaço geográfico por ela produzido são frutos dos conflitos, ou seja, do antagonismo e das contradições interclasses que produzem aquele espaço e estruturam aquela sociedade. O espaço geográfico contém em si esses antagonismos e estes, por sua vez, são evidenciados através de um conjunto de espaços desiguais, que constituem uma totalidade diferenciada (SILVA, 1992, p. 71).

Como evidenciado por esse autor, o Espaço Geográfico deve ser considerado buscando destacar as relações sociais dentro do sistema capitalista, gerador de contradições,

que constitui uma totalidade diferenciada que possibilita uma visão diversa da dinâmica da cidade, compreendendo as diferenças entre os circuitos da economia urbana, levando em consideração sua complementaridade e associação, estando esses circuitos fragmentados e articulados nos espaços de produção, circulação e consumo.

Dentro desse Espaço construído pelas relações sociais, evidenciadas pelas contradições do capitalismo, está a cidade e sua dinâmica urbana. Nessa dinâmica, é evidenciado o trabalho em domicílio, inserido na pequena produção confeccionista.

A produção de vestuário está baseada na pequena empresa de confecções. Em torno de 72% dos fabricantes de vestimenta em Fortaleza estão na produção com até 19 trabalhadores. Um número de 22% está com 20 a 99 funcionários, 5% acima de 100 funcionários e 1% acima de 449 empregados (Censo das Confecções, 2008). É dentro das pequenas unidades produtivas onde estão as “trabalhadoras da agulha” (SOUZA, 1986, p. 65).

A produção confeccionista nas pequenas unidades produtivas tem uma forte ligação com a mão de obra pobre das grandes cidades. Santos (2008) afirma que o circuito inferior tem com uma de suas características o pequeno estabelecimento, com uma tecnologia tradicional.

Não se pode evidenciar o circuito inferior como apenas depositário de pobreza, pois o montante da riqueza das pequenas empresas comparado com as grandes empresas é pequeno, mas o lucro individual, se levado em consideração, é fundamental para a dinâmica econômico-espacial do urbano, principalmente, em países de capitalismo periféricos, pois permite aos agentes que compõem esse circuito obterem rendimentos consideráveis para sua sobrevivência na cidade. É dentro desse circuito que o dinheiro necessário à reprodução do trabalhador é conseguido.

O trabalho em domicílio não é novo na produção de alguns setores, como o têxtil e o confeccionista, mas persiste como uma atividade essencial para o aumento de lucro e para a reprodução dessa atividade. Abreu (1986), ao analisar o trabalho em domicílio, o define como

[...] trabalho realizado na habitação do trabalhador, com maquinaria de sua propriedade ou pelo menos em sua posse, por encomenda de empresas ou de seus intermediários, envolvendo geralmente a realização de tarefas parciais do processo produtivo, recebendo em troca pagamento por peças (SOUZA, 1989, p.73).

O trabalho domiciliar constitui uma forma produtiva para a indústria de confecção, situação antiga, ligada às corporações de ofício. Melo (2011) ressalta que a produção de confecção, desde seus primórdios, se caracterizou pelo trabalho subcontratado, notadamente o trabalho em domicílio. Ele persiste, dentro de uma lógica engendrada pelas novas formas

produtivas baseadas na flexibilização, estando a produção familiar como uma das atividades formadoras da dinâmica da economia urbana atual, principalmente nos países de capitalismo tardio. A Figura 14 mostra costureiras e costureiros em facções na periferia de Fortaleza-Ceará, na produção da modinha.



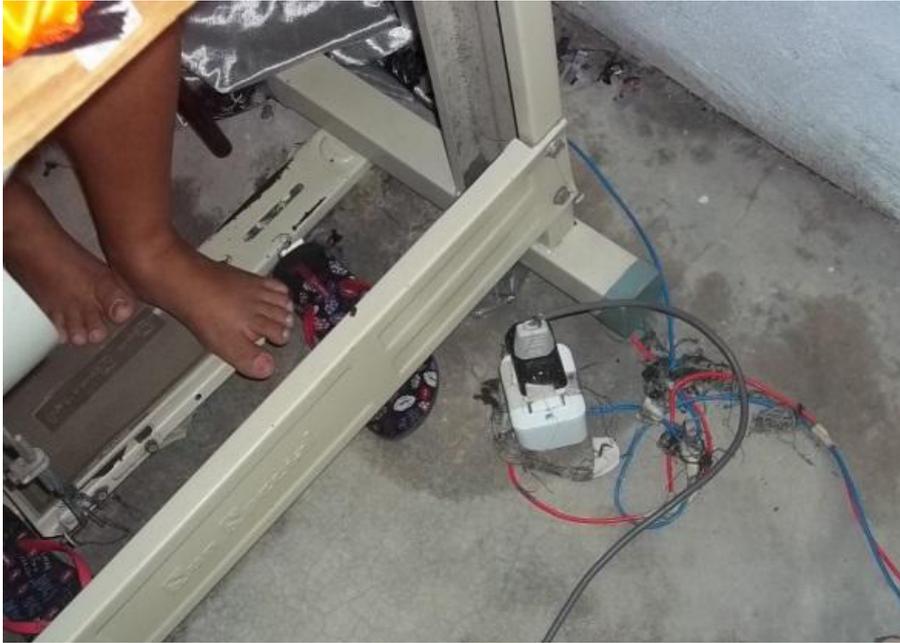
**Figura 14** - A esquerda produção de camisas em malha em uma facção e direita produção e montagem de modinha em uma facção.

**Fonte:** Santos, 2014.

O trabalho em domicílio é significativo na produção de confecções e não está presente apenas em Fortaleza. A produtividade de vestuário em escala global é marcada por uma estrutura assentada na residência do trabalhador ou em pequenas fábricas reunidas em prédios, com péssimas estruturas, como é o caso de muitas confecções e facções em Bangladesh, tendo como evidência o acidente no Rana Plaza, no ano de 2013, que vitimou mais de mil costureiras que trabalhavam no dia do desabamento.

Acidentes acontecem, também, na indústria de confecção de Fortaleza. Em entrevistas com algumas costureiras, elas relatam sempre o risco da quebra da agulha na máquina e como consequência a lesão nos olhos. Muitos trabalhadores da agulha, segundo Abreu (1986), estão em situação de risco na produção de confecção.

A figura 15 mostra uma situação em que o pé de uma costureira está praticamente em cima de um fio elétrico, dentro da unidade produtiva na qual ela passa mais de 8 horas por dia trabalhando. Muitas vezes ela precisa esticar a perna, para descansar da mesma posição por muito tempo, mas corre o risco de colocar o pé sobre a fiação elétrica e ser vitimada por um choque.



**Figura 15** - Condição dos trabalhadores da confecção e da facção.

**Fonte:** Santos, 2013.

A condição de trabalho dentro das unidades produtivas exige do trabalhador atenção no manuseamento das máquinas, pois, além da fiação exposta, existem tesouras em cima de várias mesas, conjunto de agulhas que ficam, geralmente, perto dos braços do funcionário e outros perigos que o espaço produtivo traz para o trabalhador.

A condição de trabalho na indústria de confecção em Fortaleza se assemelha à de outros estados, como Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro e de alguns países. Essa atividade é exercida em pequenas plantas industriais, produzindo sob encomenda e com pagamento baseado na quantidade de peças produzidas.

Cada espaço industrial tem suas características. Os países asiáticos, por exemplo, diferem um pouco de Fortaleza; lá, os trabalhadores alojam-se dentro de prédios antigos divididos em pequenas plantas industriais, e em Fortaleza as unidades produtivas estão em sua maioria dentro da casa do trabalhador. Mas as condições de trabalho e a dinâmica de encomenda e de circulação de produtos seguem uma lógica semelhante, baseada na produção em áreas de mão de obra abundante, condições de trabalho precárias, com circulação de mercadoria voltada para empresas que encomendam a produção.

Em Fortaleza, a unidade produtiva confeccionista, mais especificamente a facção, é de difícil identificação, por estar dentro do domicílio da costureira. Lencioni (1996), estudando o processo de reestruturação industrial de São Paulo, fala da fábrica de fiação sem teares; no caso da facção em Fortaleza, existe a “Fábrica Camuflada”<sup>51</sup>.

<sup>51</sup>A indústria de confecção, no caso, recebe a substantivação de “Indústria Camuflada”, pois sua identificação enquanto unidade produtiva requer uma observação, por dentro da unidade, já que sua identificação é difícil de

É muito difícil saber onde se situa a facção, pois esse fixo não está, muitas vezes, visível no espaço urbano, ele se apresenta mais pelo fluxo das mercadorias, que chegam ao mercado com uma fabricação em Fortaleza, evidenciando uma condição produtiva na cidade. A figura 16 mostra frentes de facções em Fortaleza-Ceará.



**Figura 16**-A direita e a esquerda frente de facções em Fortaleza.

**Fonte:** Santos, 2013.

Como mostrado na figura 16 a identificação é praticamente impossível de ser feita pela simples passagem na rua. Dentro desse imóvel funciona uma fábrica com 15 costureiras em atividade.

Embora não se trate de uma grande fábrica, centrada em um galpão em forma do modelo fordista de produção, esse tipo de indústria é responsável por um significativo número de ocupação para a população de Fortaleza e geradora de renda para várias famílias.

Uma análise da fábrica e de sua inserção no urbano é fundamental para se entender uma lógica na qual a capital cearense está inserida como polo na fabricação de vestimenta para um mercado em várias escalas.

As condições de trabalho se dão de uma maneira totalmente flexibilizada. Os trabalhadores desse setor têm como meta montar o maior número de peças para ter um bom rendimento. Para o trabalhador e o proprietário, é interessante uma grande produção, pois eles na maioria das vezes não têm salários fixos.

Matos (2005) diz que “[...] na facção, não há relógio de ponto ou cartão magnético. Não há registro de entrada e saída de funcionários, pois não há sequer livro de frequência. Não há controle formal” (MATOS, 2005, p. 95).

---

ser percebida. A figura 7 mostra uma unidade produtiva confeccionista, que parece ser apenas uma residência, não evidenciando nenhum ambiente de trabalho naquele imóvel.

Diante de tal evidência, o controle de presença é feito pelo próprio trabalhador. Ele tem que produzir para garantir seu sustento. Se não produzir a contento, perde dinheiro e chega a ser demitido, pois atrapalha os outros empregados no processo produtivo. Uma costureira tem que ter produção suficiente para não atrapalhar nem a si nem as colegas de trabalho.

O aumento da produção é feito pelo aumento das horas de trabalho de cada costureira, o que caracteriza um processo de lucro através da mais valia absoluta<sup>52</sup>, onde o lucro consiste no aumento de horas trabalhadas pelo empregado.

Há um investimento em algumas unidades de confecção em máquinas na busca de aumento produtivo, mas na maioria das vezes o aumento produtivo se concretiza no aumento do tempo de trabalho.

Nessas condições de trabalho da indústria camuflada de confecções está um significativo contingente de trabalhadores, em sua grande maioria mulheres, como já apontado, que moram na periferia, muitas vezes vindas do interior em busca de trabalho na capital, com um perfil socioeconômico que as caracteriza nesse ramo produtivo da economia urbana.

#### **4.2 Perfil socioeconômico dos trabalhadores do setor confeccionista<sup>53</sup>**

A mão de obra feminina é predominante, contingente composto por diversas faixas de idade. Muitas vezes, quando a trabalhadora tem menos de 18 anos, é classificada como aprendiz.

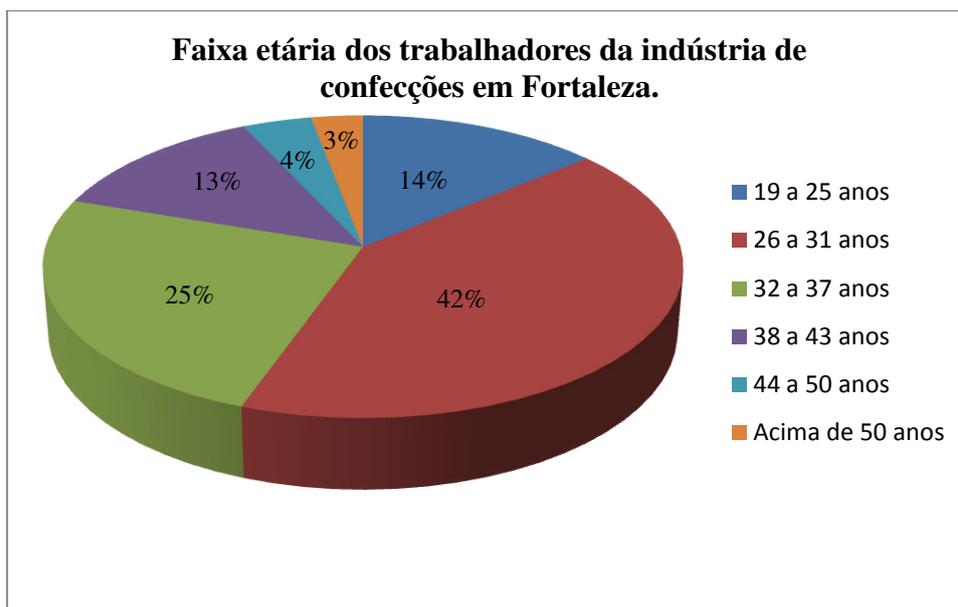
No entanto sua condição de aprendiz dura pouco tempo, ela logo é utilizada no processo produtivo até completar a maior idade e se integrar como trabalhadora da indústria de confecção. No Gráfico 4, evidencia-se a faixa etária das trabalhadoras da indústria de confecção e de acessórios de Fortaleza.

---

<sup>52</sup>Marx, Karl. **Os economistas** - O Capital: Crítica da economia política. v. 1. 1996.

<sup>53</sup> Dados do Censo das Confecções 2008.

**Gráfico 4**-Faixa etária dos trabalhadores da indústria de confecção em Fortaleza.



**Fonte:** Censo das Confecções 2008.

Como mostrado no Gráfico 4, a maioria das trabalhadoras tem idade entre 26 e 37 anos (57% do total da mão de obra), condição relacionada, entre outros fatores, ao sustento da casa ou ao complemento da renda familiar.

Na indústria de confecção, elas conseguem trabalho perto da residência, de forma a poder conciliar trabalho de casa e produção de confecções. Na faixa etária entre 26 e 37 anos, a maioria das trabalhadoras tem filhos ainda pequenos, não pode deixá-los sozinhos em casa por muito tempo e não tem condições de pagar alguém para cuidar deles, preferindo trabalhar perto de casa. Quando há alguma cuidadora, são as filhas mais velhas, as mães ou as sogras das costureiras que lhes facilitam a ida para o trabalho.

O contingente de trabalhadoras entre 38 e 43 anos corresponde a 14% do total da mão de obra, sendo também expressiva na indústria de confecção. Essa faixa etária é marcada por costureiras já experientes no processo de montagem das peças, pois geralmente é na idade entre 18 e 25 anos que elas aprimoram sua técnica.

A faixa etária entre 44 e 50 anos corresponde a 6%. Essa pequena participação na produção confeccionista está relacionada à preferência por pessoas mais jovens para essa atividade produtiva. Também, muitas costureiras, quando estão nessa idade e conseguiram juntar algum capital, montam sua própria facção e chamam mais mulheres para o trabalho.

A pequena participação nessa faixa etária está ligada, ainda, à aposentadoria. Algumas costureiras se aposentam como tal, embora estejam em condições informais de trabalho.

Outras voltam para o interior, onde buscam, através do sindicado de trabalhadores rurais, provas que já foram agricultoras para conseguir a aposentadoria nessa categoria.

O grau de instrução das costureiras da indústria de confecção em Fortaleza é diverso. A maioria tem Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio Incompleto e Ensino Médio Completo. Na Tabela 8, expõe-se a distribuição em porcentagem do grau de instrução das costureiras na indústria de confecção em Fortaleza.

**Tabela 8** - Porcetagem do grau de instrução dos trabalhadores da indústria de confecção.

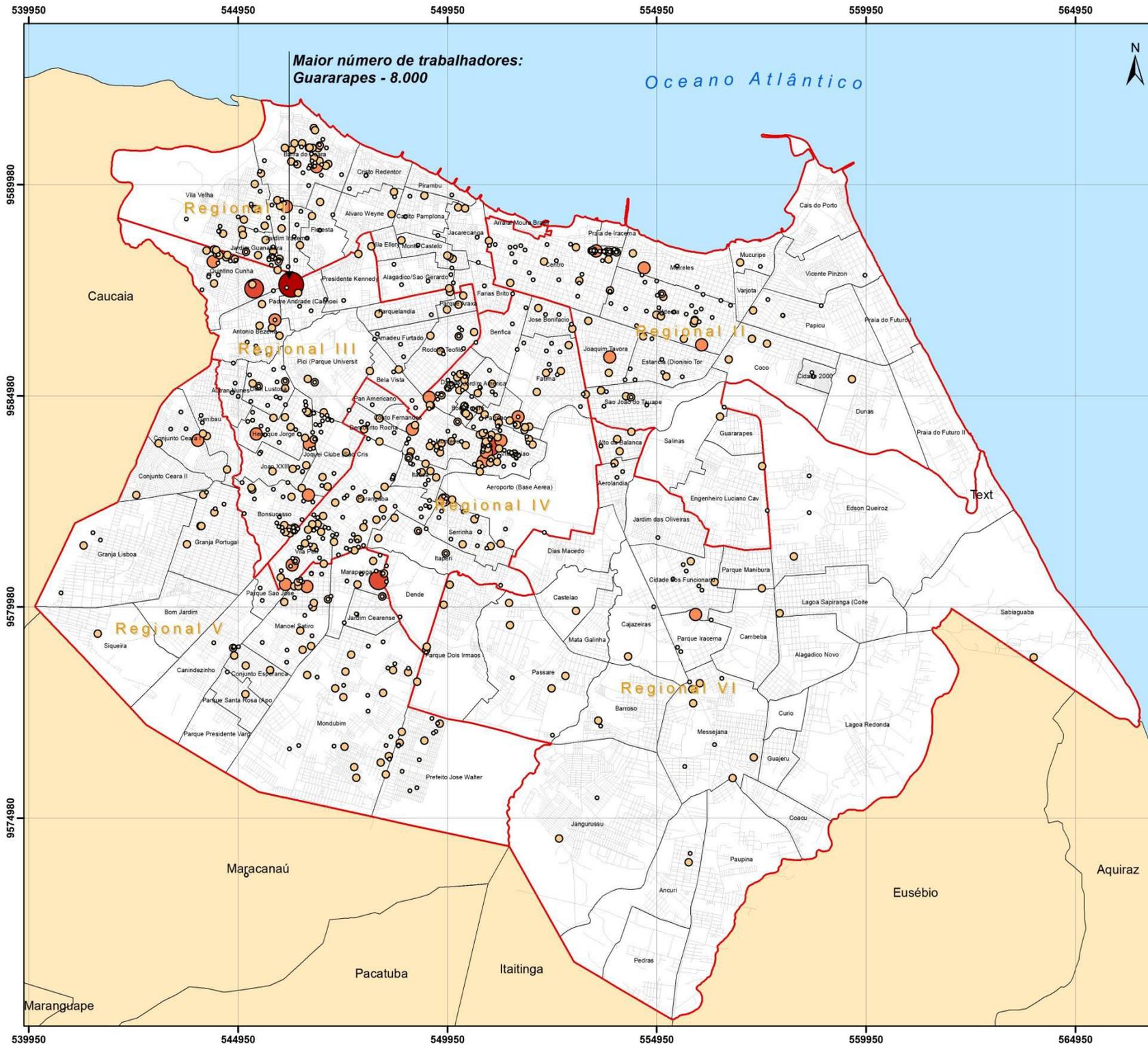
GRAU DE INSTRUÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS	PORCETAGEM EM RELAÇÃO AO NÍVEL DE INSTRUÇÃO
Não alfabetizado	0,5%
Alfabetizado	13,9%
Ensino fundamental incompleto	8,9%
Ensino fundamental completo	18,4%
Ensino médio incompleto	21,9%
Ensino médio completo	34,9
Superior incompleto	0,7%
Superior completo	0,8%
Pós-graduado	-
Total	100%

**Fonte:** Senso da confecção 2008.

No Mapa 3 é mostrada a diversidade do número de trabalhadores na indústria de confecção em Fortaleza. Os intervalos foram feitos de 1 trabalhador até 8.000, comprovando, portanto, essa diversidade nas unidades produtivas da cidade.

Mapa 3

Mapa 3-Mapa da Indústrias de confecções por número de trabalhadores.



Universidade Federal do Ceará  
Centro de Ciências  
Departamento de Geografia  
Programa de Pós Graduação em Geografia-Mestrado  
A Dinâmica sócio espacial da Indústria  
de Confeção em Fortaleza-Ceará.

Orientador: Prof. Dr. José Borzaccihello da Silva.

Mestrando: Marlon Cavalcante Santos

Mapa da indústria de confecção  
por número de trabalhadores em Fortaleza - CE

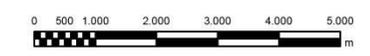
**Legenda**

**Confecções:**

**NÚMERO DE TRABALHADORES**

- 1 - 21
- 22 - 110
- 111 - 300
- 301 - 1100
- 1101 - 8000

- Eixos de ruas
- Regionais Fortaleza
- Bairros de Fortaleza
- Municípios limítrofes



Autores: Prof. Dr. José Borzaccihello e Marlon Santos



**OBSERVATÓRIO  
DAS METRÓPOLES**

Fonte: Anuário Estatístico FIEC 2013

Sistema de coordenadas: WGS 1984 UTM Zone 24S  
Projeção: Transverso de Mercator  
Datum: WGS 1984  
Falso Leste: 500.000,0000  
Falso Norte: 10.000.000,0000  
Meridiano Central: -39,0000  
Fator de Escala: 0,9996  
Latitude de Origem: 0,0000  
Unidade: Metros  
Elaboração Técnica: Narcélio de Sá

As indústrias têm majoritariamente entre 22 e 110 trabalhadores, espalhadas por diversos bairros de Fortaleza, como Granja Lisboa, Passaré, Mondubim, Vila Velha, Barra do Ceará. Muitas delas têm entre 1 e 22 empregados, tipo de indústria de significativa evidência. Outras têm entre 301 e 110 trabalhadores e se concentram nos bairros Santa Cecília, Quintino Cunha; no bairro da Maraponga existe uma indústria com esse número de funcionários, perto do Maraponga Mart Moda. A única fábrica com um número de 8.000 funcionários é a Guararapes, confecção ligada à produção para uma grande cadeia de loja nacional, as lojas Riachuelo.

O Ensino Fundamental Completo e o Ensino Médio Incompleto e Completo correspondem a 75,2% da escolaridade das costureiras. O total de costureiras analfabetas é de 0,5%, estando também restrito o acesso ao nível superior, que corresponde, Superior Incompleto e Completo, a 1,5% das trabalhadoras. O acesso ao Ensino Superior é mais evidente entre os proprietários que entram na universidade, muitas vezes ainda jovens, depois que montar a própria fábrica.

Singer (1973) afirma que a força de trabalho em países de capitalismo tardio é caracterizada pela baixa qualificação e reduzida organização trabalhista, o que limita o poder de barganha no mercado de trabalho. Para Santos (2008), essa força de trabalho busca no circuito inferior atividades que possibilitem sua sobrevivência.

Quando existem relações salariais, a maioria (93,6%) das costureiras ganha entre um e dois salários mínimos. Muitas confecções e algumas facções têm trabalhadoras com assalariamento, mas isso não é uma ocorrência mais frequente para esse setor, pois a maioria das condições de pagamento é feita com base na produção.

Na maioria das vezes, as costureiras assalariadas ganham poucos mais de um salário e algumas gratificações como alimentação e vale transporte. A Tabela 9 mostra faixas de salários nas indústrias de confecções, quando elas praticam tal forma de pagamento.

**Tabela 9**-Salários pagos na indústria de confecção para o(a)s costureiras.

VALOR MÉDIO DOS SALÁRIOS	PORCETAGEM EM RELAÇÃO AOS SALÁRIOS
Menos de 1 salário mínimo	2,3%
1 até 2 salários mínimo	93,6%
2,1 até 3 salários mínimo	3,8%
3,1 até 4 salários mínimo	0,1%
4,1 até 5 salários mínimo	0,1%
Acima de 5 salários mínimo	-
Total	100%

**Fonte:** Senso da confecção 2008.

**Nota:** Quando aplicado o questionário feito pelo IEL-CE, alguns estabelecimentos não responderam, faltando 01,% para completar os 100%.

Diante de tais números, depreende-se que a condição de pagamento do profissional que trabalha na montagem das peças não passa de dois salários mínimos. Mais de 90% do pagamento desses trabalhadores situa-se nessa faixa de rendimento. O assalariamento não é uma condição para o trabalho de costura nas fábricas confeccionistas.

A busca por redução de despesas, maior agilidade no processo produtivo, ausência de responsabilidades com as condições trabalhistas são as condições presentes nas indústrias de confecções espalhadas pelos países de capital tardio, incluindo o Brasil, e, no caso, Fortaleza-Ceará. Para Matos (2005),

O que acontece é a transferência de setores da produção para empresas que se utilizam de contratos de trabalho irregulares, gerando a diminuição de empregos formais e a proliferação de relações informais de trabalho (MATOS, 2005, p. 24).

Frequentemente não há regulação das condições de trabalho nas unidades produtivas de confeccionados. A manufatura produtora de vestuário está assentada na pequena unidade produtiva e com garantias trabalhistas restritas, quando não ausentes.

A inserção no trabalho é mais forte em relação a capital, restrito nas unidades confeccionistas, estando o lucro centrado no sustento do proprietário, no pagamento da mão de obra, e condicionante à compra de meios de produção como máquinas, alguns aviamentos e manutenção da facção.

### 4.3 Trajetória de costureiras no espaço domiciliar-industrial: até que ponto costurar é apenas vocação?

O trabalho na costura, muitas vezes, é tratado como apenas uma questão de vocação, ou habilidade. Muitos estudos evidenciam apenas essa esfera em relação ao trabalho no setor da costura.

A habilidade e a vocação são variáveis indispensáveis para qualquer trabalho, condição importante para a análise, porém tal evidência não pode estancar apenas nesse viés.

A atividade de costura faz parte do cotidiano da economia urbana das cidades de países de capital tardio. O setor de confeccionados é responsável por uma quantidade significativa de posto de trabalho e renda para a população pobre das cidades de tais países, se constituindo em uma atividade responsável pelo sustento de várias famílias.

Na pesquisa, foram feitas entrevistas semiestruturadas com as costureiras, buscando refletir sobre esse duplo caráter que cerca seu trabalho, ou seja, ele é apenas uma vocação? Ou também é um meio de sobrevivência?

A questão da vocação, para muitas costureiras, tem uma significância. Na entrevista feita com Dona M, ela ressalta a continuidade da atividade confeccionista que a mãe dela herdou da avó e repassou para ela.

A minha mãe já trazia no sangue a profissão de costureira da minha vó, que a minha vó sempre quis que ela fosse costureira, desde os 14 anos ela (no caso a mãe de Dona M) se formou como costureira. Minha mãe aprendeu sendo auxiliar de uma costureira. Após casada, ela continuou trabalhando, ajudando meu pai, que era pedreiro. Ela trabalhava para os outros. A família foi aumentando e foi necessário que ela trabalhasse em casa, por conta dos filhos muito pequenos, um atrás do outro. Ela teve 11 filhos. Mesmo trabalhando em casa, o trabalho foi muito explorado, porque era necessário ela trazer os filhos para perto dela, para ela poder trabalhar e cuidar dos filhos ao mesmo tempo. Ela pegava roupas para trabalhar em casa. Eu admirava essa arte e praticava fazendo roupas de boneca. Eu queria ser igual à mãe. E eu, com minhas coleguinhas, brincando de boneca, eu era a costureira dos filhos delas. Fazia as roupas de tecido que sobrava de minha mãe. Eu me beneficiava, porque chegava a vender por alguns centavos. Minha mãe viu que eu tinha dom para a costura. Quando eu tinha 11, 12 anos passei a ajudar minha mãe na confecção. Ela me ensinou a costurar para ajudar na confecção e aumentar a renda. Minha ajuda era muito importante para aumentar a renda. Fui crescendo, e aos 14 anos queria que ela me agradasse, não apenas porque eu estava ajudando a criar meus irmãos, mas porque queria um pouco mais. Eu queria comprar coisas pessoais: roupas, jóias, coisa que eu queria para mim e ela não me dava. Com 16 anos, mesmo, com ela me agradando, eu fui para o mercado de trabalho, atrás do salário. Eu já merecia, porque eu sabia fazer tudo. Meu teste, ela (mãe de dona M) me botou para fazer uma roupa. Ela cortou uma saia, se eu conseguisse costurar a saia eu estava preparada para trabalhar em qualquer confecção. Era uma saia jeans, muito destelhada. Para mim era um quebra-cabeça. Eu passei meio dia para fazer essa saia. Quando eu terminei, ela ficou horrorizada, me surpreendeu, fiz igual ao desenho. Ela ficou surpresa, ela saiu

mostrando a toda a vizinhanças (sic) da rua a saia que eu tinha feito (sic).  
(Entrevista com Dona M feita em 5 de novembro com uma costureira polivalente).

Tal entrevista evidencia o repasse do conhecimento da costura de avó para mãe e filha, do dom que elas tinham para essa atividade. Dona M diz que sempre quis ser costureira, chama o trabalho de costura de arte, porém evidencia-se uma necessidade de sua mãe, pois a costura era uma atividade que ajudava no sustendo da família. Embora a arte, a habilidade, o dom estejam imbuídos na costura, a necessidade da renda e a condição de exploração destacadas por essa costureira são características para a análise do costurar.

Como evidenciado na entrevista, essa família tinha 11 filhos, cujo pai trabalhava na construção civil, como pedreiro. Assim, a atividade de costura era essencial para a complementação da renda da família, pois só o ganho do pai não era bastante para sustentar uma família numerosa.

Segundo Dona M, ela começou a trabalhar “ainda de menor” para ajudar na renda da família e comprar objetos pessoais, já que a mãe não conseguia pagar um salário para ela.

Quando essa costureira entrou no mercado de trabalho, costurava em três máquinas, sendo procurada pelas fábricas, pois era uma costureira polivalente. Segundo ela:

Entrei no mercado de trabalho, costurando em mais de três máquinas, sendo uma costureira polivalente. Eu era muito procurada, porque quando uma máquina parava eu ia para outra. Tenho 40 anos, trabalhei muito tempo avulso. Se tivesse todo o tempo de trabalho com carteira assinada já estava perto de me aposentar por tempo de serviço. (Entrevista Dona M, costureira polivalente, dia 5 de novembro de 2013).

Com a habilidade de trabalhar em três máquinas, ela tinha uma grande chance de encontrar trabalho. Costureiras que conseguem trabalhar em várias máquinas são requisitadas no processo produtivo, pois elas vão de uma máquina outra, agilizando o processo produtivo, uma das características da reestruturação produtiva e da flexibilidade do trabalho.

Dona M disse que trabalhou muito tempo avulso<sup>54</sup>. Essa condição faz com que a trabalhadora aumente seu tempo de serviço para tentar uma aposentadoria por idade, por não conseguir se aposentar em virtude da ausência de comprovação em carteira e de contribuição com a Previdência Social.

---

<sup>54</sup> O termo avulso se relaciona à condição de informalidade. Para as costureiras, significa ausência de carteira assinada.

O cotidiano na fábrica, seja ela pequena seja grande, exige muito da trabalhadora. Dona M relata o modo de trabalho em fábrica e evidencia a exploração e as condições em que a mão de obra está inserida:

Muita das vezes tive que pernoitar. Quando fazia o contrato tinha que aceitar as horas extras. Era muito sacrificoso. Eu me sacrificava em aceitar, eu precisava. A empresa, muitas vezes para aumentar a jornada de trabalho, esticava, dava o lanche e ensinava a gente tomar café com Coca-Cola para ficar mais esperta e aguentar uma noite de trabalho, sem faltar ânimo, energia, e assim eu fazia para poder aguentar. Porque, além de um dia de trabalho, um pernoite, além do pernoite, a empresa pedia para eu trabalhar mais um dia. Era 24 mais 8. No caso 32 horas, com um dia de folga. Muitas vezes, quando eu recebia o salário, ele<sup>55</sup> dizia que não dava para pagar o pernoite. Ele ficava me enrolando, eu ficava muito triste. Uma vez eu gritei com o meu chefe por causa disso e ele me botou para fora, por causa da cobrança do pernoite. Saí do emprego e ele ficou me devendo (sic). (Entrevista Dona M, dia 5 de novembro de 2013).

A condição da trabalhadora na indústria de confecção mostra a situação de extrema exigência no processo produtivo. As horas regulamentadas no processo fordista, nessa condição, passa a ser alterada para o aumento da produção. Chega-se a alterar o relógio biológico do funcionário, por meio da ingestão de algumas bebidas, para que a produção esteja pronta no dia marcado para a entrega ao atravessador ou ao fornecedor direto.

Outras costureiras ressaltam que gostavam de trabalhar no pernoite, pois tinham dinheiro certo, era um adicional para a renda. No final de ano, a produção em pernoite garantia uma renda melhor.

A jornada de 32 horas com um dia de folga é usada em períodos de picos produtivos, em que as horas trabalhadas são aumentadas ou uma fábrica passa para as facções ou para a subcontratação de costureiras em domicílio a fim de evitar atrasos.

Muitas vezes, o pernoite de trabalho não são pagos pelo patrão, como ressaltou a entrevistada acima, resultando em conflitos e expulsão do empregado, que fica em desvantagem.

Como muitas costureiras, Dona M, com 40 anos, conseguiu comprar algumas máquinas de costura e pensa em montar sua própria facção. Ela salienta que trabalhando no ramo da costura conseguiu criar duas filhas sozinha, em condições adversas: morando de aluguel, tendo que acordar na madrugada para deixar a filha com a mãe, trabalhando nos fins de semana e feriados.

---

<sup>55</sup> Ele, no caso, é o patrão ou responsável pela chefia de produção.

Eu hoje tenho 4 máquinas, comprei com muito sacrifício. Quando aparece algum bico eu faço. Pego qualquer tipo de roupa. Você me diz qual o tipo de roupa, tecido e faço. Ultimamente estou costurando pra feira. Tenho uma clientela boa. Na medida em que tenho condições de abastecer eu faço as roupas. Muitas vezes eu compro o tecido, retalhos, sai bem em conta, e vendo a roupa para feirante. Gosto de trabalhar com roupas masculinas. Gosto de trabalhar em casa, porque não tenho aborrecimento de patrão.

Sempre tive que correr atrás. Tinha que suprir as necessidades de minhas filhas. Fui abandonada pelos meus companheiros. Tinha que acordar muito cedo, 5:15 da manhã, já estava na rua, com o mingau da minha filha pronto para deixar na minha mãe e ir para o serviço. Com a outra filha não foi diferente. Tive dois relacionamentos frustrados. Criei minhas filhas sozinha. Moro de aluguel. Não devo nada a homem algum (sic). (Entrevista com Dona M, dia 5 de novembro de 2013).

Muitas mulheres precisam deixar seus filhos com parentes próximos como mãe, filhas mais velhas ou cunhadas. Muitas trabalhadoras do circuito inferior não têm condições de pagar uma pessoa para cuidar dos filhos; assim, fica a responsabilidade para parentes, e, na ausência deles, elas procuram trabalho perto de casa, para conciliar as incumbências de mãe e de operária.

Com todas as condições desfavoráveis na unidade produtiva confeccionista, esse trabalho constitui um dos melhores ramos para a mão de obra feminina em Fortaleza e outras cidades, como Natal, Santa Cruz de Capiberibe, Cianorte, Nova Friburgo, pois, permite a conciliação de afazeres domésticos e produção.

O mais importante na produção confeccionista é a entrega da mercadoria encomendada no dia certo e com a qualidade esperada. Se a costureira passar o dia cuidando dos filhos e a noite trabalhando, entregando a peça no dia desejado, ela é classificada como uma boa profissional, pois honra os prazos estipulados pelos atravessadores ou patrões.

A condição do local trabalho das costureiras é semelhante em diversas partes do mundo – uma indústria lucrativa com a necessidade de mão de obra. Embora as condições tecnológicas propiciem vários processos eletronicamente, existem fases da produção em que a relação mão e máquina é fundamental, imprescindível. A indústria têxtil, mas precisamente o setor de confecções, necessita da mão de obra braçal em seu processo produtivo.

Outra trabalhadora relata sua trajetória profissional como costureira. Dona S diz que entrou no ramo de costura ainda jovem, como a maioria das costureiras, e que não foi difícil conseguir um trabalho como costureira.

Eu entrei no ramo de confecções em 1972. Tinha 14 anos. Conseguir um trabalho como costureira não é difícil, o difícil é conciliar o trabalho como costureira e dona de casa. A mulher muitas vezes é a chefe de família, ela que toma conta da casa, da alimentação do filho e muitas vezes a mulher não tem essa condição. Porque ela já passa uma jornada de 8, 9 horas dentro da fábrica e quando chega em casa ela tem

mais uma jornada, pois tem cuidar do lar e dos filhos, né. E por ela ser chefe de família, porque muitas do nosso setor é mãe e pai, muitas vezes o marido vai embora e deixa a mulher com os filhos, né. Eu no caso fui uma das tais. Criei 4 filhos; essa que está no do meu lado é uma delas (sic). (Entrevista feita com Dona S costureira no dia 5 de novembro de 2013).

A entrada no mercado de trabalho de costura muito jovem é percebida num número considerável de profissionais desse ramo. Como outras costureiras e como Dona M, Dona S teve que conciliar os afazeres domésticos com a jornada de trabalho na fábrica, sendo chefe de família e tendo responsabilidade de buscar renda e cuidar dos filhos e do ambiente doméstico.

Dona S ressalta que muitas costureiras abandonam a profissão na fábrica ou vão trabalhar em casa, porque não têm com quem deixar os filhos. Elas deixam com parentes, mas chega um momento que tais parentes têm que trabalhar ou ir para a escola, não podendo mais cuidar do filho da trabalhadora que vai para a fábrica.

Perguntada se existe relação entre grandes fábricas e pequenas confecções, no envio dos processos produtivos para a facção em Fortaleza, a costureira Dona S responde:

Muito. Essa é uma situação que, não vou dizer que predomina, vou dizer que tem um grande espaço em nosso setor. As empresas alegam que têm grandes despesas e tiram a produção da fábrica e levam para a casa do trabalhador e que para conseguir ter seu salário tem que trabalhar até as 10, 11 horas da noite. Tenho uma filha nessa condição. Ela saiu da fábrica, porque não tinha onde deixar o filho, e conseguiu comprar umas máquinas e trabalha em casa. Mas ela trabalha na hora que dá certo, até a hora que pode, às vezes ficando até mais tarde. Ela registrou depois de três meses depois que começou a facção. Já tem 5 a 6 anos que ela tem confecção (sic). (Entrevista com Dona S em 6 de novembro de 2013).

A passagem da produção para a casa do trabalhador evidencia uma das características da reestruturação do trabalho e a predominância no setor de confecções do trabalho doméstico-industrial. Como foi evidenciado por Abreu (1986), o trabalho em domicílio na confecção é uma das características desse setor, que se expandiu nos anos 1980 com a passagem das linhas de montagem das peças para a casa do antigo operário, diminuindo despesas no processo produtivo, pois toda a responsabilidade de produção é centrada no trabalhador, sem garantias previdenciárias, como foi ressaltado por Matos (2008).

O setor patronal alega que não pode aumentar os salários porque não tem como disputar com o setor informal. Dona S afirma:

O setor patronal reclama muito de não dar um bom salário, por não ter condições de competir com o setor informal. Porque o informal não tem encargos, não tem quem

fiscalize, não isso, não tem aquilo. Aí eu respondo para eles que a culpa pelo informal estar crescendo é deles, porque eu, funcionária da empresa, aí não tenho condição de estar na empresa, ele me manda para casa, me dá uma máquina, aí eu vou trabalhar para ele sem INSS, sem fundo de garantia, sem nenhum direito, mas ele tem a mão de obra mais barata. Porque hoje uma peça mais comum de ser feita, porque vejo nas facções perto de casa, tem bem umas 5, é uma peça que sai em torno de R\$ 1,20, 0,80 centavos. Uma camiseta é 0,80 centavos para fazer, né. Uma mão de obra barata que explora muitas mulheres e também homens, no nosso setor tem presença de homens, já mistificou, já mistificou muito homens e mulheres (sic). (Entrevista feita com Dona S em 6 de novembro de 2013).

Embora a empresa seja legalizada, formalizada, sua produção muitas vezes é feita na facção, que geralmente não tem registro de formalidade e é onde a força de trabalho supera o acúmulo de capital.

O preço das peças é baixo, o que torna necessária uma grande produção para que o trabalhador tenha um bom rendimento. O setor tem grande expansão, inserindo homens, também, no processo confeccionista, sendo essa atividade lucrativa para os trabalhadores desse setor. O setor confeccionista é diverso e congrega vários perfis de mão de obra, notadamente o feminino, mas com uma entrada da mão de obra masculina nos últimos anos. O senhor C relata sua experiência como costureiro de confecção na cidade de Fortaleza.

Eu entrei no ramo de confecções em 1992. Sempre trabalhei com costura. Só tiveram dois anos que trabalhei com produtos farmacêuticos. Já passei por grandes fábricas produzindo roupas em malha e jeans. A roupa de malha é mais fácil de fazer, o jeans é mais trabalhoso, mas eu fazia do mesmo jeito. Depois decidi montar minha própria facção, foi em 2013, faz pouco tempo. Aqui trabalho com todo tipo de roupa: feminina, masculina, jeans. Geralmente o encomendador traz as partes do vestuários, mas os aviamentos são meus, principalmente, as linhas. Eu gosto da confecção. Trabalho com que aparece. (Entrevista feita no dia 20 de março de 2014 com o senhor C.)

Percebe-se a inserção de diversos gêneros na produção de confecção na cidade de Fortaleza, existindo essa diversidade em outras cidades do Nordeste e do Brasil. A produção de confeccionados é um ramo significativo para varias cidades brasileiras.

A indústria de confecção em Fortaleza é responsável por uma quantidade significativa de postos de trabalho para a população. É um setor que absorve, principalmente, a mão de obra feminina em idade bem jovem para o processo produtivo. Tem uma grande produtividade, com uma produção voltada preponderantemente para o jeans e a modinha, além de outros tipos de vestimenta, como roupas em tecido plano, entre outros.

Assim, a capital cearense e algumas cidades da RMF são conhecidas em vários estados do Brasil e alguns países por sua intensa produção, tornando-se referência para lojistas, sacoleiras, empresas que terceirizam a produção e turistas.

Em Fortaleza, há uma quantidade significativa de centros comerciais de vestuário, fato que coloca a cidade como uma das mais procuradas pelos consumidores desse ramo. Fortaleza se torna um polo de venda de roupas para vários estados.

Há equipamentos como o Maraponga Mart Moda, o Ceará Moda Shopping e a Monsenhor Tabosa, conhecidos como centros de venda para vários lojistas. A Feira da Sé e o Centro de Pequenos Negócios (antigo Beco da Poeira) são frequentados por diversas sacoleiras e feirantes de diversos estados nordestinos e de outros estados do país.

Existe uma produção de confecções significativa em Fortaleza e um comércio visível de confeccionados na capital cearense. Tal fato proporciona oferta de trabalho na produção e no comércio de confecção, sendo um importante ramo para a sobrevivência e a renda de diversas famílias da cidade.

## 5- FORTALEZA COMO PRODUTORA E DISTRIBUIDORA DE CONFECÇÕES NO NORDESTE

---

No centro de Fortaleza estão localizados o Beco da Poeira e a Feira da Sé, caracterizados pelo comércio de rua, ambulantes e camelôs, que exemplificam uma das características do circuito inferior.

A cidade tem outras concentrações de comércio de confecções espalhadas pelo seu tecido urbano, como o Maraponga Mart Moda, o Ceará Moda Shopping, a Avenida Monsenhor Tabosa e muitas lojas de fábricas em avenidas importantes da cidade como João Pessoa, Godofredo Marciel e Monsenhor Tabosa.

Tais *shoppings* e lojas de fábricas espalhados pela cidade representam uma face do circuito superior da economia urbana, pois, diferentemente do comércio do Beco da Poeira e da Feira da Sé, esse comércio é praticado em locais onde é exigido o registro para funcionamento da Secretaria da Fazenda do Estado e de órgãos da Prefeitura de Fortaleza, responsáveis por essas regularizações. Além disso, no comércio formal há grande aporte de capital, uma das características essenciais do circuito superior (SANTOS, 2008).

Dentro da teorização dos circuitos superior e inferior da economia urbana, pode-se demonstrar a complexa estrutura e dinâmica da produção e (re)produção do espaço urbano ligado à economia pobre e rica da cidade.

O comércio de confecção movimenta desde a pequena unidade produtiva domiciliar até a grande fábrica, sendo o fluxo de produtos voltado, principalmente, para o centro da cidade, que funciona como um nó para a circulação de confecção no Nordeste, no Brasil e em outros países.

Neste capítulo, a pesquisa faz uma reflexão sobre o comércio de confecção no circuito inferior e no superior da economia, na construção do espaço urbano de Fortaleza, fruto da condição que a cidade tem como produtora de confeccionados.

## 5.1 o Beco da Poeira e a Feira da Sé como forma e função do circuito inferior da economia

O bairro que corresponde ao Centro de Fortaleza foi o núcleo primitivo da cidade. Esse bairro possui uma complexa relação para o entendimento das modificações ocorridas no espaço urbano da capital cearense.

A princípio, “Fortaleza não passava de acanhado núcleo e suas edificações (poucas e pobres) se localizavam junto ao riacho Pajeú” (SILVA, 1992, p. 22-23). Até o século XVIII, a cidade “[...] era uma pequena e acanhada vila sem nenhuma expressão econômica, tendo apenas o papel de capital administrativa” (COSTA, 2009, p. 141).

No século XIX, a área até então ocupada era o centro, que correspondia à própria cidade. Silva (1992) analisa a formação do espaço urbano de Fortaleza fazendo uma reflexão da área ocupada da cidade no século XIX:

Em 1875, segundo planta de Adolfo Herbster, Fortaleza se expandiu em termos de espaço efetivamente ocupado, até as atuais avenidas do Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel. Essas vias introduzidas por Herbster tornaram-se as principais da área central (SILVA, 1992, p. 25).

Diante dessa condição, a capital cearense se limitava ao bairro Centro, que se tornou, no século XIX, o principal núcleo da elite da cidade, com uma infraestrutura consolidada e um significativo aporte de serviços e equipamentos.

Nos séculos XIX e XX, Fortaleza aumenta seu raio de importância comercial e passa a concentrar um expressivo comércio em sua área central. Além da concentração comercial e de serviços no Centro, a cidade passa, nos anos 1970, por um processo de polinucleação, o que a torna policêntrica. Dantas (2009) afirma:

No caso de Fortaleza, tal processo terá início após os anos 1970, com a consolidação de uma infraestrutura de comércio e serviços nos bairros chamados nobres, principalmente através da construção de centros de compra acessíveis aos possuidores de carro (os shoppings são a expressão maior desse centro) (DANTAS, 2009, p. 215-216).

Nesse momento, o Centro, voltado para a moradia da elite, passa a ser ocupado mais intensamente por outros atores que vinham de diversas áreas da cidade na busca de consumo. Segundo Silva (1992):

A busca de novos espaços pela burguesia que residia nas imediações da área central implicou em alterações marcantes na cidade e na supervalorização de alguns bairros, como Aldeota, Meireles, Praia de Iracema, Papicu, Bairro de Fátima e outros (SILVA, 1992, p. 50).

Esses bairros, junto com outros como Montese, Parangaba e Messejana, passam a se configurar como subcentros, transformando Fortaleza em uma cidade policêntrica. A elite passa a morar e a consumir em outras áreas da cidade, como Aldeota, e o Centro, antes local da elite, passa a ser “o centro da periferia” (SILVA, 1992, p. 46), com uma concentração de comércio voltado para a população de baixo rendimento da periferia distante de Fortaleza, comércio esse constituído preponderantemente pelo Beco da Poeira (Centro de Pequenos Negócios) e pela Feira da Sé, os quais se tornaram forma e função do circuito inferior da economia urbana na venda de confecções produzidas em Fortaleza.

Um dos fatos que favoreceram o Centro a se tornar um bairro importante para a compra de confecções para a população pobre de Fortaleza e RMF foi a disponibilização de linhas de ônibus para transportar essa população ao bairro.

Silva (2013) ressalta a grande quantidade de linhas interurbanas que terminam ou passam pelo centro e as linhas metropolitanas (15) que chegam de diversas cidades da RMF como: Cascaval, Pindoretama, Aquiraz, Eusébio, Chorozinho, Pacajus, Horizonte, Itaitinga, sendo responsável pelo transporte a Viação São Benedito, Caucaia (Vitória), São Gonçalo, Guaiúba, Pacatuba (Fretcar), Maranguape (Penha, São Paulo), Maracanaú (Via Metrô).

Diante da disponibilidade de transporte para vários locais de Fortaleza e da RMF, o centro é evidenciado como um espaço importante para a compra de vestuário no circuito inferior da economia urbana, representado, preponderantemente, pelo comércio de jeans e modinha.

Esse comércio é praticado sobretudo em dois locais, na área central, o Beco da Poeira (Centro de Pequenos Negócios) e a Feira da Sé, importantes pontos para a dinamização desse bairro em nível municipal, metropolitano, estadual, regional, nacional, e influentes em alguns países da América do Sul, como Guiana Francesa, e africanos, como Cabo Verde.

### 5.1.1 *Beco da Poeira: Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza*

O Beco da Poeira é um dos principais símbolos do comércio de confecções de Fortaleza, local onde se concentram camelôs de diversas partes de Fortaleza e da Região Metropolitana.

Esse equipamento, ligado ao circuito inferior da economia urbana, foi estudado por diversos autores na perspectiva do comércio informal do centro de Fortaleza. Dantas (1995) fez uma relação do estado e do comércio informal na área central da cidade, buscando o entendimento do uso do espaço público de uma forma privada, por uma população de baixo poder aquisitivo em busca do acesso ao consumo. O autor pondera:

Daí a importância do comércio ambulante no fornecimento de produtos às classes de menor poder aquisitivo, que não podem consumir no comércio estabelecido dado os preços altos, bem como o da inserção dos que trabalham no comércio ambulante na sociedade de consumo (DANTAS 1995, p. 29).

O circuito inferior, representado, no caso, pelo comércio de confecção de rua, passa a ser objeto de busca de regularização pelo poder público. O Beco da Poeira foi estabelecido entre a Praça da Lagoinha e a Praça José de Alencar no final da década de 1980, na gestão da prefeita Maria Luíza Fontenele (PT), na tentativa de regularização da atividade comercial no centro de Fortaleza. Silva (2013) ressalta a tentativa da gestão municipal de buscar regularizar e valorizar o centro, quando afirma: “Em 1987, a então prefeita, Maria Luíza Fontenele, pondo em prática um programa de reforma do Centro, a operação ‘Reconquistando o Coração da Cidade’, retira as paradas de ônibus e os ambulantes da praça” (SILVA, 2013, p. 98). Assim consolida-se o chamado Beco da Poeira, o qual passa a ser um dos principais centros de comércio de confecções de Fortaleza.

Silva (2013) ressalta que há mais de 19 anos que esteve naquele local, entre a Praça da Lagoinha e a Praça José de Alencar, “O Beco” se tornou o espaço de fluxo de mercadoria das pequenas confecções para o comércio, possibilitando a circulação de mercadorias para diversas partes de Fortaleza, da RMF, do Ceará, do Nordeste e do Brasil.

No ano de 2009, dentro dos projetos de modernização da mobilidade urbana do governo do estado do Ceará, o local do Beco da Poeira passa a ser um ponto para a estação central do Metrô de Fortaleza. Passa a existir, então, uma “negociação” entre poder público e

permissionários (Aprovace)<sup>56</sup> pela transferência do Beco da Poeira para outro local.

No ano de 2010, com as intensificações das obras do Metrô para a Copa 2014, o “Beco” foi retirado daquele local, transferindo-se para a antiga fábrica têxtil Tomaz Pompeu, na Avenida do Imperador. Toda essa mudança foi noticiada na imprensa local.

A obra de reforma da antiga fábrica têxtil Tomaz Pompeu foi iniciada no dia 7 de julho de 2009 em um valor estipulado de 4.029.300,53 milhões, sendo a licitação ganha pela construtora Beta, segundo a Prefeitura de Fortaleza.

A retirada dos comerciantes do Beco da Poeira começou a ser feita no dia 11 de abril de 2010. Foi montada uma estrutura de policiamento com cerca de 200 homens do 5º e 6º Batalhão da Polícia Militar, da Cavalaria, do Pelotão de Motos e da Guarda Municipal (O Povo, 11 de abril de 2010).

Os permissionários fizeram protestos no prédio ao lado, o “esqueleto”, edificação que em um primeiro momento iria ser abrigar Beco”, mas que teve suas obras interrompidas, só sendo edificada a estrutura. A figuras 17 mostra o antigo Beco e o Novo Beco da Poeira (Centro de Pequenos Negócios).



**Figura 17**-A esquerda Antigo Beco da Poeira e a direita Atual Beco da Poeira.

**Fonte:** Metrowiki, 2009.

O Beco da Poeira tem significativa importância para as pequenas unidades produtivas de confecções, pois elas sincronizam sua produção e comercialização dentro do circuito inferior da economia urbana. O equipamento conta com 2.050 boxes (SILVA, 2013) e tem como

<sup>56</sup> Associação dos Permissionários e Vendedores Ambulantes do Estado do Ceará.

principais mercadorias a confecção representada pelo jeans e pela modinha. A relação de coincidência entre produção e comércio se faz notar quando Silva (2013) ressalta:

O Beco da Poeira tornou-se importante tanto para a economia da cidade como para aqueles que desde a década de oitenta trabalham no local. Os trabalhadores do Beco provêm principalmente das regiões oeste e sul de Fortaleza, as quais concentram o maior percentual de pobres da capital (SILVA, 2013, p. 99).

A produção de confecções fica concentrada no oeste e no sul do município de Fortaleza, áreas ocupadas por um setor da população de baixo poder aquisitivo, principalmente imigrantes do interior que passaram a residir em localidades distantes, com pouca infraestrutura, locados muitas vezes em conjuntos habitacionais do BNH<sup>57</sup> na década de 1980 (SILVA, 1992). Essa atividade está caracterizada como uma estratégia de sobrevivência e (re)produção no circuito inferior da economia.

Assim, o Centro de Fortaleza se consolida como um núcleo do comércio do circuito inferior, gestado na produção de confecções em domicílio, ou seja, na casa de muitos comerciantes do setor informal no centro da cidade.

Muitos comerciantes do Beco da Poeira também comercializam na Feira da Sé, que nos últimos anos se firma como um local importante para a venda de confecções em Fortaleza.

#### 5.1.2 – *Feira da Sé: a ocupação da rua pelo comércio de confecções*

Outro importante símbolo do comércio de confecções em Fortaleza é a Feira da Sé, comércio de confecção feito nas madrugadas do domingo e da quinta-feira. É um mercado de confecção que se espalha por diversas ruas do centro, tendo como eixo principal a rua José Avelino.

O surgimento da Feira da Sé está relacionado a uma feira de artesanato naquele local, que foi ganhando proporções a cada dia até se tornar um grande mercado de rua do comércio de confecção. Dantas (1995) ressalta que o comércio ambulante é um exemplo de atividade que ocupa logradouros públicos, visando à reprodução de tal atividade. Silva (2013) destaca aspectos do surgimento e características encontradas na Feira da Sé:

---

<sup>57</sup> Banco Nacional de Habitação.

De início, a Feira se organizou apropriando-se de um espaço de lazer e circulação, a Praça Pedro II, aglomerando centenas de vendedores ambulantes que trabalham principalmente a venda de confecção. Os comerciantes utilizavam as mais diversas estratégias para negociar suas mercadorias, expondo seus produtos de forma improvisada, sobre lonas no chão ou em porta-malas de carros (SILVA, 2013, p. 103).

A Feira da Sé se expandiu para diversas ruas para além da Praça Pedro II, ocupando vias do centro da cidade. Silva (2013) faz uma análise da repercussão desse comércio no centro. Tal é a importância desse comércio que antigos casarões outrora utilizados como armazéns de produtos que vinham do interior abrigam, hoje, centenas de boxes e dezenas de pequenos *shoppings* populares, vendendo confecções.

Há uma (re)funcionalização do espaço da área central para a venda de confecções. Mascarenhas (2009) analisa a representação das feiras cariocas e ressalta a importância delas na reedição de usos dos espaços públicos:

Os feirantes, camelôs e ambulantes, que em pleno século XXI se utilizam da rua para fins laborais, estão de alguma maneira reeditando práticas espaciais há muito vigentes na urbanização brasileira: o uso improvisado dos espaços públicos para expedientes precários de sobrevivência, notadamente o pequeno comércio varejista (MASCARENHAS, 2009, p. 161).

Embora a sociedade e a produção do espaço estejam dentro de uma dinâmica do século XXI, marcada pelo meio técnico-científico-informacional, condições antigas da urbanização brasileira estão presentes na dinâmica da cidade contemporânea representada pelas feiras.

Nas madrugadas de domingo para segunda e de quinta para sexta-feira, a área que corresponde à rua José Avelino e outras ruas próximas ficam ocupadas pelo comércio de confecções.

A Feira ocupa espaços públicos para o comércio de confecções “reeditando práticas espaciais” (MASCARENHAS, 2009, p. 161), sendo o centro usado pela Feira, modalidade de comércio antiga no processo de urbanização, que incorpora novas significâncias na dinâmica da cidade, estando preponderantemente, ainda, relacionada à busca pela sobrevivência.

A Feira da Sé é responsável por um grande contingente de sacoleiros que vêm para Fortaleza em busca de roupas com preço acessível para revenda, além de ser um dos principais locais de comércio de confecções produzidas nas pequenas facções espalhadas pela cidade. Há uma relação da produção e venda de confecções no circuito inferior da economia em Fortaleza.

Muitas facções recebem encomendas para produção para a Feira da Sé, outras têm a facção para fabricar direto para a Feira. Muitas famílias produzem a roupa e a vendem na Feira da Sé.

As mulheres geralmente ficam na confecção, os companheiros são responsáveis pelo transporte da mercadoria até o local de comércio e os filhos e outros familiares vendem no comércio de confecções da madrugada. Um das características do circuito inferior, segundo Santos (2008), é a grande quantidade de empresas familiares autônomas com um capital reduzido em busca de dinheiro líquido.

As confecções e as facções de Fortaleza se relacionam tanto com grandes marcas – quando elas encomendam a montagem da peça para essas unidades produtivas, evidenciando uma relação entre o circuito superior e o circuito inferior – como também parcial ou totalmente com a produção da Feira da Sé, ressaltando uma das características das confecções-facções que é a total inserção no circuito inferior. A figura 18 mostra a movimentação na rua José Avelino em um dia de Feira.



**Figura 18** - Feira da Sé – concentração na rua José Avelino.

**Fonte:** Metrowiki, 2009.

A quantidade de vendedores e compradores faz dessa feira uma das mais importantes do Brasil na venda de confecções. Silva (2013) faz uma investigação da origem dos compradores

e revela um fluxo intenso vindo dos estados Pará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, São Paulo, Paraíba e Pernambuco, além de sacoleiras vindas do interior do Ceará.

Esses comerciantes chegam ao centro de Fortaleza e a outros locais de compra de confeccionados através de ônibus, vans, na qual lojistas e sacoleiras de uma mesma cidade, ou de um mesmo bairro se reúnem para viagens periódicas ao comércio de confeccionado em Fortaleza.

O comércio de confecção não se resume à área central. Muitos comerciantes que vêm para a Feira da Sé e para o Beco da Poeira, quando terminam suas compras no centro, procuram os corretores de confecções<sup>58</sup>, que os levam para *shoppings*, centros de comércio ou lojas de fábricas para complementar suas compras.

Nesses outros pontos são disponibilizadas peças mais bem acabadas, com um preço mais elevado, mas que nem por isso deixam de ser procuradas pelos compradores, pois eles levam para suas cidades uma diversidade de roupas, desde as da Feira e as do Beco, até as roupas chamadas de “marca”.

As “roupas de marca”<sup>59</sup> estão disponibilizadas em vários locais de Fortaleza, sendo os mais conhecidos o Maraponga Mart Moda, o Ceará Moda Shopping, o Shopping Fortaleza Sul e a Avenida Monsenhor Tabosa, essa última um caso à parte na venda de confeccionados e acessórios.

## **5.2 Maraponga Mart Moda, Ceará Fashion, Shopping Fortaleza Sul e Avenida Monsenhor Tabosa como forma e função da circulação no circuito superior da economia**

### *5.2.1 Maraponga Mart Moda:*

O Maraponga Mart Moda é um *shopping* de moda voltado para a venda em atacado. Esse equipamento foi fundado no ano de 1990 e se tornou o maior na venda de vestuário e atacado do Norte e Nordeste, com uma disponibilidade de mais de 300 tipos de marcas de vestuário: jeans, modinha, *surf wear*, moda íntima, praia, entre outras.

---

<sup>58</sup> Indivíduos que fazem a intermediação de loja de fábrica e *shopping* com compradores de outras cidades para visitar alguns centros de comércio de confecções e lojas de fábricas de Fortaleza. Esses trabalhadores ficam perto da Feira da Sé ou do Beco da Poeira esperando o cliente fazer as compras para depois levá-los a esses centros comerciais, para a compra de outros tipos de roupa, chamada de “marca”. Segundo as entrevistas feitas nas imediações da Feira da Sé, essa forma de trabalho começou a ser praticada nos anos 1990 e hoje esses corretores são os principais articuladores da venda em atacado dos centros de venda de confecções ou lojas de fábricas de Fortaleza com compradores de outras partes do Nordeste e do Brasil. Os agentes de confecção tem como remuneração a comissão por roupas vendidas.

<sup>59</sup> Os vendedores chamam de roupa de marca peças de vestuário de marcas famosas para justificar os preços mais elevados de roupas de maior qualidade.

Grande quantidade dessas marcas tem sua fábrica em Fortaleza e na RMF, o que revela uma articulação de produção e venda de confecções dentro da dinâmica metropolitana.

O equipamento de venda mostra a relação que as unidades produtivas de confecções travam com o circuito superior da economia. Santos (2008) afirma que embora os dois circuitos da economia urbana sejam diversos, eles não são excludentes, havendo uma intensa relação dialética entre esses dois subsistemas, que constituem portanto, o sistema da economia urbana. Para o autor, o circuito inferior depende do circuito superior para existir.

O entrelaçamento dos circuitos da economia urbana e a significância que o circuito inferior tem para as cidades dos países de capitalismo tardio é preponderante para o entendimento das relações espaciais e econômicas nas quais estão assentadas as cidades de tais países.

A presença do Maraponga Mart Moda em Fortaleza é uma das certificações da pujança que a indústria de confecção tem na capital cearense. A maioria das marcas vendidas nesse *shopping* tem seus setores produtivos dentro do município de Fortaleza ou em outras cidades da Região Metropolitana.

Em capítulos anteriores, mapas mostram a localização de uma grande quantidade de confecções e de fábricas na cidade de Fortaleza, evidenciando a condição da cidade como centro produtivo, onde a indústria permanece na cidade e na metrópole, embora muitas vezes com diferenças significativas do modelo fordista, devido às condições da acumulação flexível, resultado da reestruturação produtiva, porém com uma importância na produção dos espaços da cidade e na condição de produção e (re)produção de trabalhadores que se ligam ao setor produtivo.

O *shopping* Maraponga Mart Moda disponibiliza uma série de serviços como caixas eletrônicas, Correios, restaurantes, entre outros, além de ofertar hospedagem interna no *shopping*. O equipamento tem uma agência que intermedeia, através dos corretores de confecção ou corretores de moda, a hospedagem de seus clientes que vêm de locais distantes de Fortaleza. A diária é de 50 reais para um cliente que não tenha comprado acima de 10 mil reais. Com uma compra de 10 mil reais, o cliente tem acesso à hospedagem, que fica dentro do shopping. A Figura 19 mostra o local de hospedagem no Maraponga Mart Moda.



**Figura 19** - Setor hoteleiro do shopping Maraponga Mart Moda.  
**Fonte:** Santos (2013)

Em trabalho de campo realizado no dia 10 de dezembro de 2013, período do ano no qual é registrada a maior movimentação de compradores na Feira da Sé, no Beco da Poeira e no Maraponga Mart Moda, percebeu-se a grande quantidade de clientes hospedados. O hotel tem 3 blocos de apartamentos que totalizam aproximadamente 100 quartos para hospedagem, com capacidade para até 3 pessoas, oferecendo café da manhã e ambiente climatizado com a ar-condicionado.

O *shopping* Maraponga Mart Moda é um equipamento de referência em Fortaleza na venda de confecções, com representação através de lojas do fornecimento de roupas para diversos compradores do Ceará, Nordeste e Norte do País.

A compra é feita com base numa significativa quantidade de peças. Os clientes andam pelas dependências do *shopping* com carrinhos, juntando diversos tipos de roupas compradas nas variadas lojas de confecções do estabelecimento.

Existem outros *shoppings* que reforçam a preponderância de Fortaleza como polo de confecções no Nordeste brasileiro: O Ceará Moda Shopping e o Shopping Fortaleza Sul, concorrentes que complementam a oferta de vestuário no comércio da capital cearense, localizados em um subcentro da capital, o Bairro Montese.

### 5.2.2 O Ceará Moda Shopping e o Fortaleza Sul na dinâmica da venda de confecções em Fortaleza

Os *shoppings* Ceará Moda Shopping e Fortaleza Sul são equipamentos que também representam a forma e função do circuito superior na venda de confecções. Tais centros de comércio têm na sua forma padrões de equipamentos que mostram investimentos de capital significativo para suas estruturas, sendo reconhecidos pelo estado.

Dentro de suas dependências estão instalados praça de alimentação, com algumas redes nacionais de alimentos, caixas de agências bancárias e outros serviços. Esses equipamentos abrigam uma série de marcas com produção feita em Fortaleza, dinamizando um comércio de confecção significativo para a venda de vestuário na capital cearense. Muitos compradores de confecção circulam por diversos *shoppings* procurando condições de preços e complementação dos tipos de vestuário.

Em Fortaleza, a diversidade de centros comerciais para a compra de confeccionados e a variedade de tipos de peças – feminina, masculina, tamanhos especiais – faz da cidade um polo para o circuito de vendas de muitas cidades do Brasil. A figuras 20 mostra a fachadas desses dois empreendimentos característicos do circuito superior do urbano.



**Figura 20** - A esquerda fachada do Ceará Moda Shopping e a direita fachada do Shopping Fortaleza Sul.

**Fonte:** Santos, 2013.

Tais equipamentos têm uso intensivo de capital que, para Santos (2008), é uma característica do circuito superior da economia urbana. A grande quantidade de marcas aqui encontradas, como também no Maraponga Mart Moda, possibilita vislumbrar a importância do setor de confecções para a economia de Fortaleza.

Além do Beco da Poeira, da Feira da Sé (circuito inferior), do Maraponga Mart Moda, do Ceará Moda Shopping e do Shopping Fortaleza Sul (circuito superior), Fortaleza tem uma avenida, perto do Centro da cidade, porém articulada com bairros da área leste como Praia de Iracema, Meireles, Aldeota, voltada para a venda de confeccionados, roupas para um público que procura roupas com maior preço e de grife, a Monsenhor Tabosa. A avenida tem uma concentração de venda de roupas de luxo em Fortaleza e também uma concentração de unidades de produção de confecções.

### 5.2.3 A Monsenhor Tabosa

A Avenida Monsenhor Tabosa concentra produção e comércio de confecção em Fortaleza. Nessa avenida estão importantes unidades produtivas de vestuário. Esse ponto de venda de roupas é conhecido por lojas e boutiques de luxo voltadas para a elite de Fortaleza e para turistas. Os vestuários da Monsenhor Tabosa, embora com preços elevados, têm características da produção na pequena unidade produtiva, voltada para lojas em Fortaleza.

Há uma diversidade de lojas nesse corredor de moda. O comércio de confecção na Avenida Monsenhor Tabosa diverge do comércio dos outros locais de produção e do comércio de vestuário na capital cearense, pois ele tem como especificidade a venda para a classe de maior poder aquisitivo.

A diversidade de pontos de vendas de confecções em Fortaleza, ligada ao tipo de roupa e às formas de comercialização – que vão desde o comércio ambulante da Feira da Sé, do Beco da Poeira, dos *shoppings* Ceará Moda Fashion, Fortaleza Sul, Maraponga Mart Moda até o comércio na Avenida Monsenhor Tabosa – faz da capital cearense um polo expressivo de produção e venda de confecções para o Norte e Nordeste.

Não há isolamento desses pontos de comércio e produção. A ligação dos dois circuitos da economia urbana, superior e inferior, se faz na produção e no comércio de vestuário, resultando em uma articulação importante para a dinâmica da economia urbana local.

Na Monsenhor Tabosa é representativa a presença do comércio de confecção ligado ao circuito superior. Esse corredor de moda em Fortaleza está voltado para o turismo e para um público de alto poder aquisitivo.

Além das lojas, verifica-se a presença de bancos, galerias, pequenos *shoppings*, constituindo um espaço que disponibiliza um série de serviços para seus clientes. A figura 21 mostra a articulação entre esses serviços e o comércio local.



**Figura 21** - A esquerda boutiques e bancos na Monsenhor Tabosa e a direita Shoppings de vestuários na Monsenhor  
**Fonte:** Santos , 2014.

A presença de equipamentos de serviços na Monsenhor Tabosa mostra a importância que o comércio e a produção de confecções tem para o corredor de moda na cidade. Não há apenas a venda de confecções; muitas indústrias de confecções estão instaladas nessa avenida, ou atrás das lojas. A figura 22 mostra uma costureira em uma fábrica nessa Avenida, além de cartazes em que se procuram costureiras espalhados por toda a cidade.



**Figura 22** - Fábrica de costura na Avenida Monsenhor Tabosa.  
**Fonte:** Santos , 2014.

Nessa avenida, existe uma predominância de lojas com roupas de preços altos, mas também encontram-se lojas com mercadorias de preços populares, semelhantes aos praticados na Feira da Sé, o que revela uma articulação entre os diferentes comércios de confecções na

cidade de Fortaleza. Como nos outros locais de comércio de Fortaleza, nessa avenida a produção vem de vários bairros da Capital e da RMF.

A Monsenhor Tabosa está passando por uma reforma na rua em um projeto voltado para o turismo. A Prefeitura de Fortaleza, junto com o governo federal, está modificando o calçamento, as calçadas, a arborização e os locais públicos de lazer nesse corredor de moda de Fortaleza. A figura 23 mostra a placa de estruturação do projeto Nova Monsenhor Tabosa, dentro de um projeto maior chamado Corredores do Turismo.



**Figura23**-Placa de execução de obras do projeto Nova Monsenhor Tabosa, dentro do projeto Corredores do Turismo.

**Fonte:** Santos (2014)

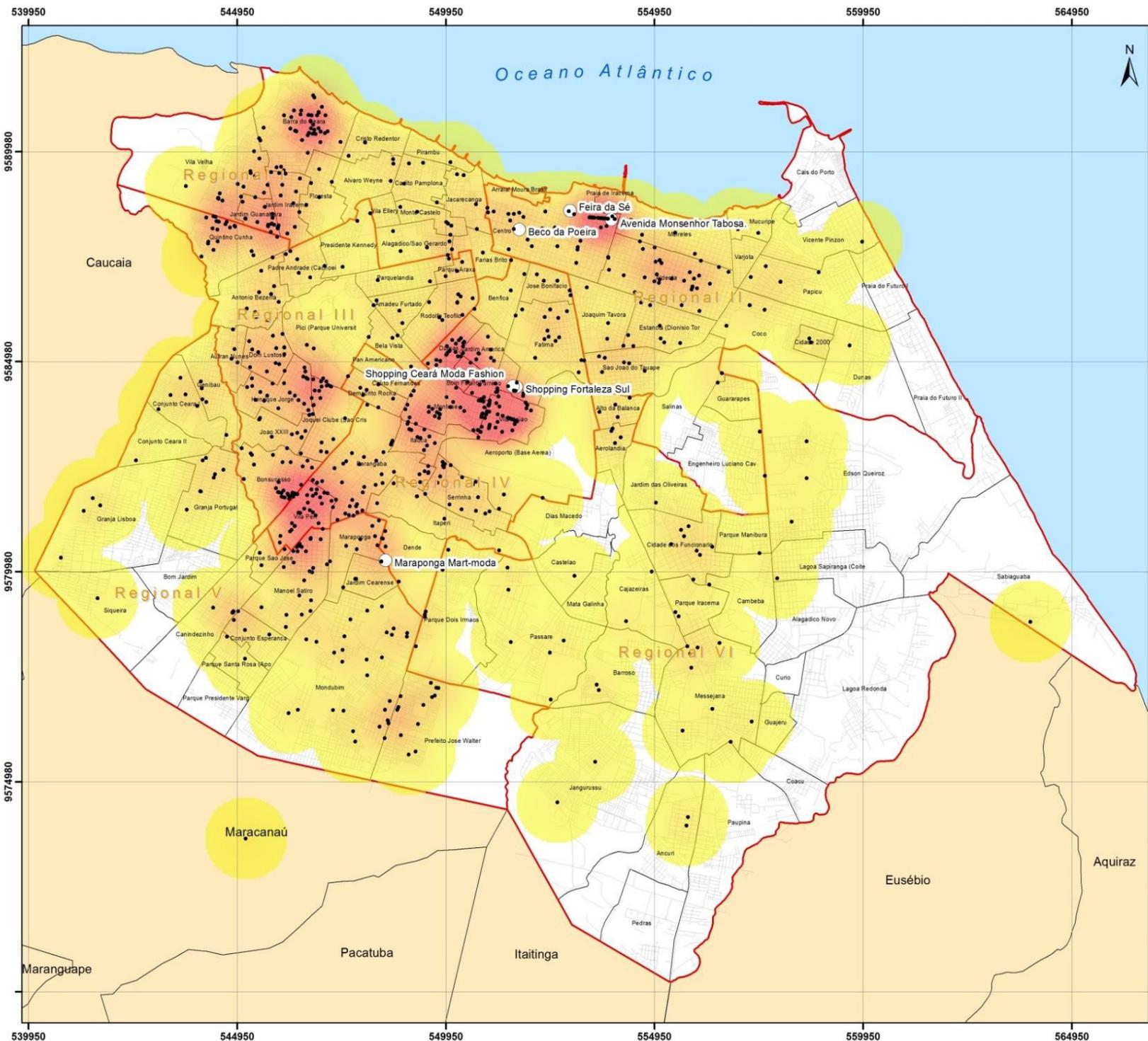
Por essas obras, percebe-se que as indústrias de confecções, muitas delas dentro do circuito inferior da economia, estabelecem uma dinâmica que faz com sua importância atravesse o simples chão da fábrica e articule comércio e investimentos do estado em locais reconhecidos como potenciais para outras vocações da cidade, como o turismo.

Os dois circuitos estão imbricados um no outro. Retoma-se aqui a afirmação de Santos (2008) de que eles são complementares e não duais, são concorrentes, mas ao mesmo tempo são interdependentes, e constroem um complexo no espaço urbano.

A existência de vários centros comerciais em Fortaleza, tanto dentro do circuito inferior como (Beco da Poeira e Feira da Sé), como os equipamentos ligados ao circuito superior como *shoppings*: Maraponga Mart Moda, Shopping Fortaleza Sul, Ceará Moda Fashion representam o intercruzamento entre produção nas confecções e o entrançamentos

dos circuitos tanto na produção como no comércio. O Mapa 4 evidencia a localização dos principais centros comerciais de confeccionados em Fortaleza e a localização das indústrias de confecções.

Mapa 4-Mapa de localização da indústria de confecção e centros comerciais em Fortaleza - CE.



Universidade Federal do Ceará  
 Centro de Ciências  
 Departamento de Geografia  
 Programa de Pós Graduação em Geografia-Mestrado  
 A Dinâmica sócio espacial da Indústria  
 de Confecção em Fortaleza-Ceará.

Orientador: Prof. Dr. José Borzaccihello da Silva.

Mestrando: Marlon Cavalcante Santos

Mapa de localização da indústria de confecção e  
 centros comerciais em Fortaleza - CE

**Legenda**

- Confeções
- Centros comerciais
- Eixos de ruas
- ▭ Regionais Fortaleza
- ▭ Bairros de Fortaleza
- ▭ Municípios Limitrofes

**Concentração de indústrias de confecção**



Autores: Prof. Dr. José Borzaccihello e Marlon Santos



**OBSERVATÓRIO  
 DAS METRÓPOLES**

Fonte: Anuário Estatístico FIEC 2013

Sistema de coordenadas: WGS 1984 UTM Zone 24S  
 Projeção: Transverso de Mercator  
 Datum: WGS 1984  
 Falso Leste: 500.000,0000  
 Falso Norte: 10.000.000,0000  
 Meridiano Central: -39,0000  
 fator de Escala: 0,9996  
 Latitude de Origem: 0,0000  
 Unidade: Metros  
 Elaboração Técnica: Narcélio de Sá

Como evidenciado no Mapa 4 existem confecções por todo o município de Fortaleza, e além disso pontos de comércio de confeccionados espalhados pelo município. Geralmente esses locais comerciais estão próximos zonas de concentração das indústrias de confecção. O Shopping Maraponga Mart Moda está próximo a zona de concentração da Maraponga, Vila Peri e Parangaba.

O Ceará Moda Fashion e o Shopping Fortaleza Sul estão localizados na avenida Luciano Carneiro próximos aos bairros do Montese, Jardim América, Bom Futuro, Parreão e Damas locais onde existe grande concentração de confecções e facções.

O Beco da Poeira e a Feira da Sé se localizam no centro, bairro se consolida como centro comercial de confeccionados em Fortaleza, drenando a produção feira em Fortaleza e RMF. Também outro local de concentração de comércio de confecção, mas esse estando voltado para produtos mais caros é a Monsenhor Tabosa, na qual concentra um significativo número de indústrias de confecções e de lojas voltadas para vestuários e acessórios, como bolsas, cintos, entre outros artigos.

Evidencia-se uma inter-relação entre os dois circuitos da economia urbana em Fortaleza. A produção, na maioria, dos casos é feita no circuito inferior, mas sendo vendida tanto no inferior como no circuito superior. SANTOS (2008) os circuitos não são duais, são complementares e interagidos constitui o sistema urbano, formando-se um espaço complexo e dinâmica

### 5.3 Relações dos dois circuitos na circulação de confeccionados em Fortaleza

Como evidenciado por Santos (2008) os dois circuitos não se excluem, mas se complementam para a produção do espaço econômico e social, principalmente nas cidades de países de capitalismo tardio.

A produção de confecções em Fortaleza, como foi mostrado, tem como característica significativa a heterogeneidade nos processos produtivos e de circulação e venda. O complexo industrial e de venda de vestuário na capital cearense é reconhecido pela sua dinâmica e diversidade dentro do espaço urbano.

As unidades produtivas confeccionistas confecção e facção produzem tanto para o Beco da Poeira e para a Feira da Sé como também para outros locais de venda de confecções ligados ao circuito superior como *shoppings* e ruas voltadas para o comércio de vestuário de luxo.

O entrelaçamento entre Feira, Beco, *Shoppings* se faz pela produção e pelo comércio. Muitas vezes o mesmo cliente que vai comprar na Feira da Sé e no Beco da Poeira vai também para os *shoppings* Ceará Moda Shopping, Fortaleza Sul e Maraponga Mart Moda, como foi visto.

O Beco da Poeira e a Feira da Sé são formas do circuito inferior da economia urbana. Mesmo que a Feira seja um comércio intermitente, ela forma territórios, tendo formas no espaço urbano da área central. O território pode ser móvel, apropriado em uma relação de poder não necessariamente sendo fixo constituindo-se como uma forma, mesmo que seja intermitente (SOUZA, 2007).

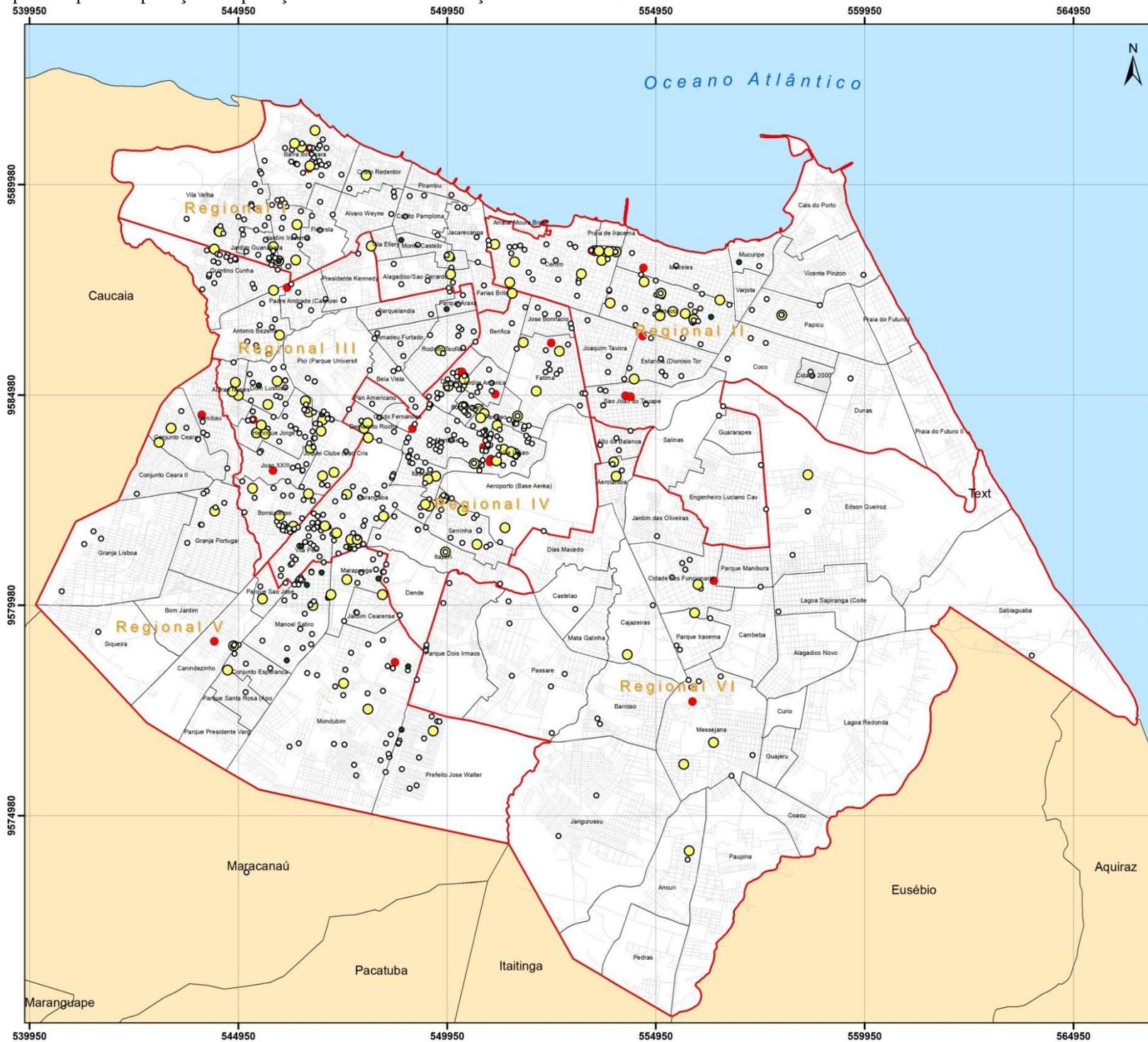
Os *shoppings* e a Avenida Monsenhor Tabosa são a configuração da forma do circuito superior para a venda de confecções, instalados em locais bem estruturados e com intensivos investimentos em capital.

As funções das formas dos circuitos se dão como pontos para onde parte da produção de confecções escoar para o mercado, pois muito dessa produção é enviada para o mercado internacional.

O Mapa 5 mostra a diversidade de exportação e importação de mercadorias. A exportação se estrutura pela compra de diversas fábricas de insumos feitos por processos químicos usados para a fabricação do vestuário, vindos esses insumos principalmente da China, pois esse país produz preponderantemente mercadorias polimerizadas para a produção de vestuário.

Segundo o Censo das Confeccões (2008), a exportação das indústrias de confeccões de Fortaleza tem como destino vários países na América Latina (Argentina, Bolívia, Guiana Francesa, Suriname, Paraguai), Caribe, Europa (Bélgica, Espanha, França, Grécia, Inglaterra, Noruega, Suíça) e Estados Unidos, estando essa produção articulada com a produção para grandes marcas.

Mapa 5-Mapa de importação e exportação da indústria de confecção em Fortaleza-CE.



Universidade Federal do Ceará  
 Centro de Ciências  
 Departamento de Geografia  
 Programa de Pós Graduação em Geografia-Mestrado  
 A Dinâmica sócio espacial da Indústria  
 de Confecção em Fortaleza-Ceará.

Orientador: Prof. Dr. José Borzaccihello da Silva.

Mestrando: Marlon Cavalcante Santos

Mapa de importação e exportação  
 da indústria de confecção em Fortaleza - CE

**Legenda**

**Importação x Exportação**

- nenhum
- Exportação
- Importação
- Importação e Exportação

- Eixos de ruas
- ▭ Regionais Fortaleza
- ▭ Bairros de Fortaleza
- ▭ Municípios Limitrofes



Autores: Prof. Dr. José Borzaccihello e Marlon Santos



**OBSERVATÓRIO  
 DAS METRÓPOLES**

Fonte: Anuário Estatístico FIEC 2013

Sistema de coordenadas: WGS 1984 UTM Zone 24S  
 Projeção: Transverso de Mercator  
 Datum: WGS 1984  
 Falso Leste: 500.000,0000  
 Falso Norte: 10.000.000,0000  
 Meridiano Central: -39,0000  
 fator de Escala: 0,9996  
 Latitude de Origem: 0,0000  
 Unidade: Metros  
 Elaboração Técnica: Narcélio de Sa

Como mostrado no Mapa 5, existem confecções que apenas exportam (legenda verde) e outras que apenas importam (legenda amarela). As que exportam e importam (legenda vermelha) fazendo dois processos financeiros, além das que não fazem nenhuma transação internacional, ou seja que não exportam e nem importam (legenda branca). Assim tem-se a diversidade nas relações de compra de insumos e vendas de confeccionados nas indústrias de confecções de Fortaleza.

A diversidade das confecções pode ser detectada pelo número de funcionários, pelo tamanho das unidades, pelos tipos de mercadoria comercializada e pelo fluxo desses produtos no mercado. A indústria de confecção é um ramo no qual se verifica de forma evidente uma pluralidade, fator essencial para as estratégias de existência desse tipo de indústria de transformação.

Esse tipo de indústria gera eventos para Fortaleza no ramo da moda. Durante todo o ano realizam-se festivais de moda na capital cearense, articulando comércio, unidades produtivas, estado, universidades, na busca de projetar a cidade como polo de moda, chegando até a alçá-la como um dos polos mais importantes do país, depois de São Paulo e Rio de Janeiro.

As figuras 24 e 25 mostram a existência de propagandas de diversos eventos ligados à venda de confecções, que resultam na promoção do comércio de Fortaleza nesse ramo.



Figura 24-A esquerda cartaz Festival Ceará Summer e a direita Cartaz Festival da Moda de Fortaleza.

Fonte: Site Maraponga Mart Moda (2014)



Figura 25-A esquerda Festival Maraponga 400 e a direita Dragão Fashion Brasil.

Fonte: Site Maraponga Mart Moda e Pesquisa Direta (2014)

Quando tais eventos são lançados, espalham-se *outdoors* pelas ruas da cidade em uma articulação da mídia com a produção confeccionista, evidenciando uma relação característica do circuito superior, mas não apenas nesse, o circuito inferior busca, também, sua divulgação, sendo feita por páginas de redes sociais na tentativa de expansão das vendas de suas mercadorias para clientes de todas as partes do mundo, pois a Internet permite tal divulgação.

Esses festivais são realizados em períodos diversos do ano. O Ceará Summer Fashion é realizado em setembro, o Dragão Fashion Brasil em dezembro, o Maraponga 40° em janeiro e o Festival de Moda de Fortaleza em abril. Esse calendário, de acordo com os organizadores, pode mudar de um ano para o outro, não sendo totalmente fixo.

Tais eventos são constituídos por feiras de moda, desfiles, estandes de negócios, articulados com escolas de costuras e cursos superiores de Fortaleza que oferecem formação na área de moda.

Diante de todas essas características das indústrias de confecção em Fortaleza apresentadas, percebe-se a importância desse setor produtivo para as dinâmicas produtivas, de emprego e comercial, centradas no espaço urbano da cidade.

As relações e as dinâmicas dos circuitos da economia urbana é concretizada na produção, circulação e consumos de confecções em diversas escalas, desde a mundial com produções feitas em diversos países de capitalismo tardio, estando o consumo centrado, na maioria das vezes, em países desenvolvidos.

#### **5.4-Para Concluir**

Mostra-se diante do que foi tratado que os dois circuitos da economia urbana- o circuito superior e inferior são articulados para a produção do espaço urbano contemporâneo. Não se pode estudá-los isolados como duas, mas como articulado e concretizados no espaço urbano das grandes cidades, no caso especificado em Fortaleza Ceará.

Tal estudo possibilitou termos um referencial da dinâmica industrial-urbana da indústria de confecção em Fortaleza. Diante dessa evidência pode-se perceber uma extrapolação dessa dinâmica para outras cidades da Região Metropolitana, mostrando que esse tipo de indústria está em praticamente em todos os municípios RMF, na qual tem Fortaleza como centro distribuidor na maioria das vezes.

Além dos municípios da RMF, evidencia-se uma relação entre outras grandes cidades do Nordeste. A produção de confeccionados está em Fortaleza, Natal, Teresina, Piri-piri, Santa Cruz do Capiberibe, entre outras. Com tal fato, o Nordeste é um centro produtor e distribuidor

de confeccionados para o Brasil e o exterior. Assim é possível em outro momento discutir a dinâmica e as relações intra metropolitana da produção de confecções na RMF, como uma atividade importante na dinâmica e produção do espaço urbano da mesma.

Para além das discussões das dinâmicas intra município de Fortaleza e RMF, tal aporte teórico e empírico demonstra ser sugerido um estudo das relações travadas entre diversas metrópoles do Nordeste na produção de confecções, são complementares a Fortaleza? Produzem confeccionados para concorrer com o mercado cearense? Qual a dinâmica que o Nordeste vivencia nesse momento de industrialização flexibilizada e fragmentada?

Portanto procurou-se evidenciar a dinâmica da indústria de confecção em Fortaleza dentro da teoria dos circuitos da economia urbana, proposta por Santos nos anos 1970 e buscada ser estudada por diversos geógrafos ao longo dos anos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAVEST. **Associação Brasileira do Vestuário.** Disponível em: <<http://www.abraves.org.br>>. Acesso em 28 de maio de 2013.
- ABREU, A. R. P. **O Avesso da Moda: o trabalho a domicílio na indústria de confecção.** São Paulo, ed. Huncitec, 1986.
- ANDRADE, M. C. **Geografia Econômica do Nordeste.** 2º edição, ed. Atlas S.A. Abril, São Paulo, 1974.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 12.ed- São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora Estadual de Campinas, 2007.
- ARAGÃO, E. F. **A Trajetória da Indústria Têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem-1880-1950.** NUDOC-UFC, Fortaleza, 1989.
- ARAGÃO, E. F. **O Fiar e o Tecer: 120 anos da indústria têxtil no Ceará.** Sinditêxtil-FIEC, Fortaleza, 2002.
- ALENCAR, F. A. G. **Segredos Íntimos: a gestão nos assentamentos de reforma agrária.** Fortaleza: EUFC, 2000.
- ARANTES, O. Vainer, C. Maricato, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** Petrópolis, Rio de Janeiro, 2000.
- ARRIGHI, G. **O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo.** Rio de Janeiro; Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- ALMEIDA, A. N. SILVA, J. C. G. L. ANGELO, H. **Importância dos setores primário, secundário e terciário para o desenvolvimento sustentável.** V 9. n 1, p. 142-162. Revista Brasileira de Gestão e desenvolvimento Regional. Taubaté, 2013.
- AMORA, Z.B. Indústria e espaço no Ceará. In: SILVA, J.B. et al. (orgs). **Ceará: um novo olhar geográfico.** 2º ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- BENKO, G. **Economia, Espaço e Globalização na aurora do século XXI.** São Paulo: ed. HUNTEC, 1999.
- BRUMATTI, T. **O trabalho domiciliar feminino em Terra Roxa/PR.** In: VI Seminário do Trabalho, 2008, Marília. CD-ROM do VI Seminário do Trabalho, 2008.
- BNB. **Indústria de confecção no Nordeste: relatório síntese.** SUDENE, BNDE. p. 90. Fortaleza, 1978.
- CARDOSO, F.H. **Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil.** 2º ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

CACCIAMALI, M. C. **A composição do mercado informal de trabalho e o papel do mercado de trabalho na redução da pobreza.** São Paulo: Fipe, 2002. (Convênio Fipe, MTE, Tema 52).

CACCIAMALI, M. C. Princípios e direitos fundamentais no trabalho na América Latina. In: **São Paulo e Perspectiva**, Seade, São Paulo, v.16, n. 2, 2002.

CACCIAMALI, M. C. **Padrão de Acumulação e Processo de Informalidade na América Latina Contemporânea: Brasil e México.** n 1, v. 12, p. 1-48, São Paulo, 2001.

CACCIAMALI, M. C. Globalização e processo de informalidade. **Economia e Sociedade**, Campinas, Unicamp, n. 14, jun. 2000.

CACCIAMALI, M. C. **Setor informal urbano e formas de participação na produção.** São Paulo: Ed. IPE, 1983. (Série Ensaios Econômicos, n. 26).

CARLHEAL, L. LAVINA, L. NABUCO, M. **Reestruturação do Espaço Urbano e Regional no Brasil.** São Paulo. HUNTEC, 1993.

CASARA, M. Que moda é essa? C&A vende roupas fabricadas por imigrantes em malharias clandestinas. **EM Revista-Observatório Social.** São Paulo, n 10, p.04-15, 2006. Disponível em: < <http://www.observatoriosocial.org.br/portal/sites/default/files/biblioteca/er10.pdf>>. Acesso em 29 de set 2013.

CARLOS, A. **Espaço e Indústria.** Ed. Contexto, São Paulo, 1988.

CARLOS, A. **Espaço-Tempo na metrópole:** a fragmentação da vida cotidiana. Ed. Contexto, São Paulo, 2001.

COSTA, A. C. R. ROCHA, E. R. P. **Panorama da Cadeia Produtiva Têxtil e de Confecções e a questão da Inovação.** BNDS. n 29, p.159-202, Rio de Janeiro, 2009.

COSTA, M. C. L. Planejamento e Expansão Urbana. In: DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (orgs). **De cidade à metrópole:** (trans) formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

COSTA, M. C. L. Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço. In: SILVA, J.B. et al. (orgs). **Ceará: um novo olhar geográfico.** 2 ed. Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 2007.

COSTA, M. C. L. **Expansão da infra-estrutura urbana e dos serviços públicos em Fortaleza (Brasil), na virada do século XIX.** In: Encontro de Geógrafos da América Latina –2005 – Universidade de São Paulo. São Paulo Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina.p.3765-3781.

COSTA, M. C. L. Urbanização da sociedade cearense. In: DAMIANI, A.L.; CARLOS, A.F.A.; SEABRA, O.C.L. **O espaço no fim do século:** a nova raridade. 2ed. São Paulo: Contexto. 2001.

COSTA, M. C. L. **Cidade 2000:** expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza. 1988. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

CHESNAIS, F. A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século. Rev. **Economia e Sociedade**. n° 5, p.1-30. Campinas, São Paulo, dez. 1995.

CHESNAIS, F. A teoria do regime de acumulação financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações.

DAN, WEI. **A China e a Organização Mundial do Comércio**.ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra- Portugal, 2001. **Rev. Economia e Sociedade**. v. 11, n°18, p.1-44. Campinas, São Paulo, jan/jun, 2002.

DANTAS, A W.; TAVARES, M. A. A. Os dois circuitos da economia urbana em João Câmara/RN, Brasil. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, v.11, n.26, p.58-73, mai./ago. 2012. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

DANTAS, E. W. **Comércio Ambulante no Centro de Fortaleza- CE (1975-1995)**. Dissertação. Universidade de São Paulo-FFLCH/USP, 1995.

DANTAS, E. W. O centro de Fortaleza na contemporaneidade. In: SILVA, J.B. COSTA, M.C. et al. (orgs). **De Cidade a Metrópole: (Trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza; Edições UFC, 2009.

DANTAS, E. W. C. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. 2. ed. Fortaleza: UFC, 2011, 103p.

DANTAS, E.W. Metamorfoses do setor terciário e terciarização contemporânea. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza ano 6, n.12, p.18-24, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article>>. Acesso em: 25 set. 2013.

DANTAS, E W. Apropriação do espaço público pelo comércio ambulante: Fortaleza-Ceará-Brasil em evidência (1975-1995).**Geo. critica - Scripta Nova Revista Eletronica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona ,v.9 ,n.202. 2005. Disponível em:<<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-202.htm>>. Acesso em 10 agos.2013.

DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. A formação histórica da Metrópole e principais tendências de desenvolvimento. In: PEQUENO, R.(org). **Como anda Fortaleza**. Fortaleza: Letra Capital, 2009.

DANTAS, G. P. G. Feiras do Nordeste. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**. Fortaleza, Ano7, n.13, p.87-101, 2008. Disponível em:<<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

DAVIS, K. O renascimento urbano e o espírito do Pós-Modernismo. In. KAPLAN, E.(org). **O mal-estar no Pós-Modernismo. Teorias e Práticas**. ed. Zahar, p. 106-116, Rio de Janeiro, 1993.

ELIAS, D. Reestruturação Produtiva da agricultura cearense: ruma á desintegração competitiva e á fragmentação do espaço agrário. In: SILVA, J.B. et al. (orgs). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2° ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

ESTADO, A. Após tragédia que matou mais de 800, Bangladesh fecha 18 confecções. **Estadão, São Paulo**, 29 de jun de 2012. Internacional.

FELIZARDO, P. C. AQUINO, R. D. TOMASSNI, R. Análise das estratégias das empresas do setor de confecções de Nova Friburgo: **um estudo descritivo**. In: **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. 2007, Rio de Janeiro. Anais. p. 01-15.**

FERRAZ, F. T. FIRJAM, A. A. **Uma breve análise acerca do segmento industrial têxtil e de confecção brasileiro pós década de 80 e a competitividade do setor no mercado de Juiz de Fora, MG.** Redige.São Paulo, v 17, n 3, 2011. Disponível em: [www.cetiqt.senai.br/redige](http://www.cetiqt.senai.br/redige)>. Acesso em 12 de maio de 2013.

FERRETI, R. C. **Competição da China:** Considerações sobre os impactos nas empresas de vestuário no Espírito Santo. p. 64. Monografia. Universidade Federal do Espírito Santo. 2006.

FIEC. **PRODIC-** Programa de Desenvolvimento da Indústria de confecção. Relatório da Pesquisa. Fortaleza, 2003.

GUIMARÃES, A. Q. **A Economia Política do Modelo Econômico Chinês:** O Estado, o Mercado e os Principais Desafios. V 20. n 44, p.103-120. . **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 2012.

GENNARI, A. M. **Globalização, Neoliberalismo e Abertura Econômica no Brasil nos Anos 90.** v 13. n 1. p.30-45. **Rev. Pesquisa e Debate**, 2001.

GONZAGA, J. F. **O comportamento das empresas de grande e médio porte do setor de confecções de Goiânia diante do processo de terceirização.** p. 159. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

GOMES, H. **A produção do espaço geográfico no capitalismo-2º ed.** Ed. Contexto São Paulo, 1991.

GOMES, M. **O Debate sobre a Reestruturação Produtiva no Brasil.** V.21, nº 1. **Rev. Raega**, Curitiba, 2011.

G1. Desabamento em Bangladesh deixa ao menos 250 pessoas mortas. Rio de Janeiro, 25 abril de 2013. **Mundo**.

HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna.** Edições Loyola, 1993. São Paulo.

HARDMAN, F. LEONARDI, V. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil** (das origens aos anos 20). 2ºed. São Paulo, ed. Ática, 1991.

HOLANDA, V. C.C. de. **Modernizações e espaços seletivos no Nordeste Brasileiro.** Sobral: conexão lugar/mundo. 2007. 280f. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH/USP, São Paulo, 2007.

HOLANDA, V.C.C. Um estudo dos circuitos da economia urbana na cidade de Cariré- Ceará. **Homem, Espaço e Tempo.** Revista de Geografia da UVA.2009 Fortaleza, ano 3, n 1. Disponível em < [http://www.uvanet.br/rhet/capas/capa\\_rhet.jpg](http://www.uvanet.br/rhet/capas/capa_rhet.jpg)>. Acesso em 07 de jan. 2013.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 21. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 313p.

IBGE. **As micros e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil**. Nº 1. Rio de Janeiro, 2003.

IBGE. **Economia Informal Urbana 1997**: Brasil e grandes regiões. v. 1. Rio de Janeiro, 1999.

JORNALÍSTICA, E. Mais de 300 morrem em incêndio de indústria têxtil no Paquistão. **O DIA**, Rio de Janeiro, 12 set 2012, Caderno Mais.

KREIN, J. D. PRONI, M. W. **Economia Informal**: aspectos conceituais e teóricos. Escritório OIT no Brasil, Brasília, 2010.

KURZ, R. **Com todo vapor ao colapso**. ed. UFJF-Pazulin, Juiz de Fora, 2004.

KROST, O. **Contrato de facção**: Fundamentos da responsabilidade da contratante por créditos trabalhistas dos empregados da contratada. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/10611/contrato-de-facciao>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. n. 24, p.109-123. **GEOUSP**. São Paulo, 2008.

LENCIONI, S. A emergência de um novo fato urbano de caráter metropolitano em São Paulo. A particularidade de seu conteúdo sócio-espacial, seus limites regionais e sua interpretação teórica. *In*: Encontro Nacional da Anpur, 10, 2003, **Anais**. Belo Horizonte, 2003, p.01-13.

LENCIONI, S. A reestruturação da indústria têxtil em São Paulo. v. 10. **Rev do Dep. de Geografia da USP**. São Paulo, 1996.

LENCIONI, S. A mudança no discurso desenvolvimentista face á crise da economia. A falência das políticas públicas de desenvolvimento. v. 6, nº 1. **Rev do Dep. de Geografia da USP**. São Paulo, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002.

LENA, L. CARLHEAL, L. NABUCO, M. **Reestruturação do Espaço Urbano e Regional no Brasil**. ANPUR-HUNTEC. São Paulo, 1993.

LIMA, A. **Gênero, trabalho faccionado e trabalho a domicílio**: as faces da subcontratação na confecção de roupas de Cianorte – PR. *In*: SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1.,2010, Londrina. **Anais eletrônicos...**Londrina: UEL, 2010. Disponível em:<<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/1.AngelaLimapdf.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

LIMA, J. C. Negócios da China; A nova industrialização no Nordeste. N° 49. **Rev. Lua Nova: revista de cultura e política**. Estudos CEBRAP. São Paulo, 1997.

LOPES, J. R. B. **Desenvolvimento e Mudança Social**. Formação da sociedade urbano-industrial no Brasil. 3° ed. Companhia Editora Nacional/MEC, Brasília, 1976.

LUPATINI, M. **Acumulação de capital e recriação de formas “pretéritas” de exploração: a particularidade da atividade de vestuário.** Colóquio Internacional Max Engels, V da Unicamp, São Paulo (2007).

MASCARENHAS, G. Negociando os usos e sentidos da rua: trajetória e representações da feira livre carioca. In: C, CARRERAS, S, M, M, PACHECO (org). **Cidade e Comércio: a rua comercial na perspectiva internacional**, Armazém das Letras, Rio de Janeiro, 2009.

MATOS, J. O. **Os sentidos do trabalho: a experiência de trabalhadores de facções de costura da indústria de confecção no Ceará.** p. 129. Dissertação. Universidade Federal do Ceará, 2005.

MÉO, D. G. Introdução ao debate sobre a metropolização. **Confins**, revista franco-brasileira, v. 4, n 4, p.01-11, 2008.

MELO, P.S. **As Políticas Públicas de Emprego, Trabalho e Renda no Pólo de Confecções do Agreste de Pernambuco:** suas incidências em alguns grupos de mulheres. p. 109. Dissertação. Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

MELO, M.C.P. Competitividade da Pequena Produção Industrial do Nordeste: Uma análise das Potencialidades e Limites do Setor de Confecção. v. 31, n° 2. **Revista Econômica do Nordeste-BNB**, p. 236-261. Fortaleza, 2000.

MESQUITA, E. C. **Informalidade no mercado de trabalho de Fortaleza:** dimensão e características Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho,( SINE/IDT) 2008. 41 p.

MONTENEGRO, R. M. **A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos:** de seu surgimento à sua atualização. V. 53 (1). p. 147-164. Rev. Geográfica da Venezuela, 2012.

HIRATA, G, I. MACHADO, A, F. **Globalização e processo de informalidade.** v. 10, n° 1, p. 123-143. Rev. Econômica. Rio de Janeiro, 2008.

MONTENEGRO, R. M. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano.** O Circuito Inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém. p. 291. Tese. Universidade de São Paulo, 2011.

MONTENEGRO, R. M. O Circuito Inferior Central na cidade de São Paulo em sua relação com A densidade de fluxos e com o meio construído. p.36-47, **Mercator**,n° 08, n 15, Fortaleza, 2009.

MONTENEGRO, R. M. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização.** p. 203. Dissertação. Universidade de São Paulo, 2006.

**NORTH, A. Desabamento em Bangladesh revela lado obscuro da indústria de roupas.** BBC Brasil, 20 abril 2013. **Internacional**

OLIVEIRA, I. P. **Indústria Informal de confecções e mercado de trabalho:** um estudo sobre a Grande Natal (1997-2003). p. 208. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004.

OLIVEIRA, E. L. **Divisão do Trabalho e Circuitos da Economia Urbana em Londrina-Paraná.** p. 326. Tese. Universidade de São Paulo, 2009.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). **A OIT e a Economia Informal: O Trabalho Digno e a Economia Informal,** Resolução da 90ª Conferência Internacional do Trabalho, 2002

Organização Internacional do Trabalho (OIT). **Declaração da OIT sobre a Justiça social para uma Globalização Equitativa,** 97 reunião da Conferência Internacional do Trabalho, Genebra, 2008.

PEREIRA, JR. E. A. Análise de Abordagens Concorrentes sobre Industrialização, Território e Políticas Econômica. v. 1, n. 1. **GeoUECE.** Fortaleza, 2012.

PEREIRA JR, E. A. **Território e Economia Política – Uma Abordagem a Partir do Novo Processo de Industrialização no Ceará.** p. 450. Tese. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

PEREIRA, JR. E, A. **A Alteração sócio-espacial Gerada pelo advento da Indústria nos Municípios de Horizonte e Pacajus – Ce.** Dissertação. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 1996.

PEREIRA, C. **Análise do processo de trabalho das indústrias de confecções da região de Londrina-Paraná,** p. 121 Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, 2006.

PROCHNIK, V. **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil:** Impactos das Zonas de Livre Comércio. UNICAMP, Campinas, 2002.

**PÚBLICO, AGÊNCIA.** Colapso de prédio mata pelo menos 230 pessoas no Bangladesh. Lisboa, 24 de abril de 2013.

**R7.** Bangladesh melhora condições trabalhistas após tragédia no setor têxtil. R7. São Paulo, 23 dez 2013. **Internacional.**

RFI. Acidente em confecção no Camboja deixa 23 feridos. **RFI Português.** Portugal, 20 maio de 2013, Últimas Notícias.

ROSSETI, E. K. BARROS, M. S. TÓDERO, M. JÚNIOR, S. D. M . E, CAMARGO. **Sistema Just in Time:** Conceitos Imprescindíveis. v 7, n° 2. **Rev. Qualit@s,** João Pessoa, 2008.

ROCHA, R. VIANA, F. NUNES, C. NUNES, F. **A Indústria de confecção na Região Nordeste:** gargalos, potencialidades e desafios. In: ENCONTRO NACIONAL DE

ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 28., 2008, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...Rio de Janeiro.** Disponível em: [http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008\\_TN\\_STP\\_069\\_492\\_10700.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_TN_STP_069_492_10700.pdf). Acesso em 10 de abr. 2013.

SANTOS, M. **A Pobreza Urbana.** 3° ed. São Paulo. ed. Edusp, 2009.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido:** Os dois circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. 2 ed. São Paulo, ed USP, 2008.

SANTOS, M. Santos, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo:** Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5° ed. São Paulo: ed. USP, 2008.

SANTOS, M. **Economia Espacial.** Ed. 2°, ed. Edusp, São Paulo, 2007.

SANTOS, M. **Por uma outra Globalização:** do pensamento único á consciência universal, 2 ed. Rio de Janeiro, 2000.

SANTOS, M. **Por uma Economia Política da Cidade.** São Paulo. ed. Hunttec, 1994.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço.** Ed. Hucitec, São Paulo, 1996.

SEABRA, O. C. L. De cidade á Metrópole. **Revista Geografares,** Vitória, n 9, p. 49-79. 2011.

SILVA, J. B. Formação Socioespacial Urbana. In: DANTAS, E. W. C; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (orgs). **De cidade à metrópole:** (trans) formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SILVA, J. B. Características Gerais da Região Metropolitana de Fortaleza. In: DANTAS, E.W.C. et al (Org.). **Vulnerabilidade Socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza.** 1 ed. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SILVA, J. B. Diferenciação socioespacial. **Cidades.** Presidente Prudente v. 4, n. 6, p. 89-100, 2007. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article>. Acesso em: 10 mar. 2013.

SILVA, J.B. Adeus Sudene, que Saudade de Celso Furtado. p. 25-32, **Mercartor,** n° 17, vol. 8, Fortaleza, 2009.

SILVA, J. B. O mercado de trabalho e a cidade brasileira. In: VALENÇA. M.M. (org). **Cidade (i) legal.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

SILVA, J. B. A cidade contemporânea no Ceará. In: SOUZA, S.; PINHEIRO, F. J. **Uma nova história do Ceará.** 4. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007. 447p.

SILVA, J. B. A Região Metropolitana de Fortaleza. In: SILVA, J. B. da. et al. (orgs). **Ceará: novo olhar geográfico.** 2 ed. Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 2007.

SILVA, J. B. Fortaleza, a metrópole sertaneja do litoral. In: SILVA, J. B. ; et al. (orgs.). **Litoral e Sertão:** natureza e sociedade no nordeste brasileiro. Expressão Gráfica, 2006.

SILVA, J. B. Vivendo a cidade: o caso de Fortaleza. In: VASCONCELOS, J.G.; ADAD, S.J.H.C. (orgs.) **Coisas de Cidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2005.

SILVA, J.B. **Nas Trilhas da Cidade**. ed.2°. Museu do Ceará, Fortaleza, 2005.

SILVA, J. B. O sentido da cidade no final do século XX. In: SPOSITO, M.E.B. **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: UNESP, 2001. 643 p.

SILVA, J. B. **Nas trilhas da cidade**. Fortaleza-CE. Museu do Ceará: Secretaria da Cultura e Desporto, 2001.

SILVA, J. B. Discutindo a Cidade e o Urbano In: SILVA, J. B; et al. (orgs.). **A Cidade e o Urbano: Temas para Debates**. Fortaleza: EUFC, 1997.

SILVA, J.B, Costa, M.C.L, Dantas, E.W.C (org) **A cidade e o urbano: temas pardebates**. Fortaleza: EUFC, 1997.

SILVA, J. B. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf, 1992.

SILVA, E. S. **Dinâmica Socioespacial do Comércio Popular de Confeção no Centro de Fortaleza**. Dissertação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SINGER, P. **Economia Política da Urbanização**. 9º ed. São Paulo, ed. Brasiliense, 1983.

SILVEIRA, M. L. **Financias, Consumo e Circuito da Economia Urbana na cidade de São Paulo**. v. 22. nº 55. Rev. CCH, Salvador, 2009.

SILVEIRA, M. L. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. **CDC**, Caracas, v. 21, n. 57, sept. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S101225082004000300002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S101225082004000300002&lng=es&nrm=iso)>. 2004.

SPOSITO, M. **Capitalismo e Urbanização**. ed. Contexto. São Paulo, ver o ano.

SILVA, S. **Reestruturação Produtiva Crise Econômica e os rumos do sindicalismo no Brasil**. Fundação Milton Campos, Conselho de reitores das universidades brasileiras, Brasília 2001. 127 p.

SODRÉ, N. W. **Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil**. 2º ed. Rio de Janeiro, Graphia, 1997.

STAIN, S. J. **Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil-1850-1950**. Rio de Janeiro, ed. Campus, 1979.

SOUZA, L. B. L. **Pequena Produção Urbana e sua articulação com movimento do capital: o caso do setor de confecções em Fortaleza-Ceará**. SENAI-CE. Fortaleza, 1990. 169p.

SOUZA, L. L. C. **Decisões de Terceirização e as Práticas em Gestão do Fator Humano: Análise nas Grandes Indústrias Cearenses de Confecção**, p. 208. Dissertação. FEAAC-Universidade Federal do Ceará, 2005.

SOUZA, M. S. Análise da Estrutura Urbana. In: DANTAS, E. W. C; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (orgs). **De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E; et al. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

TERRA. Incêndio em fábrica de roupas mata 8 em Bangladesh, diz polícia. **Portal Terra**. São Paulo, 08 de maio de 2013. ASIA.

VIANA, F.L E. **A indústria têxtil e de confecções no Nordeste: Características, desafios e oportunidades**. Série ETENE nº 6, BNB. Fortaleza, 2005.

VILASBOAS, J. P. O. **A Subcontratação do Trabalho no Setor de Confecção em Jaraguá-GO**. In. CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO TRABALHO, 7. 2013. PUBLICAÇÃO DOS ANAIS EM OUTUBRO. <http://www.alast2013.com.br/anais-eletronicos.asp>

## SITES

<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2008/01/quem-gosta-de-design-e-moda-em-suas.html> Acesso: 16 de junho de 2013.

<http://www.marcasderoupas.com/zara/> Acesso: 16 de junho de 2013.

<http://www.pvh.com/brands.aspx> Acesso 15 de junho de 2013.

<http://lista10.org/dinheiro/as-10-marcas-de-luxo-mais-poderosas-do-mundo-2011/> Acesso: 14 de 2013.

<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,apos-tragedia-que-matou-mais-de-800-bangladesh-fecha-18-confeccoes,1029699,0.htm> Acesso: 29 de junho de 2013.

<http://www.publico.pt/mundo/noticia/colapso-de-predio-mata-mais-de-80-pessoas-no-bangladesh-1592329#/0> Acesso em 29 de junho de 2013.

<http://noticias.terra.com.br/mundo/asia/incendio-em-fabrica-de-roupas-mata-8-em-bangladesh-diz-policia,32fcfb069748e310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html> Acesso: 27 de junho de 2013.

<http://www.publico.pt/mundo/noticia/detidos-dois-responsaveis-de-confeccoes-do-predio-que-ruiu-no-bangladesh-1592663> 29 de junho de 2013.

<http://m.g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/novas-detencoes-e-busca-por-sobreviventes-no-desabamento-em-bangladesh-1.html> Acesso: 29 de junho de 2013

<http://m.g1.globo.com/mundo/noticia/2013/05/industria-textil-reabre-em-bangladesh-oito-dias-apos-tragedia.html> Acesso: 30 de junho de 2013.

<http://www.portugues.rfi.fr/geral/20130520-acidente-em-confeccao-no-camboja-deixa-23-feridos> 29 de junho de 2013.

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/04/130428\\_bangladesh\\_tragedia\\_lado\\_obscuro.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/04/130428_bangladesh_tragedia_lado_obscuro.shtml) Acesso: 18 de junho 2013

[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2013/04/25/interna\\_mundo,362450/governos-e-grifes-sao-indiferentes-a-miseria-do-setor-textil-em-bangladesh.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2013/04/25/interna_mundo,362450/governos-e-grifes-sao-indiferentes-a-miseria-do-setor-textil-em-bangladesh.shtml) Acesso: 29 de junho de 2013

<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/zara-anuncia-alta-de-1-38-no-lucro-trimestral> Acesso: 25 de junho de 2013

<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/recebe-alta-ultima-sobrevivente-de-desabamento-de-bangladesh> Acesso: 29 de junho de 2013.

<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/trabalhadores-ficam-doentes-em-fabrica-textil-de-bangladesh> 30 de junho de 2013

<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/marcas-ocidentais-sao-cruciais-na-seguranca-de-bangladesh?page=2> 29 de junho de 2013

<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/responsaveis-por-desabamento-poderao-pegar-prisao-perpetua> 18 de junho de 2013

<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/confrontos-entre-policiais-e-operarios-em-bangladesh> 17 de junho de 2013

<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/bangladesh-aumentara-salario-minimo-e-permitira-sindicatos-no-setor-textil> 23 de junho de 2013

<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/pelo-menos-oito-mortos-em-confeccao-em-bangladesh> 29 de junho de 2013

<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/producao-de-vestuario-assinala-alta-de-5-33-em-janeiro-2> 28 de junho de 2013

<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/la-paz-brasil-empregaria-como-escravos-de-50-00-a-100-000-bolivianos> 29 de junho de 2013

<http://exame.abril.com.br/economia/noticias/varejo-do-vestuario-critica-salvuardas-a-industria> 18 julho de 2013.

<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/10-bilionarios-do-mundo-da-moda> Acesso: 17 de junho de 2013.

<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/incendio-em-fabrica-de-roupas-mata-oito-em-bangladesh> Acesso: 15 de junho de 2013

<http://www.diarioliberalidade.org/brasil/laboral-economia/35915-trabalho-escravo-%C3%A9-flagrado-em-confec%C3%A7%C3%A3o-ligada-%C3%A0s-lojas-americanas.html> Acesso: 29 de junho de 2013.

<http://confeccaoemoda.blogspot.com.br/2012/09/mais-de-300-morrem-em-incendio-de.html> Acesso: 10 de julho de 2013.

<http://www.infoescola.com/paquistao/economia-do-paquistao/> Acesso: 10 de julho de 2013.

<http://site.lupo.com.br/> Acesso 01 de agosto de 2013.

<http://ellus.com/> Acesso 01 de agosto de 2013.

[http://investidores.cambuci.com.br/site/index.php?acao=paginas&pagina\\_id=1&id\\_pai=1](http://investidores.cambuci.com.br/site/index.php?acao=paginas&pagina_id=1&id_pai=1) Acesso 02 de agosto de 2013.

<http://www.hm.com/entrance.ahtml?orguri=/> Acesso 02 de agosto de 2013.

<http://www.primark.com/whats-new> Acesso 03 de agosto de 2013.

<http://www.zara.com/> Acesso em 30 de junho de 2013.

<http://www.cea.com.br/> Acesso em 03 de agosto de 2013.

<http://www.americanas.com.br/> Acesso em 03 de agosto de 2013.

## APENDICE 1



### A DINÂMICA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA NA INDÚSTRIA DE CONFECCÃO EM FORTALEZA-CEARÁ

Entrevistador \_\_\_\_\_ Questionário n° \_\_\_\_\_ Local da Pesquisa: \_\_\_\_\_

#### 1-Identificação do Entrevistado:

Idade \_\_\_\_ - Sexo: M( ) F( ) Estado Civil: Casado ( ), Solteiro ( ), Outros ( )

#### Escolaridade:

Ensino Fund. Incompleto ( ), Ensino Fund. Completo ( ), Ensino Médio Completo ( ), Ensino Superior Completo ( ), Ensino Superior Incompleto ( ).

#### 2-Atividade

Proprietária da Confeccão ( ), Proprietária da Facção ( ), Funcionária da Confeccão ( ), Funcionária da Facção ( ).

#### 3-Se Proprietária:

Desde quando possui a confeccão ou a facção?

Qual principal tipo de confeccionado montado?

Possui quantos funcionários?

Já trabalhou como costureira(o) SIM ( ), Não ( ), quanto tempo?

#### 4-Se Funcionária:

Desde quando trabalha em confeccão ou facção?

Já trabalhou em outras atividades?

Quantas horas trabalha por dia?

O pagamento é feito em salário ou produção?

Pretende montar sua própria confeccão ou facção?